



CYRO DE MATTOS
(Organização, Prefácio e Notas)

O CONTO
EM VINTE
E CINCO
BAIANOS



O CONTO
EM VINTE E CINCO BAIANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

CONSELHO EDITORIAL

MARIA LUIZA NORA — PRESIDENTE

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO

ANTÔNIO ROBERTO DA PAIXÃO RIBEIRO

FERNANDO RIOS DO NASCIMENTO

JAÊNES MIRANDA ALVES

JORGE OCTAVIO ALVES MORENO

LINO ARNULFO VIEIRA CINTRA

LOURIVAL PEREIRA JUNIOR

MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES

MARIA NEUSA DE OLIVEIRA

MARILEIDE SANTOS OLIVEIRA

RICARDO MATOS SANTANA

RONAN XAVIER CORRÊA

Organização, Prefácio e Notas de
CYRO DE MATTOS

O CONTO
EM VINTE E CINCO BAIANOS

1ª EDIÇÃO ATUALIZADA



Ilhéus
2009

© 2000 By CYRO DE MATTOS

1ª EDIÇÃO ATUALIZADA - 2009

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

EDITUS — Editora da UESC

Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 — 45650-000 — Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel: (073) 3680-5028 — Fax (073) 3680-5240

www.uesc.br / editus@uesc.br

DIRETORA DA EDITORA

MARIA LUIZA NORA

DIRETOR DA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

LUIZ HENRIQUE FARIAS

PROJETO GRÁFICO

GERALDO JESUÍNO — UFC

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: GEORGE PELLEGRINI

ARTE DIGITAL UTILIZANDO COMBINAÇÕES DE EFEITOS DO PHOTOSHOP E PHOTO-PAINT SOBRE FOTOGRAFIA

FICHA CATALOGRÁFICA

ELABORADA POR ELISABETE PASSOS DOS SANTOS

REG. No CRB/5 Nº 533

C763 O conto em vinte e cinco baianos / organização, prefácio e notas de Cyro de Mattos. 2.ed. Ilhéus: Editus, 2009. 272 p.

ISBN 85-7455-019-1

1. Contos brasileiros. I. Mattos, Cyro de (org.). II. Série

CDD-869.9301

PRINTED IN BRAZIL

ISBN

Para
Dias Gomes (em memória)
e Jorge Amado (em memória)

Sumário

NO REINO DO CONTO (INTRODUÇÃO)	9
ADONIAS FILHO	
A MOÇA DOS PÃEZINHOS DE QUEIJO	17
ALEITON FONSECA	
O SORRISO DA ESTRELA	35
ARAMIS RIBEIRO COSTA	
DEZ ANOS DEPOIS	43
ARIOVALDO MATOS	
ROSA TEM FEBRE DEMAIS	51
CYRO DE MATTOS	
CORONEL, CACAUEIRO E TRAVESSA	57
DIAS DA COSTA	
COMO UM VELHO SAVEIRO	71
ELVIRA FOEPPPEL	
O ALEIJADO	77
GLÁUCIA LEMOS	
TUPAC AMARU	85
GUIDO GUERRA	
AS CURVAS DA TOCAIA NO ALTO DA MARAVILHA	91
HELENA PARENETE CUNHA	
A CASA É A CASA	103
HÉLIO PÓLVORA	
O OUTONO DO NOSSO VERAÔ	111
HERBERTO SALES	
CASA DOS TRINTA	123
HUMBERTO MARIOTTI	
HORÁRIO DE EXPEDIENTE	135

JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES	
A CAMPAINHA ASSASSINA	145
JOÃO UBALDO RIBEIRO	
ALANDELÃO DE LA PATRIE.....	155
JORGE MEDAUAR	
O APITO.....	165
LUIZ AFONSO COSTA	
DEUS NUMA SEGUNDA-FEIRA	175
LUÍS HENRIQUE	
ALMOÇO POSTO NA MESA.....	189
MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS	
UM CASO COMPLICADO*	195
ORLANDO PEREIRA DOS SANTOS	
FELIZ ANIVERSARIO!	207
RICARDO CRUZ	
O DESEJO E SUA DANÇA	213
RUY ESPINHEIRA FILHO	
EMÍLIA.....	227
RUY PÓVOAS	
A OUTRA PONTA DO ARCO-ÍRIS.....	237
SÔNIA COUTINHO	
NA PENUMBRA	249
VASCONCELOS MAIA	
UM SAVEIRO TEM MAIS VALIA.....	259

NO REINO DO CONTO

CYRO DE MATTOS

Críticos brasileiros e estrangeiros, com suas observações e juízos, vêm contribuindo para definir o conto, mas a sua variedade dificulta uma definição satisfatória, bem como a sua expressão que se funde com outras manifestações literárias, a poesia e o drama. Convém lembrar que o conto moderno incorpora à estrutura elementos de outras áreas artísticas, como o cinema, o teatro, as artes plásticas e a música. Intercomunica-se com outras manifestações culturais, como a imprensa e a mídia eletrônica, cuja linguagem vem afetando os códigos e os cânones da literatura brasileira nos tempos atuais.

O conto vem dos tempos primitivos. A mais antiga expressão da literatura de ficção atravessou séculos para, na forma escrita, tornar-se leitura prazerosa e/ou crítica do mundo. O interesse do homem pelas histórias, forte e insaciável, sempre o acompanhou, antes mesmo que ele fizesse armas de pedra como extensão da mão para se defender e sobreviver.

Entre nós, não a narrativa oral, o conto começou a ser cultivado como entidade literária durante o Romantismo. Impregnado dessa escola, estilo ou tendência, foi que surgiu uma vocação autêntica para expressar o conto em textos autônomos, elevando-o, em sua composição e arte, a uma categoria importante.

Pesquisar a presença e evolução do conto no Brasil terá como momento maior o de encontro com Machado de Assis no século XIX. Com o autor de “Papéis Avulsos”, que praticou a prosa de ficção curta com a mesma maestria que se vê nos seus romances, a narrativa tradicional incorporou o corte vertical à estrutura para a ficcionalização do mundo, permitindo a criação de um clima na sondagem da alma humana em seu instante de vida.

Nos fins do século XIX e princípio do XX, o conto brasileiro buscou no espaço geográfico os elementos necessários para representar a vida: linguagem, personagens, ação, cenas e costumes capazes de fixar a paisagem humana e física de um país telúrico. Ao desdobrar na história os

elementos do espaço geográfico, o conto dessa época credenciou-se através de uma vertente regional, em que se destacam o paulista Valdomiro Silveira, o gaúcho J. Simões Lopes Neto, o mineiro Afonso Arinos e o goiano Hugo de Carvalho Ramos.

Com o Modernismo, que se mostrou primeiro com a poesia e depois com o romance, nacionalizando nossos temas, autores sensíveis introduziram modificações nos elementos tradicionais do conto. A linguagem deixou de ser convencional, desprezou-se a fabulação acadêmica que fazia com que o hedonista escondesse o imaginário, mascarando-se em seu relacionamento interior com o mundo. Nesse momento do conto brasileiro, em que a fabulação deixou de acontecer linearmente, sobressaem Mário de Andrade, com a valorização da nota lírica justaposta à dispersão do enredo, e Antônio de Alcântara Machado, transpondo o popular ao nível literário, incorporando um novo personagem à literatura brasileira, o ítalo-brasileiro. Cabe lembrar antes o impressionista Adelino Magalhães, com o seu jeito espontâneo de flagrar a vida, recortá-la num instante que se esgota em si mesmo, documentando-a numa cena para deixar no leitor aquela impressão que causa pena, solidariedade e riso. Vive-se então o dramático, o conto passa a exhibir a vida como se fosse filmada e não contada.

Na evolução do nosso conto, dois caminhos divergentes, próprios da literatura, podem ser visualizados: o do elogio da linguagem com o seu fetichismo e o da linguagem descarnada. Por esses caminhos o Brasil tornou-se, de uns tempos para cá, um país de admiráveis contistas. Lembrando alguns nomes dessa contística maior, cito, na fatura psicológica, Lígia Fagundes Telles, Samuel Rawet, Tânia Faillace; nas localizações geográficas com apelos universalistas, João Guimarães Rosa, Adonias Filho, Bernardo Élis, Ricardo Ramos (na primeira fase) e Caio Porfírio Carneiro quando tematiza o Nordeste, assim como nas aculturações humanísticas dessa tendência, Juarez Barroso, Flávio José Cardozo e João Ubaldo Ribeiro; na propensão alegórica, através de espaços atemporais intercomunicantes, José J. Veiga, Murilo Rubião e Maria Lysia Corrêa de Araújo; no real captando pedaços de vida, com o autor participando e julgando o mundo no cotidiano violento, de solidão, miséria, medo, sonhos incabíveis, sentimentos perversos, humor de cenas ordinárias que causam espanto, riso e/ou pena, Rubem Fonseca,

João Antonio, Dalton Trevisan, Luís Vilela, José Edson Gomes, Edilberto Coutinho e Wander Pirolí; na experimentação da linguagem poética como mergulho na situação existencial do indivíduo, criando a atmosfera no lugar do enredo, Clarice Lispector, Waldir Ayala, Maura Lopes Cançado, Nélida Piñón, Helena Parente Cunha e Elias José.

Alegórico, documental, psicológico, impressionista, supra-real, regional de alcance universal, de antecipação na corrente de ficção científica, o conto no Brasil circula hoje em sua dimensão própria, convincente, não como aprendizado para o autor dar o passo mais largo e definitivo de romancista, como muitos concebiam. Críticos apontam que há nesse conto emancipado feito entre nós hoje a inevitável influência de latino-americanos no caminho de hedonistas jovens, porém, nossos contistas não são mais situados com referências a escritores estrangeiros: Maupassant, Tchecov, e Mansfield. Consolidado na trajetória ficcional que ilude na síntese, o conto brasileiro contemporâneo circula com a sua marca própria, seu legítimo acento, sua feição eficaz e atraente.

Toda antologia depende do gosto pessoal de quem organiza. Antologia diz seleção, julgamento e informação. Como os juízos críticos não são absolutos, longe de se atribuir completude a esta antologia de contistas baianos contemporâneos. Não será, portanto, exceção quanto às omissões e melhor escolha do texto.

Critérios foram estabelecidos para a organização do livro. Um deles é o de ter o autor nascido na Bahia, daí se ver a ausência de contistas conceituados como Marcos Santarrita, Nelson de Araújo, Judith Grossman, Ayeska Paulafreitas e Herman Lima, presenças significativas nas letras baianas, mas que vêm de outros estados. Outro critério diz respeito ao autor ter publicado livro de contos. Não se pretendeu fazer uma antologia de contistas publicados apenas em outras antologias, de bissextos que aparecem em revistas e jornais, ou de inéditos. Com pena justifica-se então a ausência de Jorge Amado, o notável romancista baiano do mundo; de Ildásio Tavares, James Amado, Fernando Ramos e Luís Carbogini Quaglia, contistas dos bons, para não mencionar aqui outros nomes importantes no gênero.

Na antologia “O Conto em Vinte” e Cinco Baianos” há histórias para todos os gostos:

De amor, “A Moça dos Pãezinhos de Queijo”, Adonias Filho; de adolescência com acento intimista, “O Sorriso da Estrela”, Aleilton Fonseca; narrativo à feição clássica com incursão no fantástico, “Dez Anos Depois”, Aramis Ribeiro Costa; poético com suas notações oníricas, “Rosa Tem Febre Demais”, Ariovaldo Matos; regional de alcance universal, “Coronel, Cacaueiro e Travessia”, Cyro de Mattos; do mar, “Como um Velho Saveiro...”, Dias da Costa, e “Um Saveiro Tem Mais Valia”, Vasconcelos Maia; de experimentação de linguagem e preocupado com a técnica, sem desprezar o teor humano tenso, “O Aleijado”, Elvira Foeppel, e “A Casa é a Casa”, Helena Parente Cunha; alegórico, “Tupac Amaru”, Gláucia Lemos; de costumes com moralismo humanista, “As Curvas da Tocaia no Alto da Maravilha”, Guido Guerra; impressionista em torno de amorosa despedida, pungente nos tons crepusculares, “O Outono do Nosso Verão”, Hélio Pólvora; surrealista, “Horário de Expediente”, Humberto Mariotti, “Almoço Posto na Mesa”, Luís Henrique, e “Um Caso Complicado”, Maria da Conceição Paranhos; de humor, “Casa dos Trinta”, Herberto Sales; de narrativa tradicional simbolizando o social, “A Campanha Assassina”, João Carlos Teixeira Gomes; de linguagem debochada no espaço rural em que entra bicho, “Alandelão de Ia Patrie”, João Ubaldo Ribeiro; de infância, “O Apito”, Jorge Medauar, e “Emília”, Ruy Espinheira Filho; de situação existencial, “Deus numa Segunda-Feira”, Luís Afonso Costa; psicológico, “Feliz Aniversário!”, Orlando Pereira dos Santos; de sabedoria enredado no mundo do candomblé, “A Outra Ponta do Arco-Íris”, Ruy Póvoas; erótico, “O Desejo e Sua Dança”, Ricardo Cruz, e “Na Penumbra”, Sônia Coutinho.

Conto é aquilo que conta alguma coisa, desenvolvendo-se a história nos momentos de princípio, meio e fim, acham os clássicos. Síntese de emoção aguda, acidente de vida, tensão e concisão no espaço que prevalece sobre o tempo, acham os modernos. Seja como for, encontrará o leitor nesta antologia, a par do prazer da leitura, senão todos, a maioria dos nomes representativos do conto baiano contemporâneo.

Em legítima escritura, o leitor encontrará um feixe de observações, o dizer sobre coisas agudas em informações lúcidas. Pelo imaginário, temática pessoal, densidade, linguagem tradicional ou ligada à vanguarda as gradações e variações da condição humana: ternura, sentimentos baixos, humor,

conflitos, a máquina do sistema na crueldade de seu absurdo, o dilema da razão a gerar insegurança, abandono, contradições e perplexidades.

Na sensação de que o mundo é falho, participará, enfim, do mistério do viver sob o trânsito dos humanos, o qual alcança hoje ritmo veloz, que cada vez mais assusta, subversão constante dos valores como premonição do caos, a que o conto como instante de reflexão, testemunho fragmentário do real ou em sua visão metaforizada do mundo, atingindo o micro no macro, tão bem se ajusta. Ainda assim, visto esse estar crítico do ser humano na trama, acena das fissuras a esperança como possibilidade do amor, vocação que o indivíduo é possuidor em sua problemática para aflorar das rupturas e reconstruir o mundo.

OBRAS CONSULTADAS

GOMES, Celuta e AGUIAR, Thereza da Silva. **Bibliografia do Conto Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

HOHLFELDT, Antônio. **Conto Brasileiro Contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto Editora, 1981.

LINHARES, Temístocles. **22 Diálogos Sobre o Conto Brasileiro Atual**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

LIMA, Herman. **O Conto**. Publicações da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1958.

MAGALHÃES Jr., R. **A Arte do Conto**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1982.

Adonias Filho

Nasceu na Fazenda São João, em Itajuípe, antiga Pirangi, no sul da Bahia, em 1915. Contista, romancista, ensaísta e tradutor. Como romancista é autor de “Os Servos da Morte” (1946), “Memórias de Lázaro” (1952), “Corpo Vivo” (1962) e “As Velhas” (1975), dentre outros. Ocupou cargos importantes na vida cultural do Brasil: diretor do Instituto Nacional do Livro, do Serviço Nacional do Teatro, da Biblioteca Nacional, da Agência Nacional, presidente do Conselho Federal de Cultura e membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra foi traduzida para o inglês, espanhol, alemão e eslovaco. Pelo conjunto da obra recebeu o Grande Prêmio de Ficção da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Transita com forte inventiva e segurança técnica impressionante tanto no romance como na novela e no conto. Seus personagens também narram, os diálogos acontecem no tempo exato, estilizando e recuperando o idioma. Consegue projetar em seus dramas uma atmosfera de grande densidade humana, grande força conflitiva, grande tragicidade.

O texto “A Moça dos Pãezinhos de Queijo” foi escolhido do livro *O Largo da Palma*, 1981. Faleceu no dia 5 de agosto de 1990, na Fazenda Aliança, de sua propriedade, no interior de Ilhéus.

A MOÇA DOS PÃEZINHOS DE QUEIJO

É preciso conhecer o Largo da Palma, tão velho quanto Salvador, para saber onde fica a casa dos pãezinhos de queijo. Cercam-no os casarões antigos que abrem passagens para as ruas estreitas e para uma ladeira pequena e torta que também se chama da Palma. E, se o largo e a ladeira são da Palma, é porque lá está a igreja que lhes empresta o nome. Humilde e enrugadinha, com três séculos de idade, nada ali acontece que não testemunhe em sua curiosidade de velha muito velha. E, assim de frente para a ladeira que desce no caminho da Baixa dos Sapateiros, vê e ouve tudo o que se faz e fala na casa dos pãezinhos de queijo.

Na esquina, onde a ladeira começa, é precisamente aí que fica a casa dos pãezinhos de queijo. A casa é casa porque a tabuleta, em tinta azul e por cima da porta, a chama de casa: “A Casa dos Pãezinhos de Queijo”. Na verdade, uma lojinha do tamanho de um pequeno quarto encravada no magro e alto sobrado de três andares. E porque ali vive um bocado de povo. Cobertas coloridas enfeitam as janelas e a gritaria dos rádios sufoca os pregões dos vendedores de frutas da Bahia. Essa gritaria toda — rádios abertos e pregões na ladeira — jamais perturbaram Joana, a viúva, que mora no primeiro andar. O marido, ao morrer, deixara-lhe estas duas coisas: a terça parte daquele andar

e a casa dos pãezinhos de queijo.

A filha, e porque era gente, não podia se contar entre aquelas coisas. Roberto Militão, o pai, morrera a lhe pedir que não abandonasse a mãe. “Tome conta de sua mãe, Célia, que presta um favor a Deus”. E, desde que o pai morrera, dividia o trabalho com a mãe. É por isso que a mãe, no andar de cima, faz os pãezinhos de queijo. E ela os vende na loja, embaixo, com a freguesia aumentando dia a dia. Já dissera mesmo à mãe:

— O negócio está crescendo, mãezinha, e precisamos de alguém que ajude no forno.

Na vizinhança de três quarteirões, se alguns se referem aos pãezinhos de queijo do Largo da Palma, todos comentam a delicadeza de quem os vende. Moça de dezoito anos, cabelos de carvão que chegam aos ombros, olhos também negros que combinam com a pele amorenada, Célia sempre usa blusas apertadas que denunciam os pequenos seios. A parede de fundo, atrás do balcão, é branca porque pintada de cal. Frente a esta parede, a vender no balcão os pãezinhos de queijo, Célia mais embeleza a sua própria beleza. E para muitos, talvez por causa do riso alegre, a sua voz é tão macia quanto os pãezinhos de queijo.

Doce e macia, ao lado do riso alegre, a voz da moça é música melhor de ouvir-se, nas manhãs de domingo, que o próprio órgão da igreja. Todos dizem, no sobrado inteiro, que é como um trinado de pássaro. Já houve mesmo quem afirmasse:

— Tem som mais bonito que o canto do pássaro.

Esta voz ele escuta pela primeira vez, agora, ao receber o pacote com os pãezinhos de queijo. Comprime o embrulho com as mãos e, voltando-se, ganha o Largo da Palma muito apressado. É instante de grande alarido — seis horas da tarde com a noite, que se aproxima, apressando o formigueiro humano na ladeira — mas nada permanece a não ser a voz que acabara de ouvir. Anda, quase a correr, com a voz nos ouvidos.

E apenas quando abre a porta — sabendo que a irmã foi

para a Faculdade, o pai para a fábrica de pregos e que encontrará a avó na sala, muito viva, sentada na poltrona, a ler o jornal — é que a si mesmo se pergunta como é o rosto da moça. Tenta lembrar-se, esforça-se mesmo para isso, mas é como se não o houvesse visto. No último instante, quando já estava saindo, ela disse: “Tenha cuidado para não amassar os pãezinhos de queijo”. A voz permanecera e de tal modo está ali que receia venha a avó escutá-la.

— São os pãezinhos de queijo? — a avó pergunta, ao receber o pacote, sem afastar os olhos do rapaz.

Ele fecha a mão e ergue o polegar a dizer, com o gesto, que são os pãezinhos de queijo. É assim que responde, escrevendo ou gesticulando, porque é mudo. Ouve muito bem e tanto isso é verdade que, com a música, adora os ruídos das ondas do mar, do vento nos coqueiros e os cantos dos pássaros. Falar, porém, não fala. Expressa-se com as mãos e o rosto. E ninguém melhor o sabe que a avó — baixinha, quase branca de leite, os olhinhos azuis — que, desde que ele nasceu, foi e continua sendo a sua verdadeira mãe.

— Meu Gustavinho mudo! — sempre diz, exclamando.

Ela, a avó, quem pedira para que ele fosse buscar os pãezinhos de queijo. Ouvira falar muitas vezes daqueles pãezinhos do Largo da Palma, todos os elogiavam, vinha gente de longe para comprá-los. Curiosidade ou lá o que fosse, pedira ao neto que os comprasse. E, porque era sempre assim com Gustavo — anotava em folhas soltas de papel tudo o que lhe pediam para comprar —, escreveu em letras grandes a lápis vermelho: “Meio quilo de pãezinhos de queijo”.

Agora, já que entregara o pacote à avó, era como se tivesse as mãos livres para segurar a voz da moça dos pãezinhos de queijo. E, como sempre acontecia ao sentir-se emocionado, refugiou-se no quarto para acalmar os nervos. Ali, no quarto amplo e arejado, estavam as caixinhas de música que, desde a infância, constituíam o seu mundo e poderiam marcar os seus dezenove anos de vida. A mãe as trouxera nos primeiros aniversários quando, precisamente no quinto aniversário, desaparecera por encanto. E dela se lembrava vagamente,

face muito branca, assim perdida numa espécie de nevoeiro. A avó, mãe do pai, pedira-lhe muitas vezes que não indagasse e não se preocupasse porque ela era uma doente que jamais sairia do hospital.

— “Que doença?” — escrevera, perguntando.

— Uma doente da cabeça! — a avó exclamara, em tom enérgico, cortando as perguntas.

As caixinhas ali estão, espalhadas pelo quarto, em formatos os mais diversos, com músicas alegres. Gosta de ouvi-las enquanto as horas escoam, minuto a minuto, como água num filtro. Dentre todas, porém, prefere a do piano, a de som muito leve, a que sempre o fez pensar que os homens deviam falar música. É a esta que põe a funcionar, logo entra no quarto, excessivamente inquieto. E, assim escuta as primeiras notas, acha que não é muito diferente a voz da moça. Acalma-se aos poucos, aquilo é um sedativo, sente-se como se estivesse a ouvi-la. Não, não há dúvida!

Há música, muita música mesmo, na voz da moça dos pãezinhos de queijo.

Dia seguinte, quando a tarde começa a cair e embora a avó nada pedisse, toma a direção do Largo da Palma. Queira ou não, tem que ir, aproximar-se, ouvir mais uma vez a moça dos pãezinhos de queijo. Não importam as ruas, os sobrados e as casas. E muito menos os que andam, sempre apressados, nos passeios estreitos. O que deseja, no íntimo, é retroceder, meter-se pela rua do Bângala, fugir. As pancadas do coração, porém, ordenam que prossiga. Mas, prosseguir, para quê? É um homem sem voz que, ao tentar falar, consegue apenas guinchar como um bicho. O melhor a fazer, pois, é recuar, desaparecer, jamais rever a moça dos pãezinhos de queijo.

Avança, porém, contra a própria vontade. Alguma coisa, talvez a timidez, obriga-o a deter-se. Não está muito longe, é verdade, mas também não está muito perto. Está no pátio da igreja, de pé, e tanto assim que vê as luzes se acenderem no Largo da Palma. E, com o coração aos saltos, os olhos voltados para a “Casa dos Pãezinhos

de Queijo”, aguarda a coragem de que tanto necessita. Ah, fosse um rapaz como os outros e pudesse falar! Observa, porém, que muitos são os que entram para comprar os pãezinhos de queijo. Aproxima-se e, já agora, entra com enorme decisão.

A moça ali está, no balcão, a atender a todos com o mesmo riso. Bom é o cheiro dos pãezinhos de queijo que impregna o ar. Respira este ar, um pouco atrás, deixando-se ficar para que seja o último a ser atendido. Os olhos, porém, dela não se afastam. Parece-lhe linda assim, com a blusa branca, o riso alegre, os negros cabelos caindo até os ombros. É quando ouve a mulher que, ao receber os pãezinhos de queijo, pergunta muito alto:

— Como vai, Célia, como vai?

Célia, chama-se Célia! Tempo não tem de deter-se sobre o nome porque a sala já se esvazia. Ninguém mais, agora, a não ser ele, o soldado e a ruiva tão gorda e baixota que lembra um barril de cerveja. Recua um pouco e coloca-se atrás do soldado, quase junto ao balcão, a observar a moça que embrulha meia dúzia de pãezinhos de queijo para a ruiva. O soldado que compra apenas um e, comendo ali mesmo, logo se retira.

E, finalmente, um frente ao outro, ele e a moça dos pãezinhos de queijo. Ergue a cabeça e, vendo o rapaz como se não estivesse a vê-lo, ela indaga:

— Quantos pães?

Indagou assim, automaticamente, como indaga a qualquer freguês. Não tendo a resposta, indaga novamente:

— Quantos pães?

A resposta não vem e, por isso, concentra a atenção, surpreendida, frente ao rosto congestionado. E, quando o vê levar a mão à boca e já agora bastante agitado, conclui que o rapaz é mudo. Logo ele confirma porque, subindo a mão ao bolso da camisa, puxando o lápis e o pequeno bloco de anotações, escreve em letra de imprensa: “Quero meia dúzia dos pãezinhos de queijo”. A letra é firme, quase um desenho, ela observa e então se pergunta se ele também é surdo.

E, para certificar-se, fala baixinho e diz:

— Os pãezinhos se acabaram. O soldado comprou o último.

Agora, assim tão perto, sabe que a voz da moça dos pãezinhos de queijo é realmente bela. Tem que mantê-la falando de qualquer maneira e, se não há pães e nem fregueses, deve aproveitar a oportunidade para fazê-la falar. Acha ridículo escrever, porém, para que a moça leia, que a voz dela lhe faz tanto bem que é mesmo como um remédio. Antes de tudo, porém, deve esclarecer que não é surdo. E, apoiando-se no balcão, escreve: “Não sou surdo e, porque ouvi, sei que você se chama Célia”. A moça lê e, sentindo mais que percebendo, não tem dúvida de que ele ali não fora pelos pãezinhos de queijo. Fora para declarar-se como um namorado.

É a hora de fechar a porta e tanto que no Largo da Palma, sempre mal-iluminado que parece em penumbra, já não há movimento. A mãe não tardará em descer para contar a fêria do dia. Alguma coisa a segura, porém, e impede que recue um passo. Afastar-se, não pode. Permanece, pois, fascinada pelo rapaz que não fala e que de rosto faz lembrar um dos anjos da igreja. E, como agora repara muito interessada, acha-o realmente tão bonito quanto o anjo. Sabe que não esquecerá jamais, com os cabelos negros e os olhos cor de avelã, o rosto do rapaz que reflete enorme amor de homem.

A mão no papel, a mão de dedos longos, que escreve a pergunta: “Posso voltar amanhã?” Lê e responde que sim, pode voltar amanhã. Antes que ele deixe a loja, porém, contorna o balcão para acompanhá-lo até a porta. Aí, na porta, quando quer perguntar-lhe o nome, lembra-se de que ele é mudo. Diz, então, que, voltando amanhã, será melhor que a espere do lado de fora. E acrescenta, em tom muito baixo, como se revelasse um segredo:

— Lá fora, às oito da noite, no pátio da igreja.

A mãe, logo termina de contar o dinheiro, percebe que Célia não é a mesma. A gaveta ainda aberta, o dinheiro no balcão, todos os pãezinhos de queijo vendidos. E por que a filha parece distante? E

por que ao contar o dinheiro, tinha as mãos trêmulas? E, sobretudo, por que evita os seus olhos como se neles temesse a curiosidade? Mas, porque tem muito o que fazer no andar de cima, sobe com a filha, em silêncio, sem nada perguntar. Célia, subindo, não sente o peso dos cestos vazios que carrega. Os cestos que, na tarde seguinte, ela trará cheios de pãezinhos de queijo.

— Boa noite, mãezinha — diz após o banho e a pequena refeição, quando se recolhe ao quarto.

Fecha a porta e logo se atira na cama. Os olhos estão fechados, é verdade, mas a imagem do rapaz subsiste na escuridão. Como entender o que acontece? Homem ele já é com o peito largo e forte que é quase de um lutador. Alto e belo como uma árvore. E por que — Senhora Santa da Palma — e por que é mudo? Nasceu assim? Houve um acidente? Doença? Tudo o que sabe é que jamais se interessou pelos rapazes que a quiseram namorar, nada sentindo mesmo, em todos descobrindo defeitos. Agora, porém, e como diria o velho Roberto Militão, seu pai, tinha a flecha no coração.

— Cuidado com a flecha no coração — dizia-lhe o pai.

— Que flecha?

— A flecha do Cupido! — o pai exclamava, rindo-se. Falará com a mãe, à noite seguinte, pouco antes de sair para encontrar-se com o rapaz. E se a mãe perguntar quem é ele e o que faz, como responderá? Dir-lhe-á que não sabe sequer o nome porque não houve tempo para maior aproximação. Confessará, porém, o detalhe: “Ele é mudo”. Inútil discutir, procurar explicar, tentar justificar-se frente ao espanto da mãe. Sabe que ela não compreenderá, ninguém entenderá, o sobrado inteiro a dizer que tem um parafuso a menos. Uma doida, apenas uma doida se deixaria seduzir e fascinar por um mudo! Deitada, com os olhos fechados, espera que a noite passe depressa e ainda mais depressa o dia seguinte.

Venderá os pãezinhos de queijo com maior alegria porque deve ser mesmo amor o que sente no coração.

O rapaz, por sua vez, não pode dizer que dormiu. Conciliou o sono numa espécie de vigília, sempre a pensar no encontro com a moça, não conseguindo vencer a agitação desde que deixara a loja dos pãezinhos de queijo. Evitara voltar para a casa e, por isso, resolvera andar, andar muito, até sentir-se cansado. E tão longe foi que alcançou o Jardim de Nazaré, já adormecidos os pombos nas grandes árvores, um ou outro transeunte a conter os casais de namorados. Andou assim durante muito tempo até que, percebendo a noite avançar, retornou à casa certo de que tranqüilo seria o sono.

Esperava-o a irmã que, a ler na sala, levantou-se de um salto ao vê-lo abrir a porta da rua. “Que está acontecendo — perguntou-se — que está acontecendo?” Gustavo, que nunca saía à noite e sempre se deitava cedo, pareceu-lhe tão diferente que se diria mesmo transfigurado. Quis indagar — “Que está acontecendo, Gustavo?” — mas, sabendo que o irmão teria que escrever para qualquer pergunta, manteve-se de pé, em silêncio. Ele, porém, foi à mesa e, sentando-se, a chamou com a mão. E, em seu pequeno bloco, escreveu para que a irmã lesse a pergunta: “Meu pai já chegou?”

— Sim, ele já chegou — ela respondeu.

A irmã, a sua querida Márcia, mais velha que ele dois anos, agora na Faculdade de Engenharia a preparar-se para dirigir a fábrica do pai. No diálogo difícil, ele escrevendo e ela falando, tudo comentavam. E, se falavam da mãe e do mistério que a cercava, da atividade do pai e da expansão da fábrica de pregos, era principalmente dele, Gustavo, que falavam. O mudo e os exames médicos! A conclusiva opinião médica de que jamais recuperaria a voz perdida tão na infância que talvez se relacionasse com os primeiros sintomas da doença da mãe. E, se a avó o tratava com enorme carinho, o pai não ocultava a decepção de ter um filho, quando não inválido, praticamente inútil. Ali, na casa, e isso para não falar nos quatro empregados — a cozinheira, a copeira, o motorista e o jardineiro —, além da avó, também contava com Márcia, a irmã.

— Somos ricos e, por isso, Gustavo está protegido — o

pai, no almoço, dissera uma vez.

Dinheiro com a garganta dele, Gustavo, jamais se poupava. O pai o levava ao Rio de Janeiro e a São Paulo, estivera nas melhores clínicas, examinado pelos grandes especialistas. A última palavra, porém, era sempre a mesma:

— Um caso sem jeito!

A irmã era a única pessoa, no mundo, que mantinha certa esperança. Não, jamais perder a fé! E, se os médicos não admitiam a cura, deviam recorrer a tudo, tudo mesmo, do espiritismo aos terreiros de macumba. Quem podia, afinal, duvidar de um milagre? O essencial, pois, era ter paciência.

— Paciência, Gustavo, muita paciência! — ela sempre exclamava.

O diálogo, pois, era aquele quase todos os dias. Gustavo, porém, logo soube pela irmã que o pai estava em casa, sentiu ser impossível silenciar sobre a moça dos pãezinhos de queijo. Que acharia Márcia de tudo aquilo? Estavam sentados, um frente ao outro, na mesa o pequeno bloco, E, puxando-o, escreveu: “Eu, agora, tenho uma namorada”. No semblante dele, assim acabou de escrever, ela percebeu mais inquietação que alegria. Que faria um rapaz mudo ao lado da namorada? Como ambos reagiriam? A inquietação, aliás, refletia dificuldades que ele já devia ter levantado, uma a uma, sobressaindo a convivência difícil. Que moça, afinal, o aceitaria como namorado? E Márcia concluiu que aquela moça ou seria uma criatura extraordinária e incomum ou apenas uma vigarista que, sabendo-o rico, a ele se chegava por causa do dinheiro.

— Quem é a moça? — ela indagou.

Escreveu a resposta e tão apressado como se tudo quisesse dizer de uma vez. “Chama-se Célia. É a moça que, no Largo da Palma, vende os pãezinhos de queijo”. Márcia leu e, embora não acreditasse que aquilo terminasse bem e temesse que a moça acabasse por ferir e traumatizar ainda mais o irmão, forçou o riso para animá-lo. Nada a fazer, por enquanto, senão esperar. Gustavo, afinal, tinha direito à vida.

E por isso, corresse mesmo todos os riscos, valia a pena tentar.

Aproxima-se da igreja, o coração aos pulos, é o seu primeiro encontro com uma namorada. A noite já se fez em Salvador, e o Largo da Palma, por isso, parece agasalhar-se para dormir. Um ou outro que passa e, se é fraca a luz das lâmpadas, se as estrelas brilham muito, o próprio vento se faz leve demais para não perturbar o silêncio. Ninguém dirá, vendo assim o Largo da Palma a cochilar, que nele houve enorme agitação durante o dia. Agora, de pé no pátio da igreja, a sentir o cheiro de incenso que se filtra por baixo das portas largas e pesadas, Gustavo espera. E espera com o coração sempre aos pulos, contando os segundos, quando ouve os passos. Logo escuta a voz que lhe parece seca e doce:

— Oi! — Célia exclama.

No bolso da camisa, em papéis do seu inseparável bloco, escrevera o que julgara necessário para manter a conversa. Retira-os e, do pequeno maço, separa o primeiro, entregando-o à moça. Ela o comprime com os dedos e lê: “Me chamo Gustavo. Agora, que sabe o meu nome, quero pedir uma coisa. Você me atende?” E, de pé, ele aguarda a resposta. Célia, então, indaga:

— Que coisa?

A resposta vem no segundo papel e, assim a lê — “Peço-lhe para irmos ao Jardim de Nazaré” -, Célia logo concorda. Aproximam-se um do outro e, quando as mãos se unem, Gustavo tanto sente o perfume da moça que respira mais fundo. Não, não pode acreditar esteja vivendo aquilo! Sonho não é, porém, porque Célia ali está, de carne e osso, a andar a seu lado. O riso, por vezes. E, por vezes, a voz que, entrando em seus nervos, provoca enorme tranqüilidade. Pudesse falar e dir-lhe-ia que tudo, agora, é realmente estranho.

Meia hora no Jardim de Nazaré entre as grandes árvores e parece que conhece, há séculos, a moça dos pãezinhos de queijo. O hospital muito perto e é possível seja o recolhimento noturno que o torne um pouco triste e sombrio. E nele, dia a dia, os que morrem

e os que nascem. Célia corta-lhe o pensamento, então, porque pede para se sentarem. Muito fraca, quase um nada, a luz que mostra o banco próximo ao chafariz. Sentam-se e Gustavo, mais uma vez, não acredita seja ele quem ali está.

Sentam-se naquele mesmo banco, noite a noite, durante uma semana. E na semana, desde a primeira hora — quando saíram, apressados, um para encontrar o outro —, grande a preocupação da mãe de Célia. Era verdade que a filha sempre fora ajuizada e, com dois ou três namorados que tivera, jamais houve o menor problema. Agora, porém, tudo lhe parecia diferente. A filha mudara de tal maneira que já não entendia como, a cada dia que passava, mais se agarrava ao rapaz. E, ainda por cima, um rapaz mudo! Como explicar o que acontecia? A sua inquietação, pois, veio crescendo. E crescendo tanto que agora, quando sabe que Célia está com ele no Jardim de Nazaré, parece querer explodir.

A cabeça pesa, a boca amarga, o estômago dói. E o pior é que, quando tenta abordar a filha, ela se torna muda como o rapaz. Não fala, não comenta, não discute. Como acabará tudo aquilo? É a pergunta que, como a mãe de Célia, o pai de Gustavo também faz a si mesmo. O filho, e talvez por ser mudo, é um rapaz difícil, muito esquisito, com os nervos à flor da pele. Metido sempre com as caixas de música, talvez a lembrar-se da mãe, a verdade é que jamais pôde entender-se com ele. Falar-lhe e vê-lo a escrever para dizer as coisas, eis o que era como uma espécie de agressão que já não suportava. E agora, com a moça que certamente visa trocar os pãezinhos de queijo pela segurança de um casamento rico, não tem dúvida de que o filho entrará numa pior. Chegara mesmo a conversar com Márcia sobre o assunto. A filha, porém, cortara a conversa de modo fulminante:

— Não temos que nos envolver nisso. O problema é dela e de Gustavo.

Eles, porém, o rapaz mudo e a moça dos pãezinhos de

queijo, não vêem problema algum. Ah, sentados naquele banco de jardim, sentem que mais se gostam, hora a hora, um já dependendo do outro. E, se ela sabe que o domina, se o beija na boca para que as mãos dele lhe comprimam o corpo, ele sabe, por sua vez, que não pode perdê-la. E, para ele, tudo nela é maior que tudo. Os cabelos pretos, os olhos que brilham, a pele macia, os seios pequenos. Na alegria, porém, é que ela é ela mesma.

E alegria que, fazendo-a rir a cada instante, reflete no semblante uma esperança que não é deste mundo. E, porque nesta esperança ele se agarra, a si mesmo diz que morrerá se Célia o abandonar. E foi quando escrevera a frase, dizendo isso, que ela o beijou no rosto e o fitou como se o visse pela primeira vez. Exclamou, então, pedindo:

— Não quero que você escreva mais!

A indagação — “E por quê?” — estava no semblante dele e, principalmente, no olhar de criança assustada. Um segundo, menos de um segundo, e novamente exclamou, quase gritando:

— Quero que você fale!

As mãos de Célia no rosto do rapaz receberam, com o leve tremor, o calor que já era febre. E, sem temer que o coração dele, inteiramente descompassado, pudesse saltar do peito, repetiu com enorme energia:

— Quero que você fale!

Lágrimas nos olhos congestionados. E, percebendo que o rapaz chorava, avançou a mão e enxugou-lhe as lágrimas. A mão foi à testa e enxugou também o suor frio. Debruçou-se sobre ele, então, beijando-o muito, dizendo:

— Perdoe, Gustavo, me perdoe.

Lembra-se que, desde aquele momento, não mais Gustavo usou o pequeno bloco para escrever. Dizia por sinais o que tinha a dizer. Ela o animava e, decifrando-lhe a mímica, repetia em voz alta o que ele queria dizer. Comovedor, o grande esforço! Agora, quando se lembra do que acontecera há dois dias, vê que o esforço dele se faz maior com as mãos paradas no ar e os olhos cheios de luz. Aflição no

rosto lavado de suor, um pouco ofegante, já não sente vergonha de grunhir em pleno desespero. Que está querendo dizer? Compreende que ele pede alguma coisa mas, por Deus, o que está a pedir? E, pelo jeito dos dedos, conclui que pede pãezinhos de queijo.

— Você quer que traga pãezinhos de queijo? — ela pergunta. Ele, com a cabeça, responde afirmativamente.

Trarei, amanhã, os seus pãezinhos — ela diz. — eu mesma os farei com o melhor queijo da Bahia.

Ele sempre a deixa no Largo da Palma, frente à igreja, as ruas já vazias. Chegam em silêncio e, quando se beijam, há necessidade de coragem para a separação. Agora, porém, ao contrário das outras noites, Célia não se afasta logo. Não sai apressada, quase correndo, na direção do sobrado. Permanece de pé e, sempre em silêncio, não afasta os olhos do rapaz. Ergue a mão, acaricia-lhe os lábios com os dedos, diz:

— Vá com Deus.

Choveu muito durante a noite mas, apesar do chuveiro miúdo, o mormaço não se desfez. O próprio vento do mar ficou na praia e tão fraco que foi mais uma brisa com medo do calor. Salvador, pois, suave por todos os lados. Célia, por isso, abriu a janela e, porque visse a chuviscada caindo sem parar, resolveu acender o forno. Joana, a mãe, tanto estranhava aquela afobação que chegou mesmo a indagar:

— Para que o fogo tão cedo?

— Eu prometi a Gustavo que faria uns pãezinhos para ele — Célia respondeu. — E, se acendo o fogo tão cedo, é porque não quero perturbar o seu trabalho.

A massa, o queijo, o sal, o fogo. E veio fazendo os pãezinhos de queijo, um a um, tendo-os nas mãos como se fosse comê-los. Doce o cheiro no ar, mistura de trigo e açúcar, muito doce mesmo. Sentiu o coração alegre enquanto durou o trabalho e foi essa alegria do coração que a fez inventar uma canção que cantou, baixinho, para si mesma, “É preciso querer e querer muito para alcançar”. Repetiu

muitas vezes a pensar em Gustavo que, de tão bom, também merecia ter alegria no coração.

— Você, hoje, parece uma borboleta — a mãe disse.

E tudo porque, após colocar os pãezinhos de queijo numa cestinha de palha e cobri-los com um guardanapo colorido, não conseguiu aquietar-se. O encontro com Gustavo, à noite, não permitia sequer que ficasse a ouvir o rádio. Levantava-se, ia e voltava, como se fosse um pássaro e a sala uma gaiola. A inquietação a levou a buscar um pouco de tranqüilidade no trabalho e, por isso, abriu a loja logo depois do almoço. Os fregueses e os emburros acabaram por fazê-la esquecer o encontro até que, com a aproximação da noite, acendeu as luzes.

— Você vai sair, hoje, de noite?

A mãe perguntou quando, vindo para acertar o caixa, fechou a loja por dentro. Perguntou por perguntar porque não tinha dúvida de que Célia, mesmo que chovesse pedras, iria ao encontro de Gustavo. E, logo cedo, não fizera para ele uma dúzia de pãezinhos de queijo? Não se surpreendeu, pois, com a resposta da filha:

— Claro, mãe, mas claro que vou sair.

Transpõe a porta da casa, para o encontro com Célia, como se estivesse a fugir. Pisa muito de leve para não despertar a avó que, na sala, cochila na cadeira de balanço. O pai avisara que jantaria fora e Márcia, na Faculdade, se atrasara. Noite que se anuncia alegre com o vento morno e o céu estrelado de verão. Anda apressado, sem nada ver, a pensar que — mais cedo ou mais tarde — ele e a irmã saberiam do paradeiro da mãe. Por que a escondem, tudo ocultam, por quê? Célia perguntara uma vez: “E sua mãe?” Escrevera, respondendo: “Vive longe e, no hospital, é uma doente incurável”. Contorna a igreja da Palma e alcança o pátio. Célia já o espera e a verdade é que parece uma noiva assim com os cabelos soltos, o vestido branco e a cestinha na mão.

— Os seus pãezinhos de queijo — ela diz e, sorrindo, mostra a cestinha.

Ele quer recebê-la, retirar o guardanapo, mas ela recua a mão.

— Não, não! — exclama. — Agora, não!

Lê a pergunta no olhar dele — “Por que isso?” — e, se nada diz por um minuto, é para não perturbar a descoberta que está fazendo. Há um novo semblante no rosto de Gustavo e, pela primeira vez, observa que o riso dele não é forçado. Todos aqueles dias e por mais que tentasse aparentar certa serenidade, não, ele não conseguiu! A amargura na face sempre tomada pelo medo. E medo, Senhora da Palma, medo de quê? Sabe que o medo é de que escape qualquer dia por ele ser um mudo e — ela escapando — sentir-se novamente desesperado e só. Agora, porém, desde que o viu chegar ao pátio e tentar arrancar-lhe da mão a cestinha, ele é um homem diferente. O semblante, no rosto, é realmente novo.

— Vamos andando — diz ela.

Esta noite, no Jardim de Nazaré, quase todos os postes estão cegos. Crianças quebraram as lâmpadas, durante o dia, na caça aos passarinhos. Escuro, pois tão escuro que as grandes árvores parecem sombras fantásticas. Sentam-se no banco de sempre e, logo põe a cestinha ao lado, Célia recebe as mãos dele nas suas. Quentes e trêmulas, aquelas mãos! E, ao debruçar-se para beijá-la, ela sente um coração batendo — o coração de Gustavo — como se quisesse falar. Recua um pouco, retira um dos pãezinhos de queijo da cestinha e, oferecendo-o, diz:

— Quando o fiz, Gustavo, pensei colocar nele o meu próprio sangue.

Ele come lentamente, muito lentamente, como se estivesse a comer uma fruta. E, mal termina, ela fecha-lhe a boca com a sua própria boca. Sussurra, então, dizendo:

— Você, agora, pode falar. — E, como se ordenasse, acrescenta. — Não, não fale agora!

Tudo o que ela disse, muito baixinho, um sussurro, Gustavo ouve e sente que o amor e o beijo de Célia podem gerar o milagre. O cheiro dos pãezinhos de Célia podem gerar o milagre. O cheiro dos pãezinhos de queijo, no ar, perfuma a própria resina das árvores. As

bocas se afastam, as mãos mais se apertam, as lágrimas nos olhos que parecem sangrar. Tudo, agora, é nele angústia e dor. Os lábios tremem, suor no rosto, vontade de gritar. Um parto, é como num parto, a voz está nascendo. E ele, a rir e a chorar ao mesmo tempo, exclama, em tom ainda fraco, mas exclama:

— Amor!

Aleiton Fonseca

Poeta, hedonista, ensaísta e professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com doutorado pela USP, nasceu em Firmino Alves, em 1959. Publicou, em poesia, “Movimento de Sondagem”, 1981, “O Espelho da Consciência”, 1984, e “Teoria Particular (mas não tanto) do Poema”, 1994. Com “Jaú dos Bois”, 1997, pequeno volume de contos, do qual foi extraído o texto “O Sorriso da Estrela”, conquistou o 3º Prêmio Nacional de Contos da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

A limpidez da linguagem, que aflora da narrativa densa de humanismo, mostra-nos um narrador moderno, que alicia e envolve em suas sutilezas líricas, exibindo com facilidade a vida através de suas vias trágicas, cenas dramáticas e irônicas.

O SORRISO DA ESTRELA

Estava morta a minha irmã, ali entre jasmims e rosas, minha mãe à cabeceira chorava. Era uma noite inquieta, essa do velório em vigília e prantos por Estelinha, de quando em quando se rezavam beneditos. O enterro iria seguir no outro dia, no meio da manhã de sol.

Estela estava morta, aos treze anos. E eu sentia dentro de mim esta morte. Era um pouco também eu morto, sem tempo de me redimir e poder amar minha irmã, como — só agora! — eu sabia ser capaz. Ela não morresse, eu iria brincar com ela, nunca mais uma zombaria, nem desprezo, nunquíssimo a chamaria de “sua doida”.

Pois agora eu começava a compreender sua linguagem, logo agora, desde que ela se fora para o hospital, eu comecei a entender seus diálogos compridos com as pedras, com os tocos de pau, com as folhagens ao vento. O silêncio de sua ausência no quintal se mostrou dentro de mim em tons de uma saudade estranha. Mas ainda ali, eu não suspeitava do que me vinha na alma.

Tudo fora a ordem do tempo. Ela nascera primeiro, três anos antes de mim. Agora a diferença encurtava, mas justo quando eu

me afogava nesse deserto de lágrimas. Pela primeira vez, eu dialogava com a minha irmã:

— Estela, acorde, vamos conversar com as pedras — susurrei ao seu ouvido, ninguém me escutasse.

A madrinha veio me consolar, eu tivesse paciência, fora a vontade de Deus, o melhor para ela, tão doentinha, coitada. Tive raiva de madrinha, no meu mais íntimo sofrimento. Continuei a conversa, até que me puxaram pelo braço, pois minha mãe redobrava-se no pranto.

— Estela, acredite em mim agora. Vamos correr picula.

O corpo dela suave, dormindo sem ressonar. Um pano envolvia seus cabelos castanhos e descia para sustentar seu queixo — talvez para conter o sorriso? Minha mãe enxugava o suor da morta com o mesmo lenço em que depositava as próprias lágrimas. O tempo voltasse, meu Deus! Eu só implorava um único milagre. As imagens desfilavam na minha memória, eu a escutava como se fosse agora:

— Vamos brincar, Dindinho.

— Não me chame de Dindinho! Meu nome é Pedro — respondia áspero, sem sequer olhar, e ia saindo.

Eu pensava odiar o fato de ter uma irmã assim. Ela insistia, amorosa, que me dava um constrangimento.

— Não, ninguém sabe, mas é Dindinho, seu nome bonito, eu chamo — dizia, como se eu continuasse presente.

Eu fugia de ter essa irmã. Os meninos me abusavam. Várias vezes briguei por me chamarem de Dindinho, o irmão da doida. Dindinho, eu mesmo não! Minha mãe já ia pegando o costume de me chamar assim, nas vontades de sempre agradar a filha. No contra, eu me rebelei, fugi de casa um dia inteiro. Minha mãe me deu uma surra, depois, mas nunca mais me chamou daquele nome.

Por que ela existia? Eu não me dirigia a Estela. Mudava de rumo, baixava os olhos para não dar com ela. Eu a considerava um estrago na minha vida. Quis muito que morresse.

Ela me surpreendia, às vezes, antes que me mostrasse

irritado, como quase sempre acontecia:

— Quando você morrer, Dindinho, de que cor você quer suas asas no céu?

Uma coisa tão sem sentido, que eu sequer respondia. Apenas fazia uma careta de enfado, balançava a cabeça negativamente. Ela me cercava os olhos, inventava brincadeiras cada vez mais estranhas para conquistar minha atenção. Isso tudo mais me afastava. Os meninos, meus amigos, considerassem que eu não tinha irmã, pois mencioná-la era já motivo de desavenças. Fiquei de mal com alguns dos melhores, tempos e tempos, por essas causas.

Diante de minha repulsa, Estela intentava uns modos de me sensibilizar, sem o menor sucesso. Um dia, posto que eu a estivesse atentando muito, ela imaginou uma proposta das mais descabidas. No começo da noite, ela, depois de tanto silêncio, me propôs com a maior certeza do mundo:

— Eu lhe dou uma coisa para sempre, aquela estrela grande será só sua a vida toda e depois, Dindinho.

— Ora, quem pode ter uma estrela, “sua doida?” — desdenhei.

— Pois pode, porque é minha e eu lhe dou só pra você, Dindinho. Mas só se você sorrir para mim, todo dia, uma vez... só uma... você quer?

Nunca soube sorrir para você, Estela, me perdoe. Quando eu tomava posse de mim mesmo em mais profundo, quando um sorriso germinava no fundo de minha alma — e seria seu! — você já não estava aqui. Até hoje só me vêm as lágrimas que nunca tive antes, quando você vivia em seu mundo de imagens que só percebi depois. Eu era mesmo um Pedro, o coração tinindo na dureza, você foi me amaciando. Você, aos quase quatro anos, me carregou no colo. Eu era seu neném, como a nossa mãe me contou, depois de tudo, tardiamente. Estela... tudo podia ser tão diferente!

A noite ia avançando, em horas que eu não conhecia, os meus olhos já desistentes. Eu me debruçava sobre a morta, o sono me empurrava para ela, nos movimentos bruscos dos cochilos. Minha

mãe me mandou dormir e eu, depois de insistir negativo, enfim saí cabisbaixo da sala, a solidão me completava. Não me dirigi ao meu quarto, mas ao que ficava ao lado. E examinei os ângulos daquele lugar, tudo tão limpo e arrumado numa ordem que eu não conhecia. Ah enxerguei os contornos deste vazio que até hoje carrego. Fiz meia-volta e caminhei para o meu leito, mas não consegui me acomodar. O sono me apertava os olhos, uma agonia no peito teimava-me pela vigília. Quis retornar à sala, mas nossa mãe me suplicou que não com um olhar terno, tão raro aquele olhar... Eu voltei, mas não para o meu quarto. E me deitei na cama de Estela, deixando na alfazema do travesseiro o sal dos meus olhos.

Eu me vi vivendo melhor que nossa realidade. Estela me sorria, corria de mim, eu não tinha pressa de apanhá-la, era talvez picula. O nosso quintal se alargava, o caminho de plantas, paus e pedras ia-se margeando em nuvens sem um fim que se avistasse. Eu tinha o saber de tudo, mas não me importava, o sorriso de Estela me preenchia e me fazia leve, que então voávamos. Eu queria alcançar minha irmã, mas não podia lhe pedir que parasse. Estela tinha um vôo firme e certo, e eu, me parece que só voava no seu vácuo. Mas eu a queria, buscava-a para um abraço que faltava em mim, um toque que me transmitisse os seus modos de sorrir. Eu queria conversar com as nuvens e as pedras lá embaixo já me sorriam, as folhas acenavam para mim. Estela ia-se distanciando, eu me surpreendi no cansaço desse vôo, as nuvens perdendo sua leveza. Estela! Estelinha, me dê a mão! Me leve com você! Mas o seu sorriso já me abandonava. Ela se foi fazendo em cor de nuvem, aos poucos me vi sem olhos para tê-la. E era tarde, muito tarde: tive um sobressalto e tudo que agora eu via eram as telhas-vãs do nosso quarto.

A manhã se ia acesa como as velas, numa rapidez que doía em nós. Vi que minha mãe não dormira, velara nessa noite toda uma vida ao lado da filha. Era um olhar cansado, dela para mim, com um desencanto mudo, enxergando o nosso vazio. Acerquei-me dela, os seus braços me tatearam. E logo me acariciava os cabelos com a

mão direita, com a outra acariciava os cabelos de Estela. Inesquecível aquele gesto de nossa mãe, em toda a nossa vida, por seu corpo passando a nossa última sintonia.

As pessoas iam chegando, a hora do enterro se aproximava. Madrinha apagou os quatro tocos de vela acesos ao redor de Estela. Começaram a distribuir os ramos de flores para o acompanhamento. Eu reparava nos meninos e nas meninas que se acotovelavam para ver a morta. Alguns que sempre zombavam dela. Uns me pareciam tristes, outros apenas viviam uma aventura. Eu me sentia completamente afastado de todos.

Iam fechar o caixão. Minha mãe despejou mais lágrimas e inquiria Deus pela morte da filha. E até madrinha, pela vez primeira, soltou as rédeas do seu pranto. Eu me guardei no silêncio, peguei um ramo de rosas que estava próximo ao rosto de Estela. Não me pareceu que eu pudesse beijar o seu rosto agora, já que nunca o fizera em vida. Então beije as flores e pus de volta no caixão.

Era hora, o enterro ia seguir. Quando me mandaram olhar minha irmã pela última vez, não chorei, pois me pareceu que ela sorria um sorriso longe só para eu sentir. Então percebi que ela agora se tornava com nuvens. Eu quis seguir com ela, mas não me deixaram. E me levaram Estela de mim.

O cortejo dobrou a primeira curva de nossa rua. Os meus olhos continuaram buscando, até hoje parados naquela curva sem nome. Madrinha varreu a casa, dos fundos para a porta da frente, juntando as folhas e restos de flores e tocos de velas. Deixou o montinho no pé de jambo que Estela chamava de “meu segundo amor”. Era onde minha irmã costumava ficar à sombra, enfeitando-se com as flores rubras de jambo. Ali eu derramei as minhas derradeiras lágrimas.

Minha irmã, ainda hoje eu contemplo a tua estrela e tenho uma vontade enorme de que fosse minha. Eu vejo tua imagem se projetando de lá, num sorriso longe que não me deixa desamparado. Era essa luz que você me oferecia, por apenas um sorriso que já

era seu sem que eu soubesse. Quantas estrelas no céu — e eu não possuo uma sequer!

O tempo me deu estes cabelos brancos, mas a minha memória guarda os sinais do semblante do Estela, com suas alegrias sem nenhum motivo. Em nosso quintal, as pedras, os tocos de pau, as folhagens ao vento puxam conversa comigo, mas eu continuo mudo. No entanto, agora sinto: eu sou Dindinho.

Aramis Ribeiro Costa

Nascido em Salvador, em 1950, médico e formado em Letras. Colaborador dos jornais “A Tarde” (1965-1977) e “Bahia Hoje” (1993-1994). Publicou, dentre outros, “Quarto Escuro”, poesia, 1974; “A Caranguejinha de Ouro” e “O Morro do Caracará”, infantis, 1986; “Uma Varanda Para o Jardim”, romance, 1993; “A Assinatura Perdida”, 1996, e “O Mar que a Noite Esconde”, 1999, volumes de contos.

Cultiva o conto à feição clássica, dando relevo ao episódio, o enredo se processa na narrativa objetiva através dos momentos de princípio, meio e fim. O ficcionista e crítico Hélio Pólvora destaca que “ele trabalha com os dramas, as tragédias e comédias da personalidade. Tem uma ironia sutil, implícita: afinal, Eça de Queiroz é uma de suas admirações”. O texto “Dez Anos Depois” foi retirado de “A Assinatura Perdida”.

Pertence à Academia de Letras da Bahia.

DEZ ANOS DEPOIS

Fazia, precisamente, dez anos que o Coronel Otaviano Cerqueira morrera, vítima de um infarto fulminante do miocárdio. Comemorava o seu sexagésimo quarto aniversário num jantar em família, muito íntimo, em seu luxuoso apartamento de quatro suítes e um gabinete, na Rua da Graça, no elegante bairro da Graça, e do qual participavam, apenas, a mulher, D. Marilena, a filha casada, Zilda, e o genro, jovem tenente, José Paulo de Andrada, seguindo as ilustres pegadas do sogro no Exército. Foi na terceira garfada do seu prato predileto, camarão dorê com arroz à grega, preparado por Teodora Anastácia, a velha cozinheira da família, após um gole de um finíssimo vinho branco alemão, presente do General Miranda de Castro, comandante da 6ª Região Militar e seu padrinho de casamento, que ele empalideceu, deixou cair o garfo sobre a toalha de linho branco e pendeu a cabeça para sempre, mergulhando o nariz pontiagudo entre os camarões e o arroz. D. Marilena não soltou um grito, não fez um gesto, apenas arregalou desmesuradamente os olhos outrora pestanudos e muito belos, empalideceu terrivelmente e deixou-se ficar, imóvel, a observá-lo, enquanto a filha e o genro precipitavam-se, em pânico.

Zilda gritava, já corando:

— Papai! Papai!

O genro, com a sua voz firme já afeita ao comando, secundava-a, enquanto o sacudia, como se pudesse, com uma ordem enérgica, ressuscitar o sogro:

— Coronel! Coronel!

Somente Marilena nada dizia, nada fazia, os olhos arregalados e fixos, a palidez terrível. Nem mesmo quando a filha e o genro aproximaram-se, desarvorados, ela exclamando, em prantos, “Mamãe, papai morreu!”, ele a afirmar, constrangido, “Morreu o Coronel, Dona Marilena!”, nem mesmo quando Teodora Anastácia, atraída pelos gritos, acudiu de lá de dentro, enxugando as mãos no avental e exclamando “Valha-me Deus Nossa Senhora, o Coronel!”, nem assim Marilena alterou-se, disse uma palavra, esboçou um gesto. Pelo contrário, a palidez desapareceu do seu rosto já sulcado de rugas, os seus olhos voltaram ao seu natural tamanho e ela, como se nada acontecera, prosseguiu tranqüilamente o seu jantar, para espanto desmedido do jovem casal e da empregada.

O que se seguiu foi ainda mais absurdo. Enquanto a filha soluçava, enquanto o genro tomava as devidas providências dessas horas, enquanto Teodora Anastácia, com os olhos molhados, acendia uma vela ao coronel — já estendido a fio comprido sobre o sofá, ali ao lado —, para já ir iluminando, para o patrão, o caminho da eternidade, Marilena, sem olhá-los, terminava o prato e repetia, sem esquecer de esvaziar, com muita elegância, o seu cálice de vinho branco. Depois, para desespero da velha cozinheira, que não cansava de tentar alertá-la para o que ocorrera, exigiu, com voz pausada e firme, a sobremesa, pudim de leite condensado e, ainda, o cafezinho e o seu licor de amêndoas preferido. Após o que, ergueu-se da mesa e foi sentar-se um pouco na varanda, como era de seu costume. Era tão absurda a atitude de Marilena, nem sequer lançando um simples olhar ao morto — estirado no sofá da sala enquanto aguardava os serviços funerários chamados às pressas, com os olhos arregalados,

que ninguém lembrara de fechar e o nariz sujo de arroz, que ninguém cuidara de limpar, tendo, ao seu lado, a vela acesa de Teodora Anastácia —, que Zilda foi obrigada a interromper o seu pranto desconsolado e perguntar, entre os soluços e de testa franzida, ao marido:

— O que será que aconteceu com mamãe? Por que ela está agindo assim?

O jovem tenente encolheu os ombros, botou o beijo inferior, gesticulou com ambas as mãos, mostrando que também não estava entendendo nada e tiveram de esquecer Marilena para cuidar do velório e do enterro, pois já chegavam o médico para o atestado de óbito e os agentes funerários. Marilena não compareceu ao velório no Campo Santo, não foi ao enterro, não derramou uma lágrima, não pronunciou uma única palavra o tempo todo, não respondeu coisa alguma a quem lhe deu os pêsames, continuando a agir como se nada, absolutamente nada sucedera. Quando o casal voltou do sepultamento, no dia seguinte, ao qual compareceram o General Miranda de Castro, em pessoa, e todo o oficialato da 6ª Região, e onde foram prestadas ao morto honras militares, D. Marilena recebeu-os na porta, com o seu habitual e muito amável sorriso:

— Otaviano está no gabinete, quer falar com vocês... — e, falando baixinho, como se estivesse fazendo uma confidencia: — Acho que ele quer pedir que vocês venham morar aqui conosco... Eu não sei por que motivo vocês não moram conosco... afinal, este apartamento é grande demais para nós dois...

Zilda e o tenente olharam-se, alarmados, enquanto a velha Teodora Anastácia, num canto da sala, torcendo as mãos no avental pelo hábito de enxugá-las a todo instante, não continha as lágrimas de pena da loucura da patroa. Porque não havia mais dúvida, D. Marilena enlouquecera completamente e, agora, não eram mais o mudismo e a indiferença incompreensíveis, ocorria, também, a ressurreição, ou a não-morte do marido, lá estava ele a esperá-los no gabinete, provavelmente fardado e com o inseparável cachimbo na boca, para uma conversa. Sem nada dizerem dirigiram-se ao gabinete, fingindo

que iam falar com o coronel que acabavam de enterrar, porém, na verdade, apenas aproveitavam para deliberar a sós, sobre aquela insólita e imprevista circunstância.

Não houve necessidade de internar D. Marilena. Aliás, ela continuava a ser exatamente a mesma que sempre fora, com todas as suas qualidades e defeitos, encantos e manias, sempre calma, educada, elegante, ainda bonita nos seus cabelos grisalhos e nas rugas que nunca se preocupara em esconder, os olhinhos brilhando muito vivos, como se estivessem sorrindo, e um sorriso verdadeiro nos lábios finos e levemente cobertos por um discreto batom. Gostava de ler romances estrangeiros recém-editados, principalmente se estivessem na lista dos *best-sellers*, e não dessem trabalho nenhum para ler; fazia questão, ela mesma, de arrumar o vasto e luxuoso apartamento cujas paredes eram revestidas de quadros modernistas, mania do coronel; e, mesmo não entendendo coisa alguma de culinária, opinava a todo instante na cozinha, para exaspero de Teodora Anastácia, que, embora acostuada, irritava-se com essas intervenções desnecessárias e até atrapalhadoras. Além disto não deixava de ir, todas as semanas, ao salão de beleza e, em tendo companhia do seu agrado, deleitava-se em percorrer com lentidão as alamedas dos *shopping centers*, olhando, cuidadosamente, as mesmas vitrines e as diferentes pessoas que passavam, comentando sempre que algo lhe chamava a atenção. Além disto, jamais perdia a santa missa aos domingos, a das oito da manhã, na Igreja da Graça, celebrada pelo simpático Padre Gumercindo, e rezava o terço inteiro duas vezes e comungava, e nunca deixava de acender uma vela a Nossa Senhora da Graça pela saúde da filha, do genro, da empregada, dela própria e de Otaviano, o seu elegante e bem-amado coronel. Nada disto, absolutamente, mudara com a morte do Coronel Otaviano Cerqueira, que, aliás, para Marilena, não ocorrera. Continuava produzindo-se esmeradamente para ele, usando os vestidos e os penteados que ele mais apreciava, exigindo de Teodora Anastácia os seus pratos prediletos, tudo exatamente como quando o coronel era vivo. E

mais: conversava com ele, discutiam ou concordavam, ria-se dos seus ditos espirituosos, queixava-se da fumaça do seu cachimbo, à qual ela jamais se acostumara, esperava-o para o almoço, servia-o à mesa, citava-o freqüentemente nas suas conversas, como se ele vivo fosse. Era comum, ao telefone, falando com alguma amiga, referir-se ao coronel, alegando algo que ele acabara de comentar ou fazer ou, ainda, mandar-lhe recados pela velha Teodora Anastácia:

— Vá dizer ao coronel, lá no gabinete, que o jantar está servido.

A cozinheira abanava a cabeça, inconformada, com pena dela, mas, enxugando as mãos no avental, terminava por fingir que ia, para não contrariá-la, pois não se deve contrariar uma louca. E que não tentassem dizer-lhe que o coronel morrera, que não tentassem falar-lhe qualquer coisa sobre a morte ou o enterro do marido, porque era o mesmo que falar a uma parede, D. Marilena desligava, parecia não ouvir, tornava-se muda, os olhos vazios, como se não estivesse ali, como se fosse a ela que falassem e, logo puxava outro assunto com toda a naturalidade, deixando o interlocutor desconcertado e sem jeito para voltar ao coronel e sua morte.

A princípio foi muito difícil, Teodora Anastácia benzeu-se muitas vezes, invocando a proteção de Nossa Senhora da Cabeça que, por ser da cabeça devia cuidar dos loucos, a filha chorou desesperada, o genro insistiu tentando fazê-la entender o que ocorrera, até que, com o passar do tempo, desistiram. Até habituaram-se a vê-la conversando com o coronel, a assisti-la servir o prato vazio da cabeceira, ao meio-dia e à noite, a perguntar-lhe se a comida estava do seu agrado, a sorrir satisfeita se a resposta era positiva, e a ralhar severamente com Teodora Anastácia, em caso contrário. No aniversário do coronel, todos os anos, o ritual do jantarzinho íntimo repetia-se, o coronel à cabeceira, ela à sua direita, Zilda e o Tenente José Paulo de Andrada, que não mais conseguira promoção após a morte do sogro, à esquerda, o tradicional camarão dorê com arroz à grega, o vinho branco alemão, agora fornecido pelo genro, o brinde, tudo igualzinho como no tempo do coronel vivo.

Fazia, precisamente, dez anos da morte do Coronel Otaviano

Cerqueira, no mesmo dia do seu aniversário, e aquele era o décimo jantar após aquele fatídico, em que, de repente, o elegante coronel, após o gole do vinho e a terceira garfada do seu prato preferido, deixara pender a cabeça, enfiando o pontiagudo nariz entre o camarão e o arroz. Como sempre estavam todos à mesa, o prato já servido à cabeceira, o vinho nas taças respectivas, quando Zilda, já tão acostumada à loucura da mãe, quis saber dela o que o pai estava achando do seu jantar de aniversário. Foi como se algo terrível ocorresse na mente de D. Marilena. Ela, que levava o garfo à boca, parou o gesto a meio caminho, voltou o garfo ao prato e, franzindo a testa e olhando a filha entre espantada e aborrecida, inquiriu-a:

— Zilda, que bobagem é esta? O seu pai está morto há dez anos... Foi aqui mesmo, nesta mesa, não se lembra?

E, sem esperar resposta, ergueu-se e, sem sequer lançá-lhes um olhar, retirou-se da sala em direção ao seu quarto, deixando a filha e o genro perplexos e emudecidos. Como não voltou de lá de dentro, foram, os dois, atrás dela. Encontraram D. Marilena deitada na sua cama, completamente vestida como se encontrava ao jantar, os olhos fechados, um sorriso tranqüilo e bondoso nos lábios, parecendo dormir. Só quando chegaram mais perto é que perceberam que ela já não estava neste mundo, agora sim, devia estar ao lado do seu amado coronel, e para sempre.

Ariovaldo Matos

Nasceu e faleceu em Salvador (26 de agosto de 1926-15 de julho de 1988). Jornalista com destaque na imprensa baiana. Foi o fundador dos jornais “Sete Dias” e “Folha da Bahia”. Contista, novelista, romancista e dramaturgo. Publicou como contista os seguintes livros: “A Dura Lei dos Homens” (1960), Prêmio Prefeitura Municipal de Salvador, “Últimos Sinos da Infância” (1965), “Anjos no Ringue” (1975) e “Colagem (Desvairada) em Manhã de Carnaval” (1978), Prêmio D. Martins de Oliveira, do Governo da Bahia. A antologia “A Ostra Azul” (1999), organizada por Guido Guerra, reúne contos publicados em livros e inéditos.

Com um discurso enxuto, algumas vezes cheio de poesia, seus contos trazem a marca da solidariedade humana, generosa ternura do autor que sabe transformar dramas em obras de arte, expressando na escrita autêntica a vida no que tem de mais sofrido e profundo.

O conto “Rosa Tem Febre Demais” foi escolhido do volume “A Dura Lei dos Homens”.

ROSA TEM FEBRE DEMAIS

Espero a madrugada e visto minha roupa de sonho. Depois, sem que minha mulher desperte, ganho as ruas de silêncio e caminho passos de quem foge, aproveitando manchas de escuridão, sombras que grandes árvores projetam.

Agora atinjo as avenidas centrais. Luzes ferem os meus olhos e passam os boêmios e as prostitutas. Alguns param e olham minha fantasia de sonho — as longas barbas brancas, o vermelho manto bordado de arminho, negras botas que confundem meus pés com o asfalto. Olham e seguem e caminho, e mais rápidos são os passos porque agora sou esperado e é hora de chegar.

Mais além, no largo, antes da ladeira, estão os motoristas. Dizem coisas pornográficas, contam episódios de sangue, mas eu caminho e passo e eles fazem silêncio quando me vêem. Alguns, os mais velhos, atiram moedas no asfalto e eu as recolho e seus olhos me acompanham enquanto, na outra esquina, encontro a ladeira e vou começar a descê-la. Então, voltam os temas de antes e terei sido um sonho rápido ou um rápido pesadelo.

Na ladeira eu paro e meus olhos de sonho penetram todos os lares e levam luz para as águas do rio e do mar. Eu chamo os peixes mais belos e mando que façam leitões de conchas e algas e neles deitem todas as crianças. Desperto os pássaros e ordeno-lhes um teto de penas sobre a terra, sobre o rio e sobre o mar. Às ondas peço silêncio, às pedras mando parar, peço à lua que se imobilize e peço às estrelas mais piscar. De longe chegam os pescadores, com seus fifós, suas redes, suas canções, suas velas, os olhos de suas amadas, o imenso desejo de amar. Suplico que façam rodas e cantem cirandas em louvor de Iemanjá. Peço lágrimas ao orvalho...

— Vem, nós te esperávamos.

A pequenina e escura mão é quente e firme e nela eu me equilibro, passo a passo a ladeira desço.

Na praia eles dormem e agora, despertos, é a mim que esperam. Eu chego e pedem as bênçãos e fazem filas para minhas mãos beijar. Depois, sentam-se e fazem roda e eu lhes aponto os grandes navios, pesados de mistério e silêncio.

— O mar é grande — eu digo — e não escolhe terras para banhar. É grande, amigo, igual ao céu só o mar.

São crianças, acreditam, e eu falo de minha intimidade com as coisas do céu e do mar. “Sou amigo de Deus, afirmo, e Ele um dia há de fazer o que eu mandar”. De repente, eu pergunto:

— Que pedido vocês fariam para eu a Deus ordenar?

Eles silenciam e eu insisto:

— Querem rosas ou outras flores? Querem brinquedos, novos amores ou no céu caminhar?

Eles nada respondem, apenas me olham.

— Não gostariam — pergunto — de um imenso navio sobre o rio ou sobre o mar? Seria um navio de mil cores, feito de nuvens e de flores, feito de mina, incenso e âmbar.

— Vem— diz-me o garoto — nós te esperávamos.

Agora a ladeira acaba e são as estreitas ruas que despontam. Liberto-me da pequenina mão e abraço o garoto.

— Hoje — falo — muito pouco pude trazer.

— Não importa — responde — não queremos teu dinheiro. Queremos tuas histórias, tuas cantigas de ninar. Rosa tem febre, não dorme, e ontem Neco fugiu.

— Rosa tem febre? — pergunto.

— Sim, Rosa tem febre demais.

Os passos são mais rápidos, Rosa tem febre demais. E à medida em que caminho todas as estrelas me seguem, todos os peixes e as lebres, as cobras e os pardais, é preciso chegar a tempo, Rosa tem febre demais. Eu a encontro e ela delira, os lábios estão roxos, os olhos parecem de sangue e eu mando a morte parar. Chamo os ventos e mando que a ergam, chamo o mar e mando que limpe aquele lugar, chamo os pássaros, chamo as flores e chamo os anjos a cantar. Os ventos a embalam, os pássaros tecem uma rede, uma rede de penas e luar — e Rosa nela se deita, a vida toda refeita, sorrindo para a morte que morre a estertorar. E digo “Rosa, filha” e ela ouve, seus olhos estão limpos, são outros olhos de Rosa a amar a nova vida que eu pude com a força do sonho criar. Eu sorrio, e ela responde, o mar todo de gozo se esconde e os ventos alegres vão passear. A morte ali fica parada, morta e eu caminho...

— Rosa tem febre demais.

De novo sinto as mãos pequeninas, agora é perto, é hora de chegar. Vejo Rosa, está deitada e em torno os outros garotos, em silêncio, estão parados a olhar. A febre queima e eu peço, mas os ventos não me vêm ajudar. O mar continua quieto, os anjos para longe fugiram, os pássaros e as cobras, fugiram também os pardais. De Rosa a vida foge, eu imploro a Deus que venha depressa, venha a Rosa ajudar. Ninguém ouve, ninguém atende, os meninos me olham — têm medo —, a febre de Rosa é demais. É noite e não conto histórias, não prometo navios de incenso e mirra, flores e âmbar. Carrego Rosa nos braços, a vida não deve parar. Corro e arfo, gosto de sangue na boca, subo a ladeira de pedras e os garotos atrás. Um carro logo aparece, no

largo, outro lhe vem atrás. Rosa carrego e corremos sobre rodas, eu e Rosa, os garotos atrás. Agora a manhã vem chegando, no Hospital eu espero, a gente do dia passa e olha minha fantasia de sonho. Os meninos, em torno me escutam e eu repito “Rosa tem febre demais”. O doutor vem e eu me levanto:

— Doutor, e Rosa?

— Já não tem mais febre. Sim, ficará boa.

Há espanto nos seus olhos, ao ver minha roupa de sonho, meus olhos de sono e sol, e com os garotos eu saio, cantamos pelos caminhos e de repente eu me imagino, distante, longe demais — eu e Rosa caminhando sobre as nuvens, os meninos sobre as estrelas, distantes a terra e o mar, as cobras e os pardais...

Agora é dia e eu volto, não há silêncio nas ruas da manhã que se faz. A mulher me espera, mas não briga. Arruma na mala a minha roupa de sonho, traz-me um café e mostra o relógio. Avisa:

— Dorme, depois te acordarei e ao trabalho em tempo chegarás.

Estarei feliz quando acordar. E sorrirei de verdade porque poderei contar, algum dia, para as crianças que me esperam, nas vésperas dos natais, a história de Rosa — menina que um dia teve febre demais.

Cyro de Mattos

Nasceu em Itabuna, em 31 de janeiro de 1939. Contos seus foram incluídos em antologias publicadas na Alemanha, Suíça, Portugal, Dinamarca e Rússia. Advogado militante e jornalista com passagem na imprensa do Rio de Janeiro. Poeta, cronista, novelista e autor de livros infantis. Com o livro “Os Brabos”, 1979, conquistou o Prêmio Nacional de Contos Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, e com “Histórias Singulares” obteve o Prêmio Adolfo Aizen-1997, da União Brasileira de Escritores (Rio de Janeiro), ambos na categoria de obras inéditas.

O texto “Coronel, Cacaueiro e Travessia”, do livro “Os Recuados”, contos, 1987, recebeu Menção Especial no “Concurso Internacional de Literatura da Revista Plural”, no México, em 1981, concorrendo 816 contos de 612 autores da América, Europa e Ásia.

Para o crítico e poeta Cid Seixas, trata-se de um contista que “constrói personagens rudes, quase selvagens, em meio a situações de desespero... há uma fabulação interior, uma reflexão contida e ocultada que conferem vida psíquica aos seus personagens...”. Já o crítico Alceu Amoroso Lima, relator do Prêmio Afonso Arinos, destacou: “é o povo brasileiro mais humilde e típico, do sertão e das favelas, que nos fala pela pena desse admirável ficcionista”.

CORONEL, CACAUEIRO E TRAVESSA

Pra que se viver em fim de vida? Só mesmo pra ficar o dia inteiro amassando os passos da amargura, muita dor e tormento. Certo que o sol queime os cacaueiros nos anos de verão forte e faça gerar as grandes crises por falta de safra, coisa que ultimamente tem acontecido. É, é esse vexame a bater de porta em porta despejando sem cessar sua carga de desgosto até em grande fazendeiro. Isso até que se suporta com certo conformismo, o que se pode fazer quando a ingratidão vem por parte do tempo? Nada, nada mesmo. Nada se pode fazer quando tudo é desacerto sob os passos desse calmo e avantajado boiadeiro. O tempo. O TEMPO. Agora, duro, duro de se roer, é quando o ano é bom de chuva, farto de lama por tudo quanto é escondido, os frutos pocando nos galhos e no tronco, e nada de se vender cacau por falta de bons preços. Quando aqui cheguei no início era até bom o ano de estio. De sol forte mesmo. Quando nem carecia usar sagacidade pra se adquirir roças novas em terreno que desse produção boa. Era até de fazer dó a gente olhar aqueles roceiros cabisbaixos, uns olhos entristados, se aproximando como bicho acorrentado a oferecer suas lavouras a qualquer preço. Agora que vejo e revejo tantos passados,

chego desgostoso a um só pensamento, que o cacauero não é uma árvore boa mas um castigo terrível, fora mel, dentro fel, qualquer coisa enfeitada com seus caminhos de usura e ciladas do demo. Quando não é a falta de chuva escasseando as safras, é a fartura das águas se alastrando por tudo quanto é terreno, mas por onde andam os bons preços? Sempre nessas horas críticas um deserto sem esperança em seu eterno paradeiro. E já se comenta aos quatro rumos do vento que são os gringos no estrangeiro os reais donos da lavoura. Não se diz por aí que na dependência dos interesses deles é que o Governo firma os preços pra compra e venda do cacau? Miséria de Governo que durante o ano todo vive de sugar o sangue alheio!

ó

tempo

infame

e quando é que vai terminar este cheiro de cacau mofo que asfixia feito poeira do inferno?

(Um dia de sol quente. Ar parado em seu brilho intenso. Raios de sol penetram os vidros de portas e janelas. Lá dentro flutua grande quietude na sala de visitas. Fitas coloridas de um sol com brilho coam a poeira fina do ar, envolvem um jarro com flores murchas sobre a mesa de jacarandá. As cadeiras vazias com o assento feito de couro de zebu. Forte calor ativa o cheiro ardido de cacau, no armazém ao lado os sacos arrumados até o teto: as casas vizinhas invadidas por aquela atmosfera de mofo, de coisa velha e pano encardido. Uma atmosfera que circula sobre plantas e o cacauero no jardim, árvore que foi plantada com a sabedoria de suas mãos, pacientemente adubada com estrume de gado e que, de maneira estranha, de repente deixou de dar frutos. Guarda do sobrado do coronel, sentinela de um mundo solitário, galhos de cacauero estendem nas paredes da varanda sombras pavorosas. O vento passa mais forte nesse momento. Sombras

se metem pelo quarto, figuras terríveis movem-se nos cômodos de cima, infundem medo a uns olhos esbugalhados no rosto tenso. Os vizinhos escutam o descarregar do revólver, tiros que brocam o forro e paredes, uma voz rouca que esbraveja, o coronel a excomungar a família, o destino, o mundo inteiro.)

e esse

tempo desditoso, dia e noite no calor de seu jugo maldito. O mundo cada homem deve fazer do tamanho que o coração deseja, mas só que nessas bandas a gente vive a sofrer o tempo eterno, nunca se sabe se 'stamos no mundo dos mortos ou dos vivos, se a gente anda por um sonho cheio de frutos de ouro ou se tropeçamos feito cego que procura uma saída no escuro. A febre dos cacauzeiros é como uma luzinha que se enxerga longe com a sua chama azul e que vem chegando de mansinho e que na escuridão de olhos e ouvidos pega a ter encantamento e como um feitiço enraizado germina sob a pele e esquentando o sangue todo e algo vivo e de perninhas ágeis e nervosas começa seu trânsito de agonia pelos caminhos do pensamento. Felizes são aqueles que descobrem logo cedo que a vida não passa de uma armadilha que não falha, aqueles que não encontram na morte o pavor de todo coração, os sabedores de que tudo isso aqui embaixo não passa nada mais e nada menos de uma simples travessia e que acreditam nisso aqui como uma passagem que se faz pra outro reino com seus grandes pastos verdes onde tudo é alegria e canto e paz e abrigo e fortuna de pássaro na sensação de um vôo perfeito.

(O tempo prossegue abrasador. O coronel lê em voz baixa a notícia em letras grandes na primeira página do jornal. Letras sobem e descem por ondas de rancor, um fogo queima-lhe as entranhas, dentes ocultos de uma visão aterradora soltam sua sanha por aquele espaço do jornal. Protestam os fazendeiros contra o descaso do Governo e clamam medidas urgentes para solucionar o preço baixo do cacau.

Uma crise sem igual na história da região, no curso desse território que já nasceu indômito, que de tão rico e imenso se perde nas próprias curvas do tempo. Vejam vocês. Imundos, corja de porcos, raça de mendigos. Idiotas que nunca aprendem com o desmando do Governo, e que ainda por cima pedem a união da classe dos fazendeiros nessa hora crítica, e vejam, vejam só, vejam só isso, ainda ‘stão convidando o povo em geral para participar de uma passeata gigantesca pelas ruas e praças da cidade. Tropa de bandidos, bando de incompetentes, quem já viu povo fazer greve ou passeata pelos vexames de fazendeiro? Vocês já se esqueceram que há pouco tempo fizeram uma passeata monstruosa e formaram aquela pilha enorme de sacos de cacau na Praça Pioneira e sob o bombardeio dos discursos clamaram e exigiram mais respeito por parte do Governo com a lavoura cacauzeira? Se esqueceram, hein? E que depois botaram fogo nos sacos cheios de cacau e fizeram aquela enorme fogueira e ficaram de mãos dadas cantando e dançando em volta da bandeira do Brasil e todos naquela cantoria até o sol aparecer rogando esmolas ao governo. Por acaso adiantou alguma coisa todo aquele alvoroço que mais parecia festa organizada pelo demo? Uns palermas metidos a sabidos, que nunca aprendem que o sábio é aquele que não erra, sabido só erra uma vez, besta é quem erra sempre. Não deviam fazer o que fazem, não deviam, porque nada do Governo vão conseguir com isso. E o pior que é só chegar o tempo de eleições ficam todos prestativos, cada qual a querer mostrar mais prestígio, banquete pra aqui, banquete pra ali, e a encher as urnas com os votos comprados no dinheiro. E depois de apuradas as eleições ficam todos eles acovardados, sem o mínimo de coragem pra cobrar dos candidatos eleitos as promessas ofertadas em festa de palanque e passeata com filarmônica e pipocos de foguete. Ficam todos de rabo encolhido, naquela lenga-lenga feito mulher sem marido, governo pra lá e governo pra cá, que a região vai ficar na miséria se o cacau não tiver bom preço, e por aí descambam nessa ladainha que não pára em seu choro moído como se o Governo fosse um espantalho de mil pernas trazido pelo rabo de algum cometa

desconhecido. Eh tempo, eh tempo, meu tempo, aquele tempo bom que não volta mais, hoje é tudo diferente, vontade de coronel não é mais lei sob o comando do revólver e do rebenque. Hoje é somente isso: cordeirismo sob os dizeres de ordem e progresso. É a nova lei, os novos rumos do vento, e não se acha um só lugar nessa cidade que o infame do Governo não tenha plantado seus domínios).

OUTROS TEMPOS

e Fernandinho? o filho que sempre imaginei como um advogado competente de palavreado fácil, sabedor das leis como nunca ocorresse nesses lados, defensor a toda prova da honra, interesses e direitos da família. Pouco tempo ele demorou pra mostrar o fel da traição, aquele filho gerado com a força do meu sangue. Logo quando ele retornou da capital formado, apareceu com aquelas falas imperiosas e uns olhos que quase não buliam, tamanha a arrogância que se mostrava neles. Interessante é que ele não gostava de usar o anel de doutor, argumentava que quem identifica o homem são os próprios atos e não o cargo e sem fazer a menor cerimônia vinha sempre com aquelas idéias nada do meu agrado quando se referia a trabalhador de roça como uma gente massacrada que como qualquer criatura de Deus devia ter melhor sorte na vida e nunca a razão esteve do meu lado, sempre ele naquela renitência de salvador do mundo, sempre com tamanha afronta a desafiar os fios brancos de meu queixo, veja só, veja bem, hein?

OUTROS TEMPOS

olhe, pai, a terra tem que ser de todos, e nós, os pioneiros dessa região bendita, seremos os primeiros a dar esse passo gigantesco, dividindo nossas roças com todos igualmente, o homem só permanece escravo de outro quando não tem consciência de sua escravidão, e nisso é que consiste o perigo, veja só, esse novo Cristo

a querer salvar a humanidade, aquele doido não escolhia ocasião pra divulgar suas idéias redentoras, fosse em tempo de comício, festa de quermesse, solenidade de batizado ou casamento, e até que agüentaram muito os fazendeiros, mas quando aquele abuso estava de mal pra pior não suportaram mesmo e botaram a goela no berreiro, assim não é possível, Higino, dê um jeito no seu filho, a coisa já passou dos limites há muito tempo e toma ares de uma situação horrível, e precisou a intervenção das autoridades com um inquérito volumoso que estourou feito uma bomba no meio de amigos e inimigos e foi aquela multidão de comentários espalhada por todo canto feito chumbo de espingarda e que não me deixava em paz um só minuto. Agora, filho sem juízo, vai pregar seu comunismo redentor lá na cadeia entre os doidos e os presos.

(As pernas descruzadas no gesto de rancor, o jornal bruscamente amassado que é lançado no jardim, nele escorre essa tarde de mormaço que febrilmente o inquieta em seu vagaroso silêncio. As costas molhadas de suor, o corpo acomodado na espreguiçadeira, faces mudas perscrutam densa quietude na tarde luminosa vidrando lá fora o azul do céu e o ar das ruas. As plantas no jardim em sua atmosfera de ausência e abandono. Rosas, hortênsias, dalias, violetas, margaridas, lembranças da passagem da mulher por esse mundo, que na morte teve enfim seu descanso merecido: aquelas doenças incuráveis que se repetiam o tempo todo de casados, com suas marcas inapagáveis, suas chagas que avançaram pelo corpo mas que não conseguiram um só instante arrancar uma palavra de rancor daquele peito triste, sem alento e sofrido. Os olhos fixos no cacaueiro, maldita árvore que visita um corpo tenso nas noites de inverno e de verão, como se cumprisse um ritual vindo das profundas do inferno, como se quisesse sempre com asas tenebrosas empurrar seu coração aflito para o mais triste dos suplícios. Ele nunca havia entendido como a árvore deixou de dar frutos logo após o enterro da mulher. Nem se dava conta como a árvore cheia de beleza nas manhãs frescas era trucidada por uma

voz de fúria, fremir de lábios vermelhos, tremor incontrollável que se debatia e explodia numa massa de débeis sentimentos. Espancada no verão, amaldiçoada no inverno. Tempo viesse, com o cacau de pouca safra ou sem preço, a árvore era judiada sempre. E ela continuou crescendo, pleno reverdor de raiz, tronco, galhos, folhas, flores, bilros, frutos e ventos. E acolhia serena aquelas pragas que se entrechocavam como ondas violentas, cerne impenetrável feito de um doce e santo silêncio. E cada vez mais resplendia aquela atmosfera de mansidão e beleza, sombra de outras plantas, abrigo de outros abrigos, a árvore como um olho que sabe encontra paz ao ser penetrado dia após dia do azul do infinito.

De copa larga, no verão recato luminoso com suas folhas pestanejando leves movimentos. O coronel andava na varanda visivelmente intranquilo com a aparição dos frutos amadurecidos. O sangue no queimor das veias, olhos tensos de brilho, num rosto de rugas o fogo da raiva afligia. Peste de árvore que só faz espalhar desgosto. Espera, maldição sem fim, que já vou acabar com esse tormento. A mulher impedia a conclusão do gesto, o coronel com o machado na mão trêmula, corpo agitado que recuava de repente perplexo ante o castigo trazido naquela voz que infundia medo: Não, Higino, não! A desgraça não sairá de nosso sangue enquanto existir um dos nossos aqui na terra. E de olhos erguidos para o céu e mãos cruzadas no peito: A árvore é sinal da bondade de Deus, é de muitos frutos, é de muitas messes.

Rubro é o espaço dessa tarde que se escoia lentamente. As folhas paradas do cacaueiro, tronco e galhos brilhando com o sol da tarde quente, calor forte penetra raízes, fibras e nervos. Mormaço feito de muita luz e vagar da tarde mistura-se com o cheiro de cacau no armazém ao lado, sobreaquecida é a atmosfera na quietude do jardim. Mudos, imóveis, eles dois. Única voz é o silêncio que percorre os contornos da memória, fios invisíveis que se tocam e se tecem para a teia de uma irreduzível atmosfera de manchas pesadas, imprecisas em seu clima de angústia, em suas nuvens solitárias por declives e

rampas, picadas e abertas, trilhas e atalhos, lamaçal e sequeiro.)

NOVO CRISTO

e ele não sabia que pra existir o rico tem que existir o pobre, não sabia, hein? não sabia que Deus como o arquiteto do universo não iria fazer os dedos das mãos iguais? e dos outros filhos a cidade tão cedo não vai esquecer o outro escândalo que veio como a pior das desgraças a bater nesse peito velho e como eu poderia imaginar que aquela reunião em família era pra se exigir que o patrimônio fosse dividido, como poderia? e de mansinho foram eles chegando e foram fazendo aquele cerco e de repente emudeceram como se um esperasse pelo outro até que o mais velho ergueu a voz meio gaguejante e foi dizendo, Que todos nós somos adultos responsáveis, que cada um há muito tempo já pode administrar o que é seu, que para isso saberemos zelar o passado de trabalho e de honra de nosso pai, e eu achando até graça em tudo aquilo e fui deixando todos eles falar e falar e falar e falar e quando não agüentei mais tamanha pancada em minha barba branca não demorei dois tempos e

ACODE MEU DEUS QUE HIGINO QUER MATAR TODA A FAMÍLIA

e saíram porta afora feito doidos e um deles tentou pular o muro do jardim e caiu com o joelho sangrando no passeio e ficou ali a noite inteira murmurando e pedindo perdão e só falando em arrependimento e vocês viram cães malditos que esse revólver nunca me saiu do cinturão? e tudo isso por causa dessa febre do cacau, que nessas léguas o homem só tem alento no dinheiro e na força do ouro vinda dos cacauzeiros e mesmo aqueles que possuem tamanho poder sabem embora não se conformem que até o maior dos impérios ninguém leva dessa vida quando é chegado o derradeiro momento e que cedo ou tarde tudo mesmo vira nada e eu não me conformo com isso e até afirmo que se fosse possível não pensaria dois minutos e reuniria todos meus pertences e botaria num saco bem fundo e levaria

tudo comigo e buscaria outra vida onde tivesse uma nova gente com
outro trato e outro sentido sem safra ruim

e baixo preço

(O homem e a árvore. A árvore e o homem. Se escutam.
Se falam. Emudecidos.)

pra que mesmo se viver em fim de vida? e o que é mesmo a
vida? olhar as águas de um grande rio com o leito a mostrar somente
pedra e pó? é esse jogo que não se explica onde o homem vem rolando
desde o início e termina sem saída? não existe uma única saída que
a gente veja antes de se passar pro desconhecido? é possível que haja
uma ou mais saídas e se houver que não seja desta vida pra outra
pior onde só exista ambição e pobreza e solidão e

MEDO

(Nos pensamentos graves silêncio de árvore. Na serenidade
da árvore a tarde em declínio. E prosseguem.)

um padre me disse certa vez que dentro de cada homem convive
o bem e o mal, carne e mente, um lado sob o peso do pecado e o outro sob
o comando do espírito, mas onde 'stá o tal espírito que eu não pego e não
sinto e não vejo? não sei até onde aquele padre velhinho quis chegar mas
sou reconhecido que dentro de cada um de nós carne e pensamento brigam
por um só espaço e um só momento e cada um deles não se conforma com
a presença do vizinho e sei também que o homem ainda não teve domínio
de si mesmo e que cada coração tem sua fera e que

nessas bandas a lei da vida

é comandada pela febre dos cacauei

e que os bons se afastam dessas léguas todos eles passam longe e creio até fazendo sinal-da-cruz nesses confinsdemônio fez-seuspastos cacau é febre febre feeeeeeebre serras selva vales ribeirões pedras ventos espinho Deus existe? Fernandinho filho volta da cadeia filho Cristo salvou o mundo?

SALVOU?

me digam? fim caminham todos jardim-mudo sobrado-silêncio sombras-parede quintal-latidos cacauheiro-silêncio castigo-castigo Deus-existe? eterno-tormento vivo-enterrado enterrado-vivo ninguém-vai-antes-da-hora preço-sem preço verão-lameiro coronel-governo mel-fel azul-feitiço escândalo-Cristo escândalo-tiroteio carne-espírito jogo-saída fechado-beco? vencedor-vencido império-pó uma-só-alma-não-me-socorre ninguém-vai-antes-da-hora flor-mofa poeira-inferno não-pego não-sinto não-vejo raiz-tronco-galho fartura-ouro barato-sem-preço maldito m a d i t o malditocacauheiro

MALDITO

(Um cheiro de mofo exala-se dos sacos de cacau no armazém ao lado. Abafada é a respiração do coronel na tarde quente que flutua monótona e se espalha sobre a cidade em seu ritmo luminoso carregado de azul e algumas nuvens brancas. Presos os olhos pálidos à árvore no jardim. Olhar imóvel e frágil que começa a se apagar no declínio agudo das idéias, na razão cujos fios tênues se esvaem como no estertor da chama de uma vela. Mãos que não esboçam leve movimento, unhas como casca de madeira velha, a pele grossa, intumescidas as veias. É quando surgem do jardim réstias de luz entre sombras fechadas, e de súbito sente ele os olhos, que nesse instante se encobrem de manchas escuras, a descobrir um verde longínquo nas folhas do cacauheiro. Verde que a princípio parece um ponto minúsculo, pouco a pouco vai emergindo de sua aura esmaecida,

configurando seus contornos luminosos de um tempo perene, mas que mesmo intenso nos frutos cor de ouro da árvore bendita nunca havia se comunicado com seus gestos. Porque nunca esse verde por seus olhos havia sido descoberto. Onda de mansidão percorre agora o corpo todo, a tomar o lugar daquela fúria que sempre comandou os sentimentos, antigo rancor que nas crises das safras crescia vertiginosamente. Como se ele possuísse no peito uma aranha de mil pernas, pinças cuidadosamente armadas para o bote no momento preciso, para pulsar e jogar veneno nas batidas rudes de um coração em desespero. Lentamente pensamentos quase sem vida retornam com esforço de uma claridade frágil, se esboçam e crescem na memória, e se transmudam em imagens definidas. Passam os pensamentos sobre ondas de um etéreo fundo verde, porque verdes e com brilho estão as folhas do cacauieiro no jardim. Revelação súbita acende-se nos recônditos de um rosto emudecido, num recanto que translúcido se espalha por nuvens alvas e serenas, por um livre território em cujas margens um gado manso move-se sabiamente perdurando inocência. Um território que se confunde com os pastos por trás da serra na fazenda Bom Retiro. Aqueles pastos que ele mandara fazer com muito cuidado, em cujo escampo passa um rio sereno, de águas límpidas e frescas, onde como um tapete extenso o capim viçoso fora destinado a velhos animais. Os animais que cansaram com o tempo, que tiveram suas forças dobradas pelos anos, como tudo que na vida tem seu ciclo de existência, e que ali, mudos, quietos, passam a ter um repouso merecido. Um tempo de paz, noite e dia, um só tempo. Cheio de frescor, dormida calma e alimento verde. Gente, animais, paus, chuva, sol, lua, ave, pedra, vento, o eterno e o efêmero, uma paisagem cheia de cores e doces movimentos ondula em torno de seus olhos. E fica flutuando cada vez mais em sua aparição rica de cores e luzes, a lhe mostrar outra paisagem feita de sombras e abrigo, iridescente ternura onde bailam sucessivas folhas verdes, flores e frutos, brisa e relva, mansidão de ouro em reverdor de frutos amadurecidos.

c a c a u e i r o

Soltos no ar bailam frutos cor de ouro transmitindo em seus espaços luminosos um clima festivo. Árvore no céu, no chão infinita mansidão de cacaueiro. A uns olhos que se fecham verdes e pacíficos.)

Então a árvore ressurgiu mais bela. Folhas murmuraram com a passagem do vento, delas saía uma canção que de tão suave parecia sua modulação emergir de um mundo feito de luz e encantamento. Sombras permaneceram em suas sombras. Já não eram figuras disformes que ameaçavam um rosto de medo, a balançar e a empurrar ventos pesados para os caminhos de uma noite traiçoeira. Para o túnel de uma noite solitária e opressiva.

O cheiro de cacau velho deixou de empestear a atmosfera. Foi logo depois do enterro do coronel, o cacaueiro botou as primeiras florzinhas. Andorinhas trissaram e circularam no azul da manhã finda. Brincaram alegremente na claridade de um céu que anunciava novo dia.

Numa manhã de sol a pino, os frutos apareceram no tronco e nos galhos, apinhados lançavam aquele brilho intenso de ouro que refulgia em torno e se espargia pelas outras plantas do jardim.

No telhado do armazém de cacau, inquietos os urubus pulavam com suas asas pesadas. Grotescas figuras que espiavam agitadas murmúrios que saíam das folhas do cacaueiro como estranhos gemidos. Alvorçados, os urubus levantaram um vôo cheio de ruídos. Passaram sobre a cidade como uma nuvem em pânico, pesada e escura. Lá se foram em direção do outro lado do rio. Buscaram as pedras altas das serras, longe, bem longe. Lá onde se diz estão seus esconderijos mais perigosos, despenhadeiros espantosos, cavernas sem fim, onde os caminhos de tão escuros se perdem em abismos incríveis.

Pois foi, fecharam-se em paz, definitivamente verdes os olhos.

O coronel Higino não sabia se sonhava ou morria.

Dias da Costa

De prenome Oswald, Dias da Costa (1907-1975) nasceu em Salvador, transferindo-se para o Rio de Janeiro onde foi redator das revistas “Pã” e “Leitura”. Em colaboração com Jorge Amado e Edison Carneiro, escreveu o romance “Lenita”, 1930. Publicou “Canção do Beco”, 1939, e “Mirante dos Aflitos”, 1960, volumes de contos. Tem contos publicados em antologias brasileiras. Seu conto “O Cachorrinho Au-Au e Outros Cachorros” foi incluído na antologia “Contos Brasileiros de Bichos”, 1970, organizada por Hélio Pól-vora e Cyro de Mattos.

Sua narrativa objetiva exhibe quadros dramáticos da vida cotidiana na cidade. As vivências do jornalista aproximam o contista das afetividades eletivas, voltadas para uma humanidade baiana. Os personagens desempenham papel importante no palco da problemática social do indivíduo, mas ressurgem também do espaço intimista em que são situados os conflitos, os quais se estendem na escrita pujante marcados por notas tristes, em meio à paisagem aflitiva, de desesperança e solidão.

O texto “Como um Velho Saveiro...” figura no volume “Dias Costa Conta Histórias do Mirante dos Aflitos”, 1980, antologia publicada por Edições Gumerindo Rocha Dórea. Deixou um legado literário pequeno, mas expressivo; como a de Elvira Foeppel, sua obra merece estudo de avaliação crítica.

COMO UM VELHO SAVEIRO

Estou aqui e não estou. Estou aqui, sei que meu corpo está nesta casa, nesta sala. Vejo as coisas familiares, os móveis, os objetos, a lâmpada oscilando de leve, o quadro na parede. Sei que sou eu, que os braços longos, caídos, desanimados são meus braços. Olho no espelho a minha face, reconheço o olhar vago, a testa cada dia mais larga, a boca descaída nos cantos, a barba azulando sobre o queixo e esta palidez de coisa morta, definitivamente morta. Sei que o rosto refletido no vidro é o meu rosto, mas não o reconheço. Sei que o meu corpo está aqui, nesta casa, nesta sala, mas acho tal presença absurda. Em verdade estou distante, tão distante, no tempo e no espaço, no passado cada vez mais presente. Olho outra vez a minha face no espelho e nela não encontro desespero, mas somente fadiga e cansaço, irremediáveis e mansos, e imensa solidão. Revejo a praia deserta, uma praia perdida na infância, a faixa branca de areia se estendendo longe, velhos saveiros imóveis emborcados sob a lua. Na frente, o mar prateado e sem fim, prateado e soturno, prateado e cheio de ameaças. Mas volto a este momento e vejo a mariposa que esvoaça pela sala e gira em torno da lâmpada, sem que o ruído de

suas asas consiga quebrar o silêncio que me envolve, sem que a sua presença apague o sentimento de distância que me punge. Sim, fui eu que inventei a viagem. Eu e Maria Ester, longe de tudo, exilados na ilha, o mar batendo na frente da casa, as velas brancas correndo no mar, os saveiros vivos singrando as águas mansas e o nosso amor povoando tudo. Sim, fui eu que inventei a viagem. Porque este rádio tocando agora? Porque esta marcha barulhenta, nesta hora da noite? Quando eu era menino gostava de marchas. Não tanto como do mar, é claro. Daquele mar que era meu amigo, que era gente para mim. Nele eu soltava meus pequenos saveiros, de velas coloridas, que se perdiam nas águas e nunca mais voltavam. As velas minúsculas se enfunavam ao vento e levavam meus saveiros para mundo que eu desconhecia. Mas, nunca pensei que uma vela fosse coisa viva, tivesse vontade. Hoje sei que estava enganado. Mas agora é tarde demais. Tão tarde que já não recordo bem a primeira vez que vi Maria Ester. Sei que ela estava de branco e havia lua no céu. Sei que havia uma janela aberta por trás de sua cabeça e que a luz vinda de fora se refletia de leve em seus cabelos. Com aquela luz tão tênue, não via a cor de seus olhos. Mas via-lhe as mãos. Mãos tão longas, tão vivas... Mais vivas que as velas de todos os saveiros do mundo, asas de pássaros brancos agitando-se na tempestade. Hoje ainda, agora ainda, vejo-lhe as mãos como as vi em horas diferentes, em gestos cadenciados e medidos nos instantes de calma, nervosas e inquietas nos momentos de angústia. Vejo-as, ainda hoje, vivas, tão vivas neste silêncio, tão presentes nesta ausência, tão presentes quanto no dia em que as vi pela primeira vez. Num dia em que eu estava tão cansado, tão cansado como jamais alguém estivera antes. Cansado de tudo. De mim, dos outros, da vida. Só não do mar. Do mar e dos saveiros de minha infância. Daqueles que singravam as águas, daqueles que nunca mais viajariam, emborcados na areia da praia. Não tinha razão o médico que falava em esgotamento nervoso, em neurastenia. O que havia era desencanto, era cansaço. E Maria Ester chegou na hora em que minha mãe rezava por mim, sem entender o que eu sentia. Sim, Maria Ester chegou na

hora exata. Com a sua presença em minha vida, eu já não andava sozinho pelas ruas, nas horas da noite, escondendo-me no silêncio, fugindo dos homens, fugindo de mim. Voltei para a vida. Voltei para a vida que se povoou com a presença de Maria Ester, com a onipresença de Maria Ester. De manhã era ela, à noite ela estava comigo. Ao sol, seus cabelos brilhando, nimbados de luz; sob as estrelas, seus olhos luzindo, buscando meus olhos. Voltei para a vida, inventei a viagem. Agora estou de novo na rampa do Mercado, na Cidade da Bahia, espero o saveiro de João da Penha. Eu e Maria Ester. Juntos chegamos, juntos sorrimos, seus olhos verdes refletindo o mar. Juntos embarcamos. Juntos ficamos, suas mãos nas minhas mãos. Juntos vimos a vela do saveiro subir no mastro, juntos passamos o Forte de São Marcelo, vimos a cidade recuar pouco a pouco, o casario diminuindo na distância. Depois veio a chuva, veio o vento, a baía em meio, João da Penha vestindo um capote azul de sarja, olhos semi-cerrados, o cachimbo esfumaçando na boca, a cana-do-leme segura sob o braço esquerdo. Agora estou inquieto, agora estou ali de novo, no saveiro de João da Penha, o vento engrossando, as ondas crescendo, o céu já escuro, as nuvens pesadas, o vento soprando, rodando para sudoeste, a água entrando pela borda, molhando tudo. O comando foi breve e seguro, João da Penha ordenando na sua voz decidida:

— Camba...

Então revejo a escota lhe fugindo das mãos, a corda zunindo como cobra desferindo o bote, a vela batendo doida, sacudida pelo vento, a onda desmedida entrando pela proa e o mundo se dissolvendo, líquido e revolto, sem princípio nem fim.

Antes de perder os sentidos vi o vestido vermelho de Maria Ester boiando no mar, mancha de sangue fugindo para sempre. Antes de não ver mais nada, vi as mãos de Maria Ester, asas doidas sobre as águas, agitando-se pela última vez. Agora estou aqui e estou longe. No tempo e no espaço. Estou aqui e me perco na distância, onde para sempre parei. Estou aqui e estou lá, parado e vazio, naquela praia branca sob a lua, a se perder

ao longe sob a lua, até onde a vista podia alcançar. Parado e sozinho, parado na areia.

Como um velho saveiro que jamais voltará ao caminho do mar...

Elvira Foeppel

Com “Chão e Poesia”, pequeno volume de memórias curtas, faz sua estréia em 1956. “Círculo do Medo”, contos, 1960, do qual foi escolhido o texto “O Aleijado”, é saudado pela crítica como textos inovadores e de antecipação. Assim como ocorreria com os ficcionistas João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, os procedimentos mais avançados de renovação formal em nossa novelística, Elvira Foeppel vai introduzir elementos de vanguarda na estrutura e linguagem do conto. O romance “Muro Frio”, 1962, tem lugar assegurado em nossa literatura de renovação estilística, numa época em que a nossa ficção ainda não era plena de procedimentos mansfieldianos, proustianos, joyceanos e faulknerianos.

Nasceu em Ilhéus, em 1923, exercendo em sua cidade natal o magistério primário. Durante muitos anos residiu no Rio de Janeiro onde faleceu em 1998.

O ALEIJADO

fita o filho, é sempre o mesmo, pouca vontade a falar, nem a intimidade poupada, amarga a vida inteira a ver pupilas se endireitando em almofadas e objetos de cera, nenhum sorriso cremoso, o aleijão obrigatoriamente escandaloso, habitual e monstruoso em identidade permanente com a casa. todos os dias, mantinha-se assim em posição de queda, uma fisionomia compondo-se de tonalidades diversas, untos de reserva, humilhação, mãos paradas, inertes, lembrando tranqüilos bichos mortos, formava um conjunto feio, braços secos, pequenos demais, um rosto frisado de espinhas sujas, a proeminência destacando-se como coluna de gesso acima do ombro direito, o filho pouco a pouco chorou, lágrimas miúdas, colocava bandejas na mesa, um cheiro de pomada tomando conta de tudo, o filho murcho atravessa sozinho o cruzamento da sala, do corredor, nódoas no azul dos olhos cansados, o medo por vezes num domínio de arrastar suores frios, aos treze anos, o entusiasmo perde-se nas linhas da voz limitada, rouca, terrível o desprezo no canto dos olhos, — a fotografia não existe na casa — o corpo do filho é mistério na rua, é sombra transparente no chão, não atraíça ninguém, soluça apenas de madrugada, exausto da normalidade do dia longo, ele quer ser simplesmente criança traquina, jogar bola,

levantar cadeiras, puxar cortinas, segurar copos, — mas, sente dores nos ombros, nas pernas, no ventre coberto de lã, está declarado pelos médicos, por todos, é um doente, um aleijado, a luta entre ele e o tempo é luta de aclimação, de entrega, — outros meninos chamam mãe com ternura fácil, escorregadia, ele, como adulto de fígado estagnado, diz: está bem, está bem, até amanhã.

por muitos motivos ela é criatura cansada, um nó inteiro, infame, enrolando-a de intensidade, espera, vê sofrer o filho, dia a dia, mais e mais, os outros conversam em ritmo de alegria, não poupam sua miséria, dando impressão que praticam, cautelosos ataques pelas costas lisas, dobradas, sem sol.

é mãe. entende, é mãe, às vezes difícil compreender, tinha de ser mais cedo, mais tarde, mãe. mas, sente que o filho é transitório, passam distrações, o filho é breve, morto encurralado, não há espaço maior entre os dois, o peso declarado do filho aleijado queima sua carne bela, a formação de pecado parece normal a olhos comuns sem passado com a prática da mãe que não sabe como amar o filho, sólido e inútil, na casa. num caráter improdutivo, cego, ela socorre pedido infantil, nasce desdém de suas raízes no lodo, ataque cuidadoso de dias românticos, minúcias de impulsos secos circulando o modo como foi apanhada em dezembro na cilada dessa identidade carnal, válida por dois meses, na crista da mentira do homem escolhido, marcada então de medo e tédio, ela é mãe. contempla o filho com lamúria no olhar, apesar de suas rugas estreitas ela pensa novamente no amor, — ademais, menino deve possuir uma solidez casta, em verdade de mãos limpas ela pode acariciar o filho, o que é difícil é chegar mais perto, o filho, incongruente, não soluça nem tende para o erro, precisa elaborar um mundo quieto, natural, exibindo sua fé no próprio corpo precário, com dimensões sem dor, aspecto azul nas veias finas, menino de casa sem portões, sem vizinhos, ele não é louco ainda, contudo já sabe ter mãe cansada, sofrida, insatisfeita, apóia ombros nas paredes, lê contrito as orações de Job. de S. Paulo.

esbarra contra palavra curta, dura. sentido de covardia na ponta da língua, mexe pernas, mexe dedos, mexe pescoço nu, sofre, — espasmo do passado, dúvida perigosa em músculos pisados.

filho nascido em dia de chuva, — uma mulher recordando em ecos enquanto o sino retorna agudo, ferindo espaço, arma branca, assustada, sino escuro, via claro como fora sempre mãe triste, sem esperança, um mundo pior para o filho virgem, aleijado em hora sempre, sempre.

brilha imposição no próximo ausente, ela esquece por vezes que não é sozinha, derrama infelicidade pelo corpo magro, seu rosto é remoto, num determinismo suicida, confiança? onde?

a história salta, amarga, animal que se salva sozinho guiado apenas pelos ruídos humanos, acreditam? — instinto gasta-se inerte, frio, todos se repetem em ginásticas iguais, membros distorcidos como gravetos recentes, movem-se, movem-se, criam esferas, ângulos, variações do susto, da beleza, sim. variações, refúgio de esquecidos heróis anônimos, são últimos cérebros fazendo-se em pedaços, linhas de espera e nada.

pensa nos filhos de outras mulheres, belos, arrogantes, em varandas de vidro, expondo-se indefinidos, vaidosos, contentamento em mãos íntimas, divertidas, ah. se pudesse gritar para o filho evidenciando amor:

- menino, suba esse caminho, corre este caminho, luz nas encostas é dia, sempre dia límpido — contudo menino sente náusea, olha para baixo, sabe, desejo oculto, traiçoeiro, de colocar pés no lago, ver flores coloridas sufocadas na água suja. sim, se pudesse espantosa, saber filho escapulindo travesso outro caminho, ter remorsos, dormir vergado sobre grama verde, sonhar, mentir, depois voltar, sorrir, — mentira pelo caminho mandado, não sofrer distância, mostrar-se inteiro, luminoso como astro caído, ternura nos dedos perfeitos que carregam coisas, pedras roliças para ele, para ela, alegria entrando pelos ossos, indo fundo, indo fundo, sorrir.

chora, é mãe. sim. chora ainda, atrapalha-se em ver pas-

mada a vida curta do filho em transe de angústia, espanto, volta a cabeça, não quer lágrimas à vista, no escuro, gotas mortas, incolores, pálidas, lágrimas na face onde o orgulho se fecha tenso, doloroso, nem grito de mãe, nem zombaria de outros meninos, — horizontal é linha de indiferença, o mundo ali, fechado, ar de bolor em cima de vasos, colheres, espelhos, abaixou-se, pés em chinelos poídos, a face grave movendo-se em direções diversas — flores vivem em vermelho, em amarelo, em rosa, cor breve e no minuto (de onde surgem curiosidade, mistério, ambição) ela quer traduzir em sinais leves a angústia de ver penosa sabedoria nos olhos do filho — vida quente, vencida na ponta dos dedos, tempo corre, ela, deliberadamente em linguagem difícil de entender ascende ao alto nível de comunicação dúbia. deus. mãe é símbolo de tolerância ela?

um dilaceramento imediato de formas em substância vaga, ascendente, sem contornos definidos, uma expressão de glória se firma nos dentes todos à mostra, dá confiança e lembra mel dourado sobre língua viva. um dia a conceber perdão para si mesma.

acorda por vezes em pesadelos dizendo:

— depressa, depressa, filho, tenho pouco tempo, a imagem é pedra, não tem importância, sabe que o filho mataria qualquer um que a ferisse — poucas vezes contempla o filho no chão, mãos amáveis, o tempo recua, recua, recua, lembra o filho, grito de dois anos, lados obstinados, d e s i n t e n c i o — n a d o s todavia, — todavia não há retorno, impossíveis ventos de ontem nestes cabelos de hoje, palavras do filho ainda inconsciente do aleijão,

— a senhora é linda, linda, linda.

ela não permitia contrações na face para não enfeiar, o tempo passava, e a história simples, casual, da aventura com o vizinho louro, três diferenças nítidas entre os dois, abrangendo todos os pecados (os limites — imaginação, dedos no ar, cada período curto encerrado em unidade quente, doida) assim como figura central, gasta, estropiada na convicção certa de sua própria mortalidade, o filho? ah. o filho, zumbido dissonante, em quase completo abando-

no, quebrando-se diariamente vincos cegos, ele engrandecendo-se sozinho no silêncio, modesto, calando miséria, revolta.

quem sabe. o filho, garganta apertada em tosse curta, vendo passarinhos, idas e voltas, em próprias técnicas escravas, em torno das quais ele circula indefinidamente, também voeja morcego escuro em macia nudez, talhado em súbita ameaça de angústia, imagem de demônio em três espaços brancos, brancos. — o filho sozinho na noite, como grão de milho cru.

então só degradar-se. degradar-se?

é como gritar cem vezes um nome em vão, expressão de frieza na boca, existe uma arte de sofrer com orgulho quando o corpo resiste belo antes da morte, entretanto, as notícias surgem, crescem suspeitas nos olhos, ela não é mais digna do filho, está nas últimas, abusando de tudo. um monstro de olhos castanhos sobre coisas, direção de vertigem ultrajando bondade, e naturalmente ela é mãe observada por alguns, cheirando a eucalipto vários dias, acima de tudo ela possui uma experiência de eternidade na carne que chorou este medo, esse espanto, de ver nascer um filho lentamente, sem estar preparada em nenhum instante, em nenhum sentido, em qualquer hora para ter um filho, mesmo assim, ele surgiu, vindo diretamente do seio tomando petulantemente razão de ser, entre lama e luz e o primeiro susto, a carne deformada, mole, estreita demais entre suas mãos vagas, tendo visto tudo, arregalou pupilas para o corpo difícil do filho na penumbra e lamenta não poder ser massa acesa pronta para uma habilidade infinita e delicada poupar choro infantil, ajudar crescer órgãos e mãos, cérebro e pernas, formar um homem que acreditará em deus e amará uma mulher, e que indagará a que espécie de animal pertence o camaleão — então seria fácil ver tempo passar, outra noite, lençóis limpos, rosto rosado, apoiando seu mistério, doce e amiga como raiz oculta.

Gláucia Lemos

Nascida em Salvador, no Bairro Nazaré, em 9 de abril de 1930 Diplomada em advocacia pela Universidade Católica de Salvador. Jornalista, pós-graduada em Crítica de Arte pela UFBA. Autora de inúmeras obras de literatura infanto-juvenil, como “O Marujo Verde nos Mares da Ásia”, 1997, “O Poeta da Liberdade”, 1997, e “A Garota do Bugre”, 1998. Para o leitor adulto, publicou, entre outros, “A Metade da Maçã”, 2º Prêmio da Secretaria da Cultura do Recife, 1984, romance, “O Riso da Raposa”, romance, Prêmio Cidade de Salvador, da Academia de Letras da Bahia, 1985, e “A Procissão e Outros Contos”, 1996, de cujo volume foi extraído o texto “Tupac Amaru”.

Seus livros infanto-juvenis têm merecido edições sucessivas, como “As Aventuras do Marujo Verde”, 1990, já na décima sétima.

Sua ficção é marcada pela linguagem espontânea e fluência narrativa que puxam a história inventada de forma competente, cujo conteúdo prende o leitor e fica por conta do interesse suscitado. Escrever para ela é um ato inevitável, forma de ler o mundo, questionar, impressionar e ser útil ao outro.

TUPAC AMARU

Estavas lá, meu soberano, rodeado pela corte. A tudo eu assisti, oculta entre a folhagem. Soubesse o estrangeiro ser eu a tua amante, me sacrificaria sem cuidados. Mas assim pude ver. E tudo vi.

O guarda anunciou que ele estava chegando. Um só guarda havia, observando os caminhos. Era longe o tempo em que em cada ayllu havia uma sentinela, e um homem expectante em cada posto, para a troca da mensagem nas lonjuras das viagens entre as cidades do império.

Há muito o estrangeiro dominara os teus avós. Poucos fiéis restavam a teu redor. Mas o rei eras tu. E eu a tua amante. Menos que tua coya — tua estrela. Menos até que as tuas concubinas. Era eu a tua amante que deslizava em silêncio entre as pedras das paredes de pedras. A que dormia te esperando entre os mais sombrios canyons, a que te visitava cautelosa nas tendas das viagens, como mera índia serviçal.

Mas, retirado o lattu — meu rei, meu Inca, meu senhor — eras meu homem! Descansado teu cetiro ou tua clava encimada por estrelas de ouro puro, era eu a descalçar as tuas sandálias de lã branca, a desatar o galão que te cingia o tornozelo. Era eu a te retirar a uncu que te cobria até as rijas panturrilhas. A te desamarrar do tronco

a longa capa e te tocar o peito branco à luz bruxuleante. Teu peito que a ninguém era dado contemplar... Era eu a te beijar tua pele de leite e atender minha sede bebendo o teu suor. Era eu a te sentir como filho, como feto, pulsando na quentura do meu ninho — o mais íntimo de mim. Era eu, tua serva, a tua secreta rainha. Mais que tua estrela, tua mulher!

Ocultei-me entre os que iam, e te vi. Eu que te tendo mais que todas, ali só te retinha nos meus olhos.

Era urgente que partisse a caravana carregando a tua fé que aprendi, e que ensinaste a meu povo, na adoração ao Sol. E nos ombros dos servos, teus tesouros e tua liteira ornamentada, onde a cabeça altiva do meu soberano, batida à ventania, desenrolava os teus cabelos claros, os teus cabelos longos, que faziam a minha glória só beijá-los.

O grande rei fugia. Fugia o “grande e poderoso Sapa-Inca”, desterrado do teu reino pela justiça feita a Titu Cusi. Contigo, à parte do teu séqüito, fiel, fugia disfarçada, tua amante, tua cadela, aquela que se teria feito pó, por escolha, sob os teus pés, mesmo se não fosses gentil, se não fosses tão nobre em teu amor.

Alcançou-te, porém, o estrangeiro. Mãos opressoras te arrancaram, injustas, do trono da liteira. E eu vi, horrorizada, vi, cordas atando os pulsos que eu beijava. Teus tesouros, teu deus, a múmia do teu irmão assassinado, arrebatados dos ombros dos teus guardas, passados para os homens de outro rei.

Implorei a Viracocha me cegasse para não te testemunhar na humilhação diante da tua coya, diante do olhar das tuas concubinas e dos teus filhos. Diante dos guardas que te serviam. Para não ver pisando o chão imundo das estradas que todos pisavam, os teus pés de alabastro que eu perfumava com essências de ervas em vasos de prata.

Mas vi

Te fizeram adentrar a cidade sagrada com mãos amarradas em cordas malditas, para teu povo te ver ofendido e infeliz. E a cabeça,

desnudada do lattu, eu vi quando forçaram sob as águas de um estranho batismo em outra fé que nunca foi a tua. Que tu desconhecias, e não podias ter, porque não era aquela da tua mãe e da tua raça. Te roubaram, meu rei, também o teu próprio deus.

Em desespero, meus vestidos rasguei para com trapos amordaçar-me a boca, pois já não suportava assistir ferido e desonrado, ao meu soberano, meu homem, meu motivo. Joguei-me até o chão a me arrastar pedinte, ao pé do estrangeiro, para implorar, em dor e aflição, pela vida do imperador, que era a minha causa. Mas só tive, sob o couro pesado que guardava o pé do teu adversário, a ponta do meu manto, o cuspo que atirou humilhante e cruel.

Então te conduziram ao cepo do sacrifício.

Eu vi...

Teus cabelos de seda se espalharam sobre as espáduas nuas, nas quais, ainda ontem, as mãos e os lábios quentes do meu carinho chamavam, impacientes, os teus desejos. E, ante o clamor surpreso e agoniado do teu povo, a lâmina perversa do ódio opressor, de um só golpe, alcançou tua nuca.

O teu povo estendeu, sofrido, o choro clamoroso, até além do Titicaca.

E eu vi o teu rosto cor da lua caindo na poeira. Tombando com olhos semicerrados. O teu tronco — invencível rocha do Atacama — abatido e imóvel. Outra vez contemplei o encanto viril que te fazia o mais belo dos homens da tua raça. Os cabelos revoltos espalhados, eram como o ouro da terra na sujeira do chão. Até que a mão do estrangeiro, desgraçadamente vitoriosa, te agarrou os cabelos para te expor, erguendo diante da turba em desespero, o teu rosto vencido. A tua face morta.

E então morri.

Mas a dor que se avolumou dentro do meu corpo, em partículas de mim explodiu sangrenta, por todo o mundo, e permanece para sempre ecoando pelos picos dos Andes, e pelas paredes de todos os canyons.

Ainda hoje a minha essência vaga, viajando pelas infinitas longitudes do universo, na tentativa de reconhecer em cada face, em cada arrogante coragem de varão com que se defronta, a nova imagem em que te plasmaram. Para a nossa reunião, Tupac Amaru.

Guido Guerra

Nascido em Santaluz, nordeste baiano, em 1943. Jornalista e um dos escritores mais lidos de sua geração. Publicou “Dura Realidade”, crônicas e contos, 1969, “As Aparições de Dr. Salu e Outras Histórias”, novela e contos, 1973, “Percegonho Céu Azul do Sol Poente”, romance, 1976, “Lili Passeata”, romance, 1978, “Ela se Chama Joana Felicidade”, novela, 1948, “Quatro Estrelas no Pijama”, romance, 1989, “O Último Salão Grená”, romance, 1992, “Vicente Celestino — O Hóspede da Tempestade”, ensaio, 1994, e “Vila Nova da Rainha Doida”, 1998, contos.

Segundo Jorge Amado, trata-se de “um senhor ficcionista... Guido fez-se um verdadeiro criador de ambientes e personagens, um criador de vida”.

O conto “As Curvas da Tocaia no Alto da Maravilha” integra o livro “Vila Nova da Rainha Doida”.

AS CURVAS DA TOCAIA NO ALTO DA MARAVILHA

Não podia me queixar da vida: tinha carro e motorista. E telefone celular. Isso me permitia controlar a mulher e os filhos, o saldo bancário e o escritório. Não era muito, reconheço, mas me bastava. Tibério Boa Morte estava comigo desde o primeiro Dodge, mas não viera para ficar: só para iniciar-me no volante e, no máximo, até tirar carteira de habilitação. Era homem de confiança do coronel Asclepiades Duarte, meu avô, de quem era parte e capricho. Como os bois que ferrava com as iniciais. Ferrava-os e, para sarar o ferimento, jogava bosta em cima. Santo remédio, jurava sem beijar os dedos em cruz.

Cumpre-me esclarecer que *aquele* coronel, que bem lhe assentava, embora não o tivesse suado na caserna, ia-lhe por conta da Guarda Nacional: pagara o justo preço pela honraria, mais a de capitão para Tibério, que gozava de regalias na casa-grande. Sentava-se à mesa, servia-se do bom e do melhor (inclusive do queijo de cuia que o turco Jamil vendia aos de maior posse, de porta em porta, por ocasião do Natal e do ano-bom), na fartura que desejasse, mas evitava emitir juízos sobre pessoas vivas ou mortas, exceto sobre a senhora mãe do coronel Asclepiades:

— Era que nem ver uma santinha.

— Santinha não — corrigiu padre Epifânio. — Uma santa de tanta bondade. Pena que o Vaticano não me autorize a erigir-lhe um altar.

— Há de permitir — tornou meu avô. — Quanto o Vaticano cobra por um altar?

— Não cobra — disse o padre. — Isso não se vende. É prêmio.

Tibério percebeu que não convinha insistir, justíssima que fosse a causa. O requeijão derretido esfriava no prato, sob o olhar do vigário: a gula vencia-o muito mais que as tentações da carne, a que resistia bravamente, apesar das oferecidas de sacristia e confessionário, que iam excitá-lo cheias de prazer, narrando-lhe desejos pecaminosos e facilidades permitidas aos namorados. Não, não se podia dizer que se mantinha indiferente às provocações. Interessava-se, perguntando, às vezes exigindo pormenores. Sim, detalhes particularíssimos: se tocavam os amados por dentro ou por cima da calça, se se deixavam penetrar e por onde, se pela frente ou por trás ou só nas coxas. E tocava-se também. Dona Beata, mulher do escrivão Isaías, jurou que o viu, além das estrelas, tocando-se por baixo, e até lhe ouviu um suspiro. Sim, um ai abafado.

Inútil recordar os podres alheios. Começo a me preparar para o vazio da casa-grande. Apenas tia Eulina continua lá, cega como já era e bem velhinha, ela e uma dama de companhia. Se me reconhecerá ou não, isso se verá. O quarto em que nasci, o do meio, dava fundos para a mangueira, de onde vinha o canto da rolinha: *fogo pagô*. Era assim que chamava à companheira, talvez perdida nas curvas da estrada, nos umbuzeiros do meu sertão: *fogo pagô*. Ali entraria, pé ante pé, as batidas do coração mais aceleradas, em busca dos fantasmas da infância. A senzala teria sido onde era o curral, deduzia tia Eulina.

Da finada Marcelina, sua ama-seca, como se dizia no bem para trás de antigamente, tinha ouvido umas tantas histórias, inclusive onde era o tronco: ali onde tio Ranulfo amarrava seu cavalo

alazão, perto do largo portão, à sombra de um cajueiro. Também ali, em tardes movimentadas, se examinava a valia de um negro: pelos dentes e pela força bruta. Sorte nossa, dizia tio Ranulfo, já não se respira aquela fedentina de preto. Aquela catanga, repetia e abanava-se com o chapéu.

No vazio da casa-grande, o meu. Vovó Pequena, agora só um retrato empoeirado, arrastava-se vagarosamente pelo corredor, a rezar seu terço cotidiano, pedindo pelos seus e pelas almas do purgatório: a de sua saudosa mãe, sabia de certeza plena, estava no céu, reunida na santa glória, a esperá-la com seus olhos de tâmara madura. Em noites festivas, eram raras, mas as havia, o turco Jamil abancava-se à mesa e falava de seu bem distante, às vezes com um brilho molhado nos olhos e resistia às provocações do capitão Tibério Boa Morte:

— Ainda vende santinho?

— Santo não se vende — ofendia-se.

— É verdade — pigarreava meu avô. — Troca-se por dinheiro.

No silêncio da casa-grande, também o meu. E mais: a memória de gestos que se perderam no vazio, de rosas e margaridas que murcharam no jardim, de tiques nervosos quase esquecidos: tio Ranulfo a cuspir nas paredes, de nojo de tudo, de mosca voando em torno da mesa, de galinha cagando no alpendre, cusbindo e olhando o cuspo secar. Deveria estar preparado para as ausências. Teria de desenterrá-las e recuperar o rosto que era meu. Aquele menino que era eu, tão longe de mim. Deixaria que, como antigamente, a tia tomasse meu rosto entre as mãos, descobrisse as primeiras marcas do tempo, um ruga aqui, outra ali, tocasse o bigode com seus dedos trêmulos, na suavidade das ternuras antigas.

Tibério não tinha motivo para voltar. Sequer pelo coronel, por quem sujara as mãos e não as limparia facilmente: sangue alheio, inocente, parecia escorrer-lhe entre os dedos. Se falasse (se dissesse que os mortos não eram seus, pois nem os escolhera, mas apenas tinha apertado o gatilho, sem que o infeliz tivesse tempo de perceber que ia morrer), sujaria o coronel tão reverenciado. Ali feito monumen-

to. Uma estátua de pedra. Então, discursaria, de modo breve, porém enfático. Mas não contava que passaria pelo pior: assistir à abertura de seu túmulo, testemunhar a retirada de seus restos, testemunhar com os olhos e a assinatura no papel, logo reconhecer que eram seus, lá dele, os ossos e as cinzas, e finalmente, precedendo ao discurso, deitaria sua urna onde me mandassem colocá-la.

— Não prefere que lhe indique um colega? — insistiu Tibério, ainda na tentativa de que eu pudesse dispensá-lo. — O Pau de Macaco não é menos motorista que eu.

Era o que faltava me acontecer, só isso. Deixar-me acompanhar por um motorista que atendia por apelido tão esquisito, quase indecoroso. Pau de Macaco. Concordasse com isso, motivo de riso e galhofa, logo me recomendaria nomes bem menos familiares, como um Paulo Escroto, João Caralho ou Chico Bocetinha. Melhor resistir à pressão, fruto de seus medos e culpas. Sim, culpas e eram tantas: o som de um disparo parecia perturbá-lo, o suor escorria-lhe pelo rosto — difícil determinar se vinha do sol abrasante ou se era o frio dos nervos, de morte e pânico.

— Não lhe agrada minha companhia?

Calou-se. O olhar irado, ferido. E havia ódio agora ao coronel. Sabia que, ia compreendendo, o induzira ao crime. E mais: ensinara-lhe a manejar uma arma de fogo. Uma sensação de que o sangue dos inocentes lhe corria nas veias. Apalpou o revólver à cinta. Duas balas a menos, as que perdera com os urubus, assustando-os. “Quem vier leva chumbo”, pensou. E era o que não queria: matar. Isso nunca, jurou. Até entendia que os vivos vingassem seus mortos e melhor entenderia se o alvo não fosse ele. A mão, que nunca tremeu, tremia então.

A revolta começava aí, ia doendo devagar. Muito do acontecido se aclarava: as mortes eram suas, por menos motivos que tivesse para decidi-las, mas fora o seu o dedo que apertara o gatilho; o olhar, que fixara a mira e o alvo, também o seu, lá dele. As atenções igualmente se concentrariam lá nele. Como se uns dissessem aos

outros: ali o que restou do coronel — o jagunço de estimação. E, reunindo medos, imaginava o cano de um revólver apontando para sua cabeça, como o do seu apontara para tantos, o olhar frio mirando a nuca dos inocentes.

— Filho da puta — murmurou Tibério.

— O quê?

— Nada, doutor. Resmungava comigo mesmo.

Sabia que falava do sangue sujo que me corria nas veias, sujo e podre. Olhos enxutos, as mãos trêmulas. E quase um sorriso de forra: o velho transformado em pó, os ossos esfarelando-se nas mãos do coveiro. E sabia ainda: não responderia por si, se alguém o mencionasse, apresentasse a estatística de quantas vidas ceifara, quantas terras invadira. E de olhos enxutos, duros, duríssimos. E frios, como seu ofício requeria. Ninguém o acusaria de nada. Tinha resposta pronta, decorada. *Eu não era eu. Era ele.*

Repito: havia quem dissesse que tinha sido a melhor pontaria de Mirante dos Aflitos, de tantas mortes que não cabiam nos dedos e nos artelhos. Outros, sobretudo se grogues, enumeravam-lhe os crimes, no arredondamento do imaginário. E não se sabia de defunto que tivesse consumido mais de uma bala. Tiro e queda, só um. Se mirava a nuca, era lá que acertava, nada de tirar fino, raspar a orelha, o cabelo, mas nenhum remorso aparente:

— Exagero, doutor, o povo fala mais que sabe.

Na casa-grande, assunto proibido de se tocar — as mortes que Tibério carregava nas costas —, mas se falava baixinho, nos cantos, entre reticências, no alpendre em noites de lua cheia, depois que o velho se recolhia. Terra boa de se tocaiar, aquela. Não, não escondia o prazer de ver um corpo caindo, a pontaria premiada, o riso, a gargalhada a misturar-se ao choro. Motivo de soberba, talvez de gabolice, se não guardasse um segredo do coronel, íntimo, indevassável. Tibério sabia que não eram suas as mortes anunciadas, sequer escolhia os defuntos: apenas apertava o gatilho e não os abandonava aos urubus — fazia-os voltar à família, mas antes chorava pelas viúvas e pelos órfãos.

— Nenhuma bala perdida?

— Nunca, doutor.

A carapinha começava a branquear, e também a barba por fazer, o riso ia murchando. Histórias bem guardadas as dele: meu avô as levava na memória apagada, mas as viúvas não o esqueceram, embora os filhos adiassem a jura de vingança: nunca seria tarde para cumpri-la. Medo ou esquecimento das perdas, sabe-se lá o quê. Tibério se precatou, como há muito não fazia, recarregou o revólver e o colocou à cinta. A mão trêmula, percebeu. Talvez já não fosse o gatilho de ouro que era.

Era pouco o que eu sabia: a cidade ia festejar o centenário do coronel Asclepiades, com banda de música e rojões. E discursos, um dos quais, representando a família, me cabia fazer. (Viria ainda o governador e, questão de oportunidade, apresentaria seu candidato à sucessão e recomendaria a reeleição de seu filho, se possível com expressiva votação: poderia não ser o melhor deputado, arranhava o vernáculo e a Constituição, mas era seu filho). Não se pense que se chegou facilmente a um nome de consenso entre os meus, dispersos na alegria e tão próximos na tristeza. Havia outros letrados na família, inclusive um sonetista afamado, porém gago. Pesou a meu favor, ainda que eventualmente derrapasse na gramática, um merecimento que ninguém me negava — o brilho de orador de cemitério.

Temia exceder-me na comoção, sendo farto de lágrimas e adjetivos. No velório do corretor Amaral, corretor de imóveis, consegui um feito: chorei mais que a viúva e os filhos juntos, o que criou certo desconforto, mas a viúva se recuperou no enterro: diante de minha fala inflamada, desmaiou à beira da cova, como se quisesse seguir viagem também. Mesmo em velório de desconhecido, ninguém mais compungido que eu. Tinha a indumentária apropriada, que não se apartava de mim. Um jaquetão escuro. Ia na mala do carro, dentro de uma valise que o conservava em bom estado, de modo a socorrer-me nas emergências, mas perdi o gosto pelos funerais. Na próxima emoção, o defunto poderia ser eu.

Primo Delfim Botelho, o sonetista acima nomeado com encômios justos e devidos, prontificou-se a socorrer-me nas dificuldades, especialmente no terreno em que mais escorregava — o dos agravos à concordância. Ao contrário da sobriedade recomendada, de economizar adjetivos e exclamações, não resisti à tentação de comparar Mirante dos Aflitos, de sol abrasante e esquecida das curvas do vento, a uma nova Fênix ressurgindo das cinzas.

— Veja lá — advertiu Botelho. — Veja se não vai igualar nosso avô a Napoleão.

— Isso não, jamais! — repliquei de imediato. — Esse aí não era um viado francês?

— Epiléptico — corrigiu o poeta, cioso da verdade histórica e disposto a restabelecê-la. — E um grande general.

— Mas um vexame na cama. Josephine não se cansava de reclamar, inclusive do tamanho, uma vergonha para a França. Imagine que o pinto dele era menor que o das estátuas gregas, uma humilhação.

Afinal, a caminho de Mirante dos Aflitos. Começava a sentir o mormaço do sertão, aquele sopro na cara, o ar quase fugindo dos pulmões, quase. A paisagem: bois, sisal, a seca esturricando tudo, os umbuzeiros passando, os umbuzeiros, os postes e os restos de mim, o riso lambuzado de manga-rosa. Tibério pisava no acelerador, eu sonhava. A estrada: nada de cascalho como antigamente, a encompridar viagem, só asfalto, talvez a encurtá-la, embora a distância continuasse a mesma.

— Ligo o ar, doutor?

— Não. Por enquanto, não.

— Sim, senhor.

Tibério reconheceu a proximidade: o Alto da Maravilha anunciava-se lentamente. Aquele morro de pedras enormes em que... não convinha lembrar. Ali os mortos viviam de novo e ele nem sabia por que os matara, só como isso sucedera e da alegria com que participava o acontecido ao coronel: “Pode enfiar o defunto no caixão”. Há pouco,

na última parada no acostamento, arriscou-se a testar a pontaria: duas vezes mirou o urubu, duas vezes errou, como nunca lhe acontecera. Agora estava silencioso, as mãos suando ao volante, mas um suor frio, a boca amarga, um travo de vingança: não fora assim que calara Sinhô, quando discursava contra o coronel, o sangue escorrendo pela boca? Discretamente, levou a mão à testa: aquele suor frio porejando. Talvez de medo, de pânico.

— Fique tranqüilo.

— Sim, senhor.

— Nada lhe acontecerá.

— Sim, senhor.

Não era fácil esquecer. Além dos mortos, as viúvas, os filhos, os netos, as terras perdidas, bens e haveres. Nomes, sobrenomes, apelidos, sabia-os de cor. E gravara rostos, sinais particulares, qualquer tristeza no olhar ou no sorriso, gestos. Como se nem tivessem morrido e por suas mãos, mas não podia negar a emoção da tocaia e acertar o alvo no primeiro disparo — não importava discutir se merecia morrer, às vezes tão moço, assim de morte antecipada: a gargalhada de vitória.

A igreja de pedra e o azul da casa-grande ferindo olhos e emoção. O açude, de água cristalina e doce, devolvendo-me um menino, de calças curtas e suspensórios de elástico. E outros: Formiguinha, Crispim, Lito, Vando. Não os citaria em minha oração de dor, diante do monumento em homenagem ao avô. De uma dor tão antiga que já não me doía, mas não esqueceria de todo — eles eram seu passado, o sonho do gol na trave sem redes, da arraia dançando no céu de primavera, de patinetes descendo as ladeiras da infância reobtida — e nem mencionaria Tibério. “Seria o mesmo que inscrever o nome de um pistoleiro nos anais da cidade”, pensou.

Tia Eulina estava onde sempre estivera, sentada na cadeira de balanço, as mãos esquecidas no regaço, parada no tempo, talvez imaginando que os sobrinhos-netos ainda a arrodeavam, a ouvir-lhe histórias de sonhar, de rir e quase chorar. Recordo algumas vagamen-

te, embora com elos perdidos, sobretudo o desfecho: ela gesticulava, fazia vozes, caretas, imitava animais para que pudéssemos ver a cena narrada, a descrição do desconhecido, os mundos subterrâneos onde moravam os que comiam criancinhas com mingau de tapioca e carimã.

— Quem vem lá? — perguntou, ao ouvir meus passos lentos, espaçados, pesados.

— Sou eu — respondi, adoçando a voz. — O Toninho da Vanda. Percebi que já não era o Antônio Carlos, às vezes a exigir a referência de um doutor, com o qual me apresentava. Era um menino velho, tão antigo que nem me lembrava de mim, e que voltava com vontade de deitar em seu colo e lhe pedir mais uma história, ainda que fosse a última, mas me ocorreu que talvez já não lembrasse de nenhuma. A rede azul continuava armada no alpendre, como se tio João Grande fosse voltar para o almoço, mas o retrato dele na sala de estar, a que dava para a rua, tinha uma tarja negra. Sinal de luto e saudade.

— Aproxime-se — ordenou.

A voz não era suave como tinha sido, sequer possuía o tom melancólico de uma história de antigamente, que requeria essa dor anunciada. Era diferente, áspera, como se fosse a de uma de suas personagens. Não, não perguntou pelos meus, se ainda viviam, se estavam vindo, qualquer coisa que confirmasse o reconhecimento. Apenas, como nos velhos tempos, tomou meu rosto entre as mãos: seus dedos, ainda mais trêmulos, perderam-se entre meus cabelos, depois percorreram-me o nariz, a boca, o queixo, mas em silêncio.

— Tia, você me conta uma história de antigamente?

— Tia o quê, moleque! — bradou ela. — Eu lá sou sua tia. Eu lá tenho sobrinho. Ponha-se daqui para fora, moleque! — E levantou-se, mais ágil que imaginei que fosse, a gritar pelos nossos mortos. — João Grande! Asclepíades!

Havia de ser outra a cidade. Na Praça do Comércio, havia um coreto de teto amarelo, de azulejos pálidos como se tivessem sido

brancos um dia, e talvez já não existe e assim, também ali, adormeçam gritos e gestos de um menino muito antigo, medos e lágrimas de um jagunço que nem parece que foi, mas meu avô sobrevive na cadeira de rodas vazia. E no retrato na sala de visitas — o bigode farto e branco, o olhar grave, mofando na parede. E apenas pó nas mãos do coveiro Zé Maria.

Paris, 20/25 de junho de 1994.

Helena Parenete Cunha

Baiana de Salvador, nasceu em 1930. Na capital baiana fez a primeira poesia, chamada “Primavera”, aos oito anos de idade. Ensinou francês no Colégio Estadual da Bahia e italiano na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Passou a lecionar Teoria Literária na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir de 1968. Publicou, dentre outros, “Corpo no Cerco”, poesia, 1978, Prêmio Olavo Bilac da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro; “Os Provisórios”, contos, 1980, três dos quais premiados no Concurso Nacional de Contos do Paraná, 1978; “Mulher no Espelho”, romance, 1982, Prêmio Nacional Cruz e Sousa, da Fundação Catarinense de Cultura; “A Casa e as Casas”, contos, 1996, volume em que figura o texto “A Casa é a Casa”, e “Vento Ventania Vendaal”, contos, 1999.

Oscilando entre a razão e a emoção, o imaginário revolvendo-se com a finura de uma sonda sensível, usada por uma autora que diz ser o mundo constituído de falhas, subverte a sintaxe tradicional da prosa literária, detalha o factual e metaforiza seus instantes mais agudos, conseguindo em “Cem Mentiras de Verdade”, por exemplo, brevíssimas ficções, 1985, a proeza de iludir na síntese. Funde nestes admiráveis minicontos, que se desdobram ficcionalmente na mente do leitor, os limites da poesia e prosa. Tem conto publicado em alemão, italiano, inglês e holandês.

A CASA É A CASA

A casa era uma casa. Janelas para as diagonais do jardim. Portas para as paralelas do quintal. Varandas para as oscilações circulares do sol e da lua. A casa era uma casa. Útero e concha nas flutuações circulares do sol e da lua. A casa era uma casa. Útero e concha nas flutuações da solidez. Cinquenta anos durante, entre as condensações das paredes fecundas, sob a fuga mais veloz dos desenhos nos tetos, em torno da presença mais compacta do ranger dos degraus. Estar, ela estava. Durante e depois. Cedo colhia flores para enfeitar a mesa do café da manhã. E caminhava entre os passarinhos que saíam das gaiolas abertas e esvoaçavam pelas salas e pelos corredores. Disseminações e incidências. A casa era uma casa. E ela estava.

Esta casa é muito grande, longe de tudo, longe de teus parentes e amigos. Nós estivemos pensando nos inconvenientes que você enfrenta nesta casa e nas vantagens de você se mudar para um apartamento. É muito mais prático e mais moderno. Por que você não vende a casa e compra um

apartamento e vai morar no Leblon?

Cinqüenta anos de estar na casa, as raízes penetravam no profundo vertical, morar era mais redondo.

Recém-casada, ela desvenda os recantos dos cantos e colhe as primeiras margaridas para a jarra da mesa, junto do bule e da cesta de pão. Etéreo pólen entre a fumaça das duas xícaras de café com leite. Antes de sair para o consultório, o marido segura a mão presente da esposa e, abraçados, reconhecem a assiduidade da terra do quintal e as mutações dos frutos nos ramos ao vento. Fragrâncias e sorrisos, de noite o marido traz um quadro pintado de flores para o quarto do casal.

Os tempos de hoje não são para ninguém morar numa casa, ainda mais com este terreno todo em volta. Um apartamento é muito mais seguro. Todos os dias os jornais noticiam assaltos de casas. Agora mesmo soubemos que três homens armados invadiram uma casa no quarteirão depois deste seu, mataram os cachorros, mataram os donos, mataram os empregados, roubaram tudo, foram embora livremente e a polícia não tem pistas. Você se arrisca demais, continuando aqui. Por que você não faz o que nós dizemos e vende a casa e compra um apartamento e vai morar no Leblon?

Cinqüenta anos de viver tão onde, inserem o corpo e as concêntricas nos desvãos e na terra plantada ao redor de morar.

Ela está vestida de branco e empurra o carrinho da menina em meio à profusão e à procedência dos canteiros. O menino atira bolinhas de miolo de pão na pele fina do pequeno lago. O sol se dilui em lentidão de vapores. O vento modula o vestido branco e abrange os peixes e as flores e os seixos e os cabelos das crianças e os cachos na plenitude dourada das acácias. O portão se move. O homem ruivo entra e pára e aguarda que o filho corra até seus braços abertos.

Você só tem uma empregada de confiança que já está velha e não pode dar conta da arrumação e da limpeza. Você vai

ter cada vez mais dificuldades em conseguir empregados para a manutenção da casa, do jardim e do quintal. Por que você não faz o que nós dizemos e vende a casa e compra um apartamento e vai morar no Leblon?

Cinqüenta anos de caminhar durante as mesmas tábuas do assoalho, deixam os pés pertencentes aos graus do chão. Fibra e pó e sola se convertem na substância unânime.

Ela verifica se as flores do altar arrumado na sala conservam as luminiscências do jardim alado. Os convidados murmuram, a música ressoa, os sorrisos deslizam e a filha se irradia, entrando pelo braço do pai. O noivo, as alianças, o padre, os cantos, os cânticos, o bolo, o champanhe e as flores fiéis às luzes da manhã. Nas curvas da varanda, os noivos e os pais dos noivos e os cumprimentos. A festa resplandece pelas paredes fecundas. O marido ruivo e grisalho segura a mão presente da esposa num tremor de pétalas crescentes e os dois se olham, em busca e encontro de renovadas tessituras e confluências que se alargam. Elos e guirlandas no círculo dos anos e das pedras.

Nós não dizíamos? Não adianta ter cão de fila nem colocar alarmes nem cercar as janelas de grades. Os ladrões entram do mesmo jeito. Sorte a sua que eles não tocaram em você. Mas veja o susto e o prejuízo. Seus parentes e amigos querem você perto de todos que te querem bem. Por que você não vende a casa e compra um apartamento e vai morar no Leblon?

Cinqüenta anos de fundamento se aderem a uma origem de alvorada e rumor de revoadas. Os vôos rasantes e os arremessos para o alto recaem no mesmo pouso. Aliança feita de cimento e asa constrói o lastro e o cume.

Ela está vestida de branco e empurra o carrinho do neto entre os canteiros reduplicados de policromias e exalações. A menina mergulha os dedos no pequeno lago, mas o peixe é inatingível. Um pedaço de lua cabe na mão acordada e arrasta o céu para perto dos

telhados. O vento invade os cabelos grisalhos e reluz no arripio das folhas e encrespa a maciez das águas e modula o vestido rápido da menina. O portão se move. O avô entra e pára e aguarda a menina que se precipita para os seus braços abertos.

Nossas amigas conhecem um corretor muito honesto e muito hábil, que pode fazer um excelente negócio para você. Por que você não se decide? Nós queremos você perto de nós. O corretor muito honesto e muito hábil vende sua casa, compra um apartamento e você vai morar no Leblon.

Cinquenta anos de duradouro durante repõem camadas sobre as camadas. Os tijolos e os troncos e as hastes e a coluna dorsal se pertencem, na simultaneidade das horas e dos frisos. Intercomunicações de minerais e seivas.

Ela está vestida de preto e verifica se as flores do altar arrumado na sala guardam as transparências da manhã. Ela acende mais uma vela ao lado do esquife. E segura a mão ausente do marido, num tremor machucado de pétalas passadas e pisadas. Ela olha os olhos cerrados, enfeixados na urdidura do tecido, em brusco rompimento. E recupera o fio da noite primeira, incabida nos refolhos do quarto transbordante de evoluções e culminações e suspiros de amor. As paredes absorvem as vozes recobertas e os prantos descobertos. Passos vão na conexão das pedras do jardim com a intimidade dos canteiros. O portão se move. O dono da casa sai, parado nos seus braços fechados.

Você não pode continuar morando sozinha, numa casa grande e antiga como esta. Longe de tudo, longe dos parentes e dos amigos, longe dos teatros e das casas de chá. Você precisa se distrair e viver junto das pessoas que te amam. Por que você não faz o quanto antes o que nós dizemos? Venda esta casa, compre um apartamento e vá morar no Leblon.

Cinquenta anos de perenidades e demoras efêmeras defendem a certeza das sementeiras e o apogeu das colheitas.

A casa é uma casa. Estar, ela está. Nem sozinha ela se sente na casa que germina memória e presença. Densidades e maturações. Cedo, colhe as margaridas para a jarra da mesa, junto do bule e da cesta de pão. Etéreo pólen entre a fumaça de sua xícara uma. As frutas do quintal se renovam nos ramos e na louça do prato. Os passarinhos perpetuam suas vozes nas vozes das folhas entregues ao passar do vento. Os passarinhos andam pelas tábuas do assoalho e pela madeira dos móveis, na leve liberdade das gaiolas abertas. Permanecendo, ela fica em meio às paredes fecundas e às emergências do jardim e às ressonâncias do quintal. Durante e depois. Estar é repleto. A casa é a casa. E estando, ela é.

Nós encontramos um ótimo comprador para sua casa e um excelente apartamento no Leblon, de frente para o mar. De manhã, você pode caminhar no calçadão. De tarde você pode jogar cartas com nossas amigas ou sair para tomar chá. De noite você pode ir ao teatro, pois não falta companhia. É maravilhoso morar no Leblon.

Cinquenta anos de acontecer, erguem uma consistência de perpetuidades e imorredouros lapsos.

.....

Por que você ainda não arrumou suas coisas no apartamento? Por que você só pendurou na parede o quadro das flores? Por que você não quer receber suas amigas? Por que você não quer ir caminhar no calçadão? Por que você não quer comer? Por que você fica o dia inteiro parada na cama? Por que você não quer falar? Será possível que você não está mais nos reconhecendo? Olhe bem nossos rostos. Pelo amor de Deus, você não se lembra de nós? Ouça, nós somos suas melhores amigas, vamos indicar um tratamento para você e só queremos o seu bem. Sobretudo agora que você está perto de nós, morando no Leblon.

Hélio Pólvora

Na fazenda de cacau Mirabela, no município de Itabuna, nasceu Hélio Pólvora, em 2 de outubro de 1928. Fixou residência no Rio de Janeiro, a partir de 1953. Jornalista com ampla vivência no melhor jornalismo do Rio de Janeiro Foi editorialista do “Jornal do Brasil”. Considera-se autodidata. Contista, cronista, crítico literário e tradutor. Faz sua estréia com “Os Galos da Aurora”, contos, em 1958. Com “O Grito da Perdiz”, 1983, e “Mar de Azov”, 1986, volumes de contos, conquista por duas vezes o Prêmio Nestlé de Literatura. Contos seus participam de antologias nacionais e estrangeiras.

Suas ficções curtas acontecem no sul da Bahia e na cidade grande. Seu regionalismo é intimista, lírico e algumas vezes tende para o supra-real. Seus contos de bichos marcam um dos pontos elevados de sua obra, que capta momentos agudos da vida, através de desilusões e traumas, sonhos e ternuras, solidão e amargor.

Ultimamente retornou à crítica e crônica, em “A Tarde”, de Salvador. É presidente da Fundação Cultural de Ilhéus. Pertence às Academias de Letras da Bahia, do Brasil (sediada em Brasília) e de Ilhéus.

O texto “O Outono do Nosso Verão” foi escolhido do livro “Massacre no Km 13”, contos, 1980.

O OUTONO DO NOSSO VERAO

Vimos o verão se despedir. Acordamos com o escandaloso rumor do ar açoitado pelos pulmões do mar aberto. Foi aqui mesmo no Hotel Marlin, só que agora estou sozinho e o verão mal começou e a rua embaixo da minha janela, da janela do meu quarto, está entupida de gente jovem. Boliche, *snack bar*, a casa de sucos, o parque de diversões com roda-gigante, os automóveis, as buzinas e as motos com o cano de descarga aberto. Se você aqui estivesse com certeza ia se queixar. “Assim não nos deixam dormir”, diria você. E olharia sem comentários, sisudamente, as moças de *short* cortado rente às nádegas, as ninfetas de seios quase descobertos.

Esta rua vai dar à praia. Por aqui, dois vultos solitários, fomos olhar o mar e vimos que o mar, nas últimas agonias do verão, havia adquirido uma pesada tonalidade de cobre e as árvores — eram amendoeiras? — estremeciam já na ânsia de soltar as folhas. Agora o mar está azul e verde. Verde nas vagas que cavalgam a praia, azul mais à distância, onde pescam três ou quatro gaivotas em vôos certos.

Vou ver o mar. O vento sopra com cheiro de maresia. Ainda ontem, em pleno dia de verão, mergulhei e trouxe na boca, do fundo de alvacenta areia, um gosto de sal.

“Ruas sem placas, completa falta de sinalizações de trân-

sito”, você observou. Também agora tive dificuldade em descobrir a rua do hotel. Mas afinal, guardado o carro num estacionamento, subo a escada do hotel, deste hotel, e descubro que foi o mesmo. Hoje ele está cheio, nem uma mesa vazia no salão. Naquela vez éramos os únicos hóspedes. Quem sabe não estou no mesmo quarto? Quem sabe deitado na mesma cama, a acender um cigarro com gestos vagarosos? Da rua embaixo sobe um ruído de fúria. O verão incha, amadurece na pele cor de bronze dessa gente moça.

Passei há pouco por todas aquelas pequenas localidades do braço de mar. E sabe que sem querer eu parei para tomar café, um ralo café servido em copo, no mesmo bar de beira de estrada? Encostei o carro, entrei e pedi o café. E vi então que o dono era o mesmo mulato de camisa aberta ao peito, mostrando um escapulário. Pensei que havíamos parado ali e que você estava distraída e que apoiou o queixo na mão esquerda enquanto sorvia o café em pequenos goles. Ninguém nos observava. Desta vez tenho a companhia de um menino. “Não converse com ele, moço. É doido”, alguém aconselha. “O que você faz?”, pergunto ao menino sujo. “De manhã vou à escola e de tarde eu trabalho”, ele diz. “Então você não é doido”, concluo. Mas não adianta: alguém chama o menino de Pinel. “Quer que eu leve as garrafas de água mineral para o carro?”, me pergunta Pinel. Dou dez cruzeiros a Pinel e parto sem perguntar ao mulato dono do bar que história é aquela do galo do vizinho, um galo que canta a noite inteira no quintal. Agora me arrependo.

O gerente do hotel é o português do fim do nosso verão e do começo do nosso outono. Me pergunta se estou sozinho. Preciso de toalhas para estender na praia e ele cobra um preço alto pelo aluguel de duas. Culpa do verão. Sim estou sozinho. O senhor também não aluga mulher? Mulher aqui é o que não falta, ele me diria. Basta sair à rua. Depende só do senhor.

No quarto, neste mesmo quarto, eu acompanhava com interesse seus movimentos. Daqui a pouco, eu pensava, ela resolve se preparar para dormir. Vai ao banheiro, tranca-se, ouço o rumor de

água corrente, ela volta com um lenço atado no cabelo, a camisola rosa-choque, cheirando a água-de-colônia. Na estrada, perlongando a lagoa que rumorejava de manso nas raízes dos chorões, eu lhe havia perguntado se estava em fase perigosa. “Você se lembra quando fiquei incomodada?”, ela perguntou. Nunca se lembrava direito, tinha de recorrer ao meu auxílio. E nos entregávamos, então, a um cálculo complicado de datas e aproximações, conseguindo quase sempre estabelecer a data certa, somando oito dias depois e oito dias antes do período. Naquela noite ela estava fora de perigo, era uma mulher que podia se entregar ao amor, os seios soltos embaixo da camisola, a camisola fina desenhando a auréola e o bico dos seios, ambos arroxeados. E enquanto eu esperava que ela se preparasse para aquele instante, aquela noite no fim do último verão, eu pensava debruçado na janela, fumando um cigarro, que dentro em pouco alguma cigarra errante haveria de chiar atrás da nossa vidraça e as mariposas, se deixássemos aberta a janela, dançariam em torno das lâmpadas a primeira sarabanda do outono. Sim, o vento se espalhava num sopro surdo de contrabaixo, as mulheres começavam a recolher aos guarda-roupas os seus trajes leves e pensavam na malha e na lã para o momento em que a quentura, o último sopro túrgido lhes fugisse do corpo.

Vimos o verão se despedir. Vimos as águas da laguna se encresparem, canoas forçarem as cordas e os caranguejos colhidos fora de suas locas retrocederem logo ao convívio do lodo. O mundo tornava-se cor de sépia e o mar soltava longos bramidos.

Saio da janela depois de esmagar o cigarro no peitoril. Saio da janela para encontrar você deitada de braços, talvez a dormir. Para tomar uma dose de uísque no quarto vazio. Para sentir, no meio do quarto (a olhar você deitada sem a camisola e sem o lenço na cabeça, deitada com a roupa com que viajou), pontadas de frio. Para sentir neste quarto vazio o aperto do verão, o pegajoso abraço suado do verão.

A mão no seu ombro, sacudindo de leve, eu acordo você.

“Não vai se preparar?”, eu pergunto.

“Estou com muito sono”, você resmunga.

“Não vai trocar de roupa, por camisola?”

“Mais tarde”.

E você me diz, sentada na cama e com ar desafiante, que sente dores no baixo-ventre. Devem ser os ovários. Você repete que está com problemas hormonais, que o seu sexo se fecha e se encolhe, que certas mulheres ficam assim, se sentem assim quando se aproximam dos quarenta anos. E a esta menção da meia-idade eu penso logo em Brigitte Bardot. Ela está agora mesmo numa dessas praias, imagino. Esses mesmos ventos enfunam seus cabelos, crispam o seu rosto agora gordo e lhe segredam que findou a temporada de sol, que os nossos mares e ilhas vão absorver névoas patéticas iguais às dos mares nórdicos. Elsa Martinelli, outra que andou por aqui, já bateu em retirada. Talvez Brigitte Bardot (quantos homens terá tido? Refiro-me apenas aos homens *oficiais*) esteja a arrumar as malas. Chegou nervosa, esticada e tensa, cheia de arestas, quem sabe se queixando de dores, com distúrbios internos de misteriosa origem, e eis que agora voltará arredondada, doce e calma. Engordou, sim. Provavelmente nós a veremos retornar no próximo verão com um ar apagado e apático, para de novo renovar-se e se desfolhar.

E nós, a quem este verão, o último verão, deveria tornar lépidos e enxutos como um couro ao sol? Nós vamos hibernar?

“Mais tarde, quando?”

“Talvez no meio da noite”.

“Meu bem”, eu começo a dizer.

Mas você se deita outra vez de bruços, sem trocar de roupa, e estende um braço e apaga a luz do abajur. Eu digo qualquer coisa. Você resmunga alguma coisa, a voz abafada pelo travesseiro. Apuro os ouvidos, você repete:

“Vá pegar uma puta”.

As minhas renovadas esperanças eu as deitei ao vento no fim daquele verão como as amendoeiras largam agora, no começo deste verão, os seus frutos. Um deles, por sinal, caiu hoje bem no

alto de minha cabeça, num recanto sombreado junto ao mar. Senti-me agredido e retrocedi numa ridícula tentativa de armar defesa. Em cima a árvore estava quieta. A amêndoa jaz aos meus pés. Sei que é a primeira desta árvore. A carne pálida, aberta pelo bico dos passarinhos, palpita ainda no esforço das fortes quenturas.

Na casa de saúde o cirurgião mostrou um pedaço do meu estômago dentro de um frasco, uma carne diáfana e lacerada. Espero que meus canais internos, livres da úlcera que se abria e fechava qual flor caprichosa, permitam agora o livre fluxo de minhas podridões. A junção teria sido bem feita? Enquanto você fuma na sacada, a olhar os edifícios, a enfermeira risonha resolve me banhar. Ampara-me até o banheiro, sustentando com uma mão o aparelho que me injeta soro na veia do braço. A enfermeira me banha com uma esponja ensopada. Nu, tento pensar em geladeiras, uma neve de cinqüenta centímetros de espessura cobrindo as ruas de Boston, as focas arrastando-se com o seu andar sacudido no gelo eterno do pólo. Inutilmente. A enfermeira passa-me a esponja. “Agora termine de se esfregar”, diz em voz séria e melindrada. Na sacada você observa o bairro adormecido, a rua de raros transeuntes. Talvez coce a cabeça, você que tanto gosta de cocar a cabeça e ficar de olhar perdido, ora no teto, deitada no sofá de nosso apartamento, ora no espaço, fitando a verdejante encosta do Jardim Botânico. E você dorme de bruços, mas antes de dormir anda muito pelo apartamento, aqui mesmo no Hotel Marlin você percorreu — quantas vezes? — o espaço da porta à janela, acendeu alguns cigarros, filosofou e citou Sartre. O verão chegava ao fim, as árvores cobriam-se de flores tão amareladas quanto as que vimos em Sprendlingen, da janela do hotel onde o governo alemão nos hospedou. Estivesse o verão no começo, como agora, e certamente você andaria de calcinha e sutiã, ou simplesmente de calcinha, e se sentaria para folhear revistas, e abriria as páginas de um livro, e entraria no banheiro, e afinal se deitaria de bruços, esmagando os seios no lençol, muito fatigada e sem qualquer apetite, e eu teria de fumar mais meia dúzia de cigarros, talvez com sorte o sono chegasse às duas, às três da manhã, ao seu lado ou, de

preferência, no sofá da sala, ou na cama de solteiro do outro quarto, se estivéssemos no Jardim Botânico, ao pé da encosta verde, ou aqui, no sofá incômodo deste quarto de hotel. “Vá pegar uma puta”, diz você. E eu sei que, embora deitada, com a roupa da viagem no corpo, uma calça de brim azul e uma blusa apertada, você não dorme, apenas pensa, talvez pense nos seus quarenta anos, Brigitte Bardot faria o mesmo em Búzios com o seu namorado brasileiro? Eu inicio um inaudível discurso: “Não é que queira transformar você, minha mulher, em mulher-objeto...” Pronto, estou sempre a me desculpar, a me mexer com todo o cuidado na loja apinhada para não quebrar a louça. Sim, eu sei que você não dorme, que embora tenha o rosto afundado no travesseiro mole você me segue em pensamento com os olhos, me ouve enfiar a calça, pentear o cabelo, calçar os sapatos, por a jaqueta de couro e sair. Nestas pequenas cidades de férias todos dormem cedo. A última sessão do cinema empoeirado, onde só passa filme de faroeste ou de Kung Fu, acaba às nove. Nos salões dos hotéis casais apáticos acompanham a telenovela, enquanto outros, em salas menos propícias ao recolhimento, jogam buraco ou disputam partidas de dama e gamão. Raros pedestres. De vez em quando os faróis de um automóvel varrem a rua de luzes fracas. Cada esquina é uma sombra; cada árvore perfilhada, um marco penumbroso. Em bares tipo lanchonete retardatários bebem cerveja, pedem um refrigerante, comem sanduíches mistos, de queijo e mortadela. Aonde ir, o que fazer, a quem encontrar? Ah, se eu morasse aqui, com esse jeito tenso e contraído que adquiri, eu enlouquecia. A salvação da família brasileira está nas pequenas cidades do interior. Quanto menor a cidade, menos sujeita ao fenômeno, já detectado por psicólogos e outros, da desagregação familiar. Sim, aqui nesta cidadezinha à beira-mar, tão exposta aos ventos que deixam em seus edifícios manchas de maresia, todos devem ser casados, todos chegam em casa, vestem o pijama, jantam, se sentam diante da televisão e depois, com um bocejo de desgovernar o queixo, convocam a mulher para a cama. Bendita existência. Aqui não há lugar nem vez para putas. Pergunto a um motorista de táxi, eles sabem de

tudo, uma pena não estarem registrados na Embratur. O homem me indica um bairro, uma casa determinada. Estaciono perto. Ninguém na rua. Casas fechadas. Silêncio. A tal casa não difere em nada das demais. Será mesmo? E se eu bater na porta de uma família, for atendido por uma senhora de robe florido e papelotes na cabeça, ou por um senhor meio gordo e meio calvo com cara de sono?

Enquanto isso talvez você tenha adormecido. Acordará decerto com um pressentimento no meio da noite, em plena madrugada, quando a luz que penetra pela abertura da janela já se torna densa e leitosa como uma coalhada. É o que você chama “a hora do lobo”. Estou proibido de beber álcool, o médico foi severo: “Nem cerveja”. Preciso descobrir um bar aberto, um bar pequeno e sórdido em alguma ruela, e tomar um pileque de Malzbier, tomar um porre de Malzbier.

O casaco de couro ficou no apartamento de São Conrado porque estou agora entregue ao mais aceso do verão neste braço de mar. O quarto deste hotel — você se lembra? — é espartano, e quando aqui viemos, naquele fim de verão começo de outono, eu trouxe livros que não abri porque não me diriam nada, frios eles estavam como telhas enfileiradas contra a parede, no tampo da mesa de fórmica. O verão dissipava o resto de suas ardências e ardências e nós, calados, não sabíamos o que fazer com os derradeiros estremecimentos da estação estival, aqueles mesmos que, numa praia do Espírito Santo, permitiam à nossa então Primeira Dama o uso de um *short* quase audacioso, mas que depois lhe disfarçavam a graça do talhe gaúcho, de teiniaguá, num grosso casaco cor de laranja. Me lembro do meu casaco por associação de idéias. Comprei-o em San Francisco, você passou a mão longa pelo couro macio, de antílope, e disse brincando, então você demonstrava bom humor, que já estava preparado para enfrentar os desfiladeiros do Klondike. Pouco depois, uma ou duas noites, no hotel antes de dormir, antes de prender o cabelo para dormir, você descobriu que estava menstruada e me pediu que descesse à rua, que encontrasse por favor, por favor, um *drugstore* aberto. E eu descí e

estreei o casaco. O frio não era tanto. Modess é uma palavra mágica em qualquer lugar, em qualquer língua. E eu lhe entreguei o pacote e muito sério lhe disse: “Não podemos brigar. Jamais podemos nos separar”. Você perguntou por quê. “Quem comprará o seu Modess?” Havíamos tido pelo menos três brigas feias: a primeira, num elegante hotel de Washington, a segunda num modesto hotel de Chicago onde a mulher da portaria, cheia de suspeitas e má vontade, nos julgava míseros mexicanos incapazes de pagar a diária de doze dólares, a outra na Alumni House de uma famosa universidade do Mississippi. Sem contar aquela noite em que saí sozinho pelo Vieux Carré para assistir, bebendo cerveja, um espetáculo de contorcionistas nuas num palco giratório, as moças quase ao alcance da mão.

“A partir de agora”, você me disse, “teremos oito dias. Oito dias menos os três do incômodo”.

“E para quê?”, eu respondi.

Acho até que disse em inglês: “*What for?*” E você ficou me olhando e eu pensei, não sei por que, na Sra. Blake, a esposa do grande poeta dos livros proféticos, aquela que tinha como guardião de sua rosa um espinho de proporções incomuns, e que preferia seu erotismo ao erotismo de Blake, e que exclamava para o poeta, quando sentia se aproximar o período: “O Gigante Branco está irrompendo!” Por isso talvez o poeta tenha cantado os sexos verdadeiros unidos pelo casamento sagrado, Hermes e Afrodite sem misturas num só corpo, numa alma única.

Vi (vimos) o verão despedir-se neste braço de mar. Vejo o verão acender-se agora em tonalidades rubras de labaredas. Outono e inverno me atormentavam. Agora é o verão, este verão que me fere de morte. Uma multidão enche a rua embaixo. Eu queria ler coisas tolas, narrações em que aparecessem castas donzelas e cavalheiros ágeis no manejo de espadas e floretes, mas me sinto agudamente lúcido, me sinto arder, há um processo autofágico em minhas entranhas. Me sinto maduro até na ponta dos dedos que tocam o cigarro neste deserto e impessoal quarto de hotel. Trouxe alguns livros lúcidos, mas

prefiro a lucidez que me corrói e me dilacera e me engrandece. Existe a barba por fazer, o cabelo por cortar, obrigações, ânsias, uma rotina que me persegue dia e noite, diálogos difíceis que preciso travar com certas pessoas, comigo, diálogos que mal saberei conduzir.

Verão.

Outono.

Inverno.

As estações se precipitam nesta exata ordem.

Herberto Sales

Baiano de Andaraí, região das Lavras Diamantinas, nasceu em 21 de setembro de 1917. Transferiu-se em 1948 para o Rio de Janeiro onde passou a trabalhar como redator da revista “O Cruzeiro”. Membro da Academia Brasileira de Letras Autor de romances marcantes como “Cascalho” (1944), “Além dos Marimbus” (1961), “Os Pareceres do Tempo” (1984) e “Rio dos Morcegos” (1993). Publicou os seguintes livros de contos: “Histórias Ordinárias” (1966), Prêmio Luísa Cláudia de Sousa, do Pen Clube do Brasil, “O Lobisomem e Outros Contos Folclóricos” (1970), “Uma Telha de Menos” (1970) e “Armado Cavalheiro o Audaz Motoqueiro” (1980). Faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1999.

Sua obra foi traduzida para o checo, alemão, búlgaro, romeno, inglês, italiano, japonês, coreano e espanhol. Trata-se de um clássico moderno. Seus contos relatam ou flagram os instantes da vida perpassados de humor e lirismo. Sua forma concisa de captar o drama humano, num discurso que flui com transparência, simples sem ser descuidado e vulgar, o coloca na linha dos nossos grandes prosadores.

O texto “Casa dos Trinta” pertence ao livro “Armado Cavalheiro o Audaz Motoqueiro”.

CASA DOS TRINTA

A idéia não tinha nenhuma originalidade, era uma simples imitação. De resto, que originalidade poderia oferecer a idéia de fundação de mais uma academia? As academias eram a coisa mais imitada do mundo desde que o mundo era mundo. Por tal forma proliferavam, que não seria exagero dividir-se em duas partes o velho gênero humano: os acadêmicos de um lado, e, do outro lado, os não acadêmicos que gostariam de ser acadêmicos.

— A aspiração maior da criatura humana é pertencer a uma academia, é ser de uma ou de outra forma acadêmico, é ser acadêmico à maneira dos outros ou, em último caso, à sua própria maneira — disse em seu discurso de posse o primeiro presidente da Casa dos Trinta, tal como era chamada, com fraterna intimidade acadêmica, pelos trinta membros que a compunham — a Academia dos Trinta.

Havia academias de todos os tipos e gêneros, variada constelação centrada todavia num só anseio, num propósito geral e comum: a fruição da glória acadêmica, de resto somente possível através das academias.

Um levantamento das academias existentes no Brasil fora realizado por determinação dos fundadores da Casa dos Trinta, e por

eles apreciado e avaliado numa das reuniões preliminares que antecederam a histórica sessão inaugural da novel entidade acadêmica.

A conclusão a que facilmente se chegou era que a Academia Brasileira de Letras era o arquétipo das academias que de ponta a ponta cobriam todo o território nacional. Alguns dos membros da Casa dos Trinta, aliás, imaginavam a princípio que só houvesse no Brasil uma Academia de Letras. Evidentemente ainda ignoravam que o Brasil era o país que no mundo mais dispunha de escritores. De modo geral, todo brasileiro era um escritor. Quando o governo, em seu esforço para erradicar do país o analfabetismo, desenvolvera paralelamente programas destinados a criar o hábito de leitura, para evitar que o analfabeto alfabetizado, deixando de ler depois de o haver aprendido, tudo esquecesse e voltasse a ser analfabeto — em verdade o que se criava não era propriamente o hábito de leitura, mas o hábito de escrever. É que o brasileiro, mal começava a habituar-se a ler, passava sem demora a escrever, para que os outros o lessem. Com isso, em vez de aumentar o número de leitores, aumentava o número de escritores. E como os escritores, por tradição, não se lêem uns aos outros, ficavam sem leitores os escritores, e os escritores sem editores. Daí a razão pela qual no Brasil, na medida em que mais se escrevia, menos se lia; assim como na medida em que menos se lia, menos livros se vendia. Ora, sem leitores e, quase sempre, sem editores — só restava ao escritor brasileiro refugiar-se nas academias, fundando-as por toda a parte, onde academias já houvesse, ou não houvesse. Enfim, uma coisa engendrava a outra: o excessivo número de escritores levava ao número excessivo de academias de letras. Nem seria justo que por falta de academias deixasse um escritor de ser acadêmico.

Apesar de detestarmos vírgula depois do *que* — foi então que, na Casa dos Trinta, os membros que disso não sabiam ficaram sabendo que em cada cidade brasileira havia pelo menos uma academia de letras, quando não havia cinco ou seis, oito ou dez, às vezes duas na mesma rua. Souberam, também, como seria inevitável, que além das academias de letras — de letras propriamente ditas — havia

academias de outras letras, de letras médicas, de letras odontológicas, de letras farmacêuticas, de letras engenheiras, de letras agrimensoras, de letras veterinárias, de letras datilográficas, de letras culinárias, de letras ginástico-desportivas, para não falar nas academias de corte e costura, ou nos acadêmicos de escola de samba (como os Acadêmicos do Morro do Raspa Tição), tão academicamente legitimados por seus “enredos” lítero-carnavalescos.

— Só faltava mesmo uma academia que nos congregasse, e que nos congregando se convertesse numa entidade sócio-cultural representativa de nossa classe, erigindo-se ao mesmo tempo como símbolo de nossa vitória contra a discriminação social de que temos sido vítimas ao longo do tempo, inclusive no plano das lides acadêmicas — declarou na sessão inaugural da Academia dos Trinta seu primeiro presidente, Osmero Ludovico Seixas, mais conhecido pela alcunha de Bigode Ralo.

E não estava mentindo. No vasto mundo das academias só faltava a academia que acabava de se fundar, a Academia dos Trinta, ou simplesmente a Casa dos Trinta — isto é: uma academia que congregava os expoentes dos meios marginais, ainda que sob o risco de se tornar uma academia marginal. Toda a formalística acadêmica fora observada na fundação da Casa dos Trinta, menos no que dizia respeito ao número habitual, clássico, de membros que compõem uma academia. Como se tratava de uma academia de “amigos do alheio”, ainda que de alto nível, dez lugares foram surrupiados dos tradicionais quarenta, por força do hábito, ou por obra do subconsciente.

Os dez membros fundadores, reunidos sob a presidência de Osmero Ludovico Seixas, vulgo Bigode Ralo, escolheram mediante votação os vinte membros restantes. Composto o quadro, medida indispensável para que se compusesse fosse o que fosse, trataram de elaborar os estatutos, na boa forma de costume: uma comissão previamente designada pelo presidente elaboraria os estatutos, que depois seriam pelo presidente submetidos a plenário para aprovação, visto que o inverso dessa tramitação seria absolutamente inviável: o

plenário elaborar os estatutos para que o presidente os submetesse à aprovação da comissão.

— Mas, estatutos? — estranhou o futuro acadêmico João Brasinha, suspeito nº1 do incêndio que destruíra os arquivos do Departamento de Cobrança Executiva da Prefeitura.

— Claro! — respondeu o presidente Bigode Ralo. — Se estamos fundando uma academia, precisamos para isso de estatutos. Afinal, onde há academia, há estatutos.

Bem, é que tenho horror a papéis, a documentos. Documentos são sempre perigosos; e um estatuto, a rigor, não deixa de ser um documento — argumentou o precavido João Brasinha.

— Ora, João! — disse o presidente — Onde pensa você que está? Aqui não há motivos para desconfianças. Estamos todos em casa, em família.

O regimento foi pelo mesmo caminho dos estatutos. Em suma, um documento a mais, que no entanto João Brasinha não temeu. De resto, havia o precedente tranquilizador dos estatutos.

Agora, sim, a Casa dos Trinta estava em condições de funcionar: nada lhe faltava que faltasse a uma academia.

Sucederam-se as primeiras posses, com rigorosa observância regimental. Como não havia problema de dinheiro, e a instituição nascia rica, todas as primeiras posses já tiveram lugar na sede da Casa dos Trinta, que ocupava todo um andar no edifício da Bolsa de Valores. Os convites para as posses eram restritos aos meios marginais de alto nível, reservando-se contudo aos novos acadêmicos a faculdade de se fazerem acompanhar dos membros de suas famílias, desde que isso não lhes parecesse inconveniente: não havia regimento capaz de prever até que ponto uma família está a par do que faz fora da família um chefe de família.

A idéia de adoção de um fardão não foi aceita. Em vez de fardão, adotou-se simplesmente a capa preta, que ganhava do fardão em significado e em tradição: significado histórico e tradição cultural. Sim, tradição cultural, já que cultura, como queriam modernamente

os que viviam e sobreviviam de faturá-la — era tudo!

Sucederam-se as posses, como íamos dizendo, e em todas elas observou-se com rigor o rito acadêmico: o presidente abriu a sessão, deu a palavra ao acadêmico recipiendário, o recipiendário elogiou o patrono da cadeira, já que não havia, por se tratar de primeiros ocupantes, antecessores a elogiar nas respectivas cadeiras, e por fim foi o recipiendário formalmente recebido, com um acadêmico saudando-o em nome da instituição. Tudo isso em meio a uma grave atmosfera de solenidade, sob a luz de candelabros e tocheiros, com o termo de posse assinado na grande mesa coberta de flores — e o plenário enegrecido de capas pretas.

Foi exatamente o que aconteceu na posse do acadêmico Eratóstenes Macieira, mais conhecido por Papa Mac, devido às suas ligações com o tráfico de maconha. Com sua posse ficara completo o quadro social da Casa dos Trinta, ainda que sua cadeira não fosse rigorosamente a trigésima, mas a vigésima oitava. Uma ausência prolongada, para tratar de negócios de sua especialidade na Bolívia e no Paraguai, levava-o a ser o último acadêmico empossado.

Marcada afinal a posse, Papa Mac não conseguia superar o nervosismo, como confessou a seu amigo e confrade Marcionílio Monte Grilo, na intimidade chamado Pé-de-Cabra:

— Estou preocupado com a posse, Marcionílio. Eu não sei discursar, eu não sou orador.

— E quem lhe disse que para uma pessoa discursar tem de ser orador?

— Bem... eu já não digo discursar, mas simplesmente falar.

— E daí? Hoje em dia qualquer pessoa, mesmo não sabendo falar, fala. Os tempos mudaram. Será que você não vê televisão? Na televisão há sempre um cara que não sabe nada, falando sobre tudo. Todo mundo fala na televisão. Em entrevista de rua, se a televisão der sopa, qualquer imbecil que for entrevistado não pára mais de falar.

— Bem...

— E além disso, Macieira, você não vai falar de improviso.

Pelo regimento, o discurso de posse tem de ser lido, tem de ser previamente escrito. Eu, por exemplo, no dia de minha posse, não tive problema. Tive só de pegar o papel e ler. É sopa! Vai por mim.

E Eratóstenes Macieira, o Papa Mac — foi.

Subiu à tribuna, atirou para trás a capa preta, desdobrou seu pequeno discurso e leu-o ao microfone:

Sr. Presidente,

Srs. Membros da mesa,

Minhas senhoras, meus senhores,

Srs. Acadêmicos:

Sejam minhas primeiras palavras para agradecer aos ilustres Srs. Acadêmicos a generosa acolhida que minha candidatura encontrou neste sodalício. Escolhido por desvanecedora unanimidade dos membros fundadores desta Casa, quando ainda estava em processo de preenchimento as restantes cadeiras do nosso quadro social, foi com indizível júbilo e elevada honra, mas também com humildade, que recebi a comunicação do resultado da votação. E o meu júbilo, sem dúvida, se deveu em grande parte ao fato de eu haver sido escolhido para ocupar a cadeira que tem como patrono a inesquecível figura de Amélio Bordeira, o maior estelionatário que nosso país já conheceu.

Ao tentar traçar-lhe o perfil neste meu modesto discurso de posse, começarei por invocar sua infância de menino pobre, toda ela transcorrida em Catolé do Riacho, seu torrão natal. Segundo informações por mim colhidas in loco, junto a pessoas que, apesar de muito idosas, conservavam-se suficientemente lúcidas para prestá-las — revelou Amélio Bordeira, desde cedo, uma irresistível tendência para a malandragem. Péssimo aluno no Grupo Escolar Rui Barbosa, não se pode dizer, contudo, que fosse burro. Ao contrário, era muito inteligente, como de resto seria natural, sabendo-se, como se sabe, que a inteligência é apanágio dos malandros.

Sua primeira falsificação de documentos, início de uma

carreira que mais tarde o tornaria conhecido em todo o país como emérito falsário, foi ainda em seu tempo de estudante, no Ateneu Catolesense, em Catolé do Riacho, quando, entrando sorrateiro na secretaria do estabelecimento de ensino, na calada da noite, substituiu o boletim em que figurava com média 1 ½, por um falso boletim que o dava como tendo tirado média 8.

Foi realmente espantosa a trajetória de Amélio Bordeira. Deixando Catolé do Riacho, veio para o Rio de Janeiro, em busca de um meio maior, visto que os grandes talentos pedem os meios grandes, como está sobejamente demonstrado em todos os campos da atividade humana. Indo trabalhar na Prefeitura, durante cerca de dois anos dedicou-se Bordeira à falsificação de documentos de recolhimento do imposto predial, o que lhe valeu, quando descoberto e pela primeira vez processado, a alcunha de Borracha, que o acompanhou até o túmulo.

*Sr. Presidente,
Srs. Acadêmicos,*

Aqueles que conheceram Bordeira nesses remotos tempos da Prefeitura, e o viram ser demitido a bem do serviço público, certamente não seriam capazes de imaginar que, passando a agir em São Paulo, em pouco mais de três anos lograsse ele amealhar considerável fortuna, graças, como hoje se sabe, às suas dinâmicas atividades no campo do contrabando. Desta tribuna, nesta noite, ainda que de modo modesto, quero render a Amélio Bordeira a homenagem de minha admiração, com o que não lhe faço nenhum favor. Afinal, o rapaz pobre, de origem humilde, que, deixando Catolé do Riacho, nos cafundós do Judas, ao cabo de uns poucos anos de luta estava morando num palacete da Avenida Paulista com amigos na política e na imprensa — sim, Srs. Acadêmicos, quem tanto conseguiu em tão pouco tempo, só merece mesmo a admiração dos seus concidadãos e o apreço da posteridade.

Seu trabalho mais notável, porém, aquele que definiti-

vamente o celebrizou, só mais tarde haveria de ocorrer, quando Bordeira, já em idade provecta, levou a efeito, no Banco de Economia Popular, o maior estelionato já registrado nas páginas da história policial do país.

É pois, com subida honra que passo a ocupar nesta Casa a cadeira que tem por patrono essa figura realmente ímpar de estelionatário — Amélio Bordeira, o inesquecível Borracha.

O final do discurso foi recebido com uma salva de palmas, pois outra coisa não acontece em tais circunstâncias — desde que se inventaram os discursos.

Foi dada a palavra ao Acadêmico Marcionílio Monte Grilo, encarregado de saudar — com perdão da palavra — o recipiendário. De acordo com o rito, Monte Grilo naquela noite integrava a mesa, de onde, ainda de acordo com o rito, proferiu seu discurso — de pé.

Eis o seu discurso:

Sr. Eratóstenes Macieira,

Fui encarregado de vos dar as boas-vindas em nome desta Casa, que agora também é vossa. Qualquer dos nossos companheiros poderia fazê-lo melhor que eu, com mais brilho, com mais recursos de oratória. Não tenho dúvida de que este honroso encargo recaiu sobre meus frágeis ombros unicamente porque sou, dentre os nossos pares, aquele que há mais tempo vos conhece, que é vosso mais antigo amigo. Com efeito, nossa amizade não vem de hoje nem de ontem, mas desde os tempos de colégio, do sempre lembrado Educandário São Cosme e São Damião, onde destes vossos primeiros passos na trilha que mais tarde vos levaria aos pináculos do tráfico de tóxicos.

Éreis filho único do pranteado Pompilho Tibortino, o maior banqueiro de bicho do Rio de Janeiro, também conhecido pela alcunha de Reco-Reco, que ganhou ainda muito jovem, como executor desse nobre instrumento na bateria da escola de samba Caprichosos de Vila Valqueire. É preciso que se diga que vosso pai,

homem modesto, orgulhou-se a vida inteira desse apelido da juventude, mesmo quando, já contraventor virtuoso, se elegeu presidente daquela agremiação carnavalesca, no comando da qual permaneceu até a morte.

Se me referi a vossas incipientes atividades colegiais de traficante, foi para recordar aqueles já remotos dias de nossa juventude, quando, burlando o rigoroso regulamento do internato, que num de seus itens proibia que os alunos fumassem, conseguíssemos vender cigarros a retalho aos colegas, recorrendo para isso ao engenboso expediente de ocultá-los numa caixa de bombons com fundo falso. E nunca fostes apanhado em falta!

Sois, Sr. Eratóstenes Macieira, como vosso falecido pai, um homem modesto. E é por modéstia, unicamente por modéstia, essa virtude tão rara quanto louvável no ser humano, que costumais aludir às vossas ligações com o tráfico de maconha como sendo ligações puramente acidentais, no contexto das atividades que, como continuador de vosso inolvidável pai, exerceis no difícil ramo do jogo do bicho.

Em verdade, Sr. Eratóstenes Macieira — e isto é motivo de júbilo para cada um de nós em particular, e para essa instituição como um todo —, não tendes apenas ligações com o tráfico de maconha, porque tendes, de fato e de direito, o controle de todo o tráfico de maconha no sul do país, com centrais de abastecimento na Bolívia e no Paraguai. Tendes, em suma, sob vosso domínio, todo um império de tóxicos, já agora com ramificações até mesmo nos Estados Unidos, através de Los Angeles e Las Vegas.

É pois, com muita honra que em nome desta Casa vos recebo, Sr. Eratóstenes Macieira. Esta Casa não se perdoaria jamais se entre os trinta membros que nela têm assento não pudesse contar com vossa tão alta e significativa presença, que gloriosamente já se projeta além de nossas fronteiras.

Depois de uma eleição, a coisa mais importante numa

academia é a vaga, que de resto enseja a eleição. A primeira vaga que se deu na Casa dos Trinta — ninguém podia imaginar — foi exatamente com a morte de Eratóstenes Macieira, o Papa Mac. Membros de uma quadrilha internacional de traficantes de tóxicos invadiram uma madrugada a mansão dele em Jacarepaguá e o fuzilaram de alto a baixo, depois de matarem três guarda-costas e dois cães policiais que velavam seu sono de acadêmico.

Inscreveram-se dois candidatos na vaga do saudoso Papa Mac: Mário Eponino, autor do *Manual do arrombador de cofres*, e Honorato Vilaboim, dono de uma rede de supermercados.

Foi eleito Mário Eponino.

Honorato Vilaboim desabafou com os amigos que num pequeno grupo compareceram ao seu apartamento triplex na Vieira Souto, para levar-lhe um abraço de incondicional solidariedade, com que esperavam consolá-lo da derrota acadêmica:

— Foi uma injustiça! Meu mal foi acreditar na conversa de Bigode Ralo. Bigode Ralo só tem conversa. Me tapeou, me enrolou. Agora, vejam vocês! Elegeram na vaga de Papa Mac esse idiota do Mário Eponino, só porque ele escreveu o *Manual do arrombador de cofres*. O arrombador de cofres que for na onda desse *Manual*, está perdido. O que ele devia mesmo escrever era o *Manual do arrombador de Academias*.

Gargalhada dos amigos.

E Vilaboim, sem achar graça:

— Tenho muito mais merecimento do que Mário Eponino. A Academia foi parcial: lembrou-se apenas do tal *Manual* dele, esquecendo o que de importante tenho feito até hoje. Só o desfalque que dei em J. Atala & Cia. bastaria para eleger dez candidatos. É o cúmulo da injustiça. Logo eu, dono de uma rede de supermercados, perder para um arrombador de cofres! Fui humilhado! Nunca mais me candidatarei!

Oh, a derrota! Vaidades feridas, frustrações, ressentimentos. Não havia dúvida: a Casa dos Trinta, conquanto fosse uma academia diferente, era uma academia como outra qualquer.

Humberto Mariotti

Descendente de italianos, Humberto Mariotti nasceu em Salvador, em 1941. Transferiu-se com a família para Jequié, interior da Bahia, e ali permaneceu por menos de cinco anos até 1955, voltando a Salvador. Na capital baiana diplomou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia. Está radicado em São Paulo desde os anos setenta. Ganhou o primeiro prêmio do VIII Concurso Nacional de Contos do Paraná, da Fundação Educacional do Paraná — FUNDEPAR, em 1978, com os contos “Horário de Expediente”, “No Fundo, no Fundo” e “Túnel”. Livros publicados: “Peixes Deitados do Lado”, 1978, “Passagem das Luzes”, 1983, romances, e “Um Circo Só de Mágicos”, contos, 1987, do qual foi retirado o texto “Horário de Expediente” para figurar nesta antologia.

Contista dos melhores da nova literatura brasileira, em “Horário de Expediente” chega a um dos momentos mais verticais de sua propensão crítica para projetar situações absurdas em torno do herói inútil. O crítico Vicente Ataíde ressalta que o bem acabado dos detalhes, a economia de ação e dos pensamentos, os efeitos constrictores sobre o leitor, a leitura reflexiva a que é submetido o sistema, além de outros elementos bem trabalhados, fazem desse texto uma narrativa de excepcional qualidade, na linguagem kafkiana.

HORÁRIO DE EXPEDIENTE

Para Edla van Steen

O Dr. Mariano Cavalcanti está sentado numa confortável poltrona de couro na sala de espera do gabinete do Dr. Libório Vieira. Está lá há cerca de duas ou três horas e aguarda uma audiência. A ante-sala é ampla e luxuosa; poltronas e sofás, mesinhas com revistas, tapetes, cortinas, ar condicionado. Bem em frente ao lugar onde está o Dr. Mariano fica a porta — hermeticamente fechada — do gabinete do Dr. Libório. Guardando-lhe a entrada, entrincheirada atrás de sua escrivaninha, D. Semíramis, a secretária, atarefa-se ao telefone, preenche fichas e formulários, datilografa memorandos, anota recados, rói as unhas, sorri polidamente para o Dr. Mariano, essas coisas. E o Dr. Mariano, homem por natureza morigerado e paciente, mesmo levando-se em conta o tempo que já passou a esperar, não se apressa, tanto mais que sendo a única pessoa a esperar audiência fatalmente acabará por ser recebido conforme imagina. E assim se deixa ficar, mudando discretamente de posição na poltrona a intervalos, mas na maior parte do tempo apenas olhando fixamente para o bico dos sapatos, o pensamento perdido em intermináveis conjeturas. Chegara pontualmente às duas horas da tarde; e agora já são quase cinco e meia, sem que nada pareça indicar que a hora da audiência esteja se aproximando.

Às dezoito horas em ponto, D. Semíramis, depois de atender ao interfone, informa-o de que o expediente está encerrado e que o Dr. Libório não mais poderá recebê-lo naquele dia; deverá voltar amanhã às 14h, quando então será efetivamente atendido; o Dr. Libório apresenta desculpas por não ter podido cumprir o compromisso; é que uma reunião importante acabou por tomar-lhe a tarde inteira; o Dr. Mariano, como pessoa também muito ocupada, haverá certamente de compreender como são esses contratempos etc. etc. Sorriso asséptico e profissional de D. Semíramis. Aperto de mão rápido e seco. E o Dr. Mariano sai, caminha para o elevador.

No dia seguinte, exatamente às 14h, ele volta a se apresentar a D. Semíramis que o convida a sentar-se e, pelo interfone, comunica ao Dr. Libório a sua chegada. O Dr. Libório pede que ele espere um minutinho. O Dr. Mariano espera. A tarde vai passando. D. Semíramis atende ao telefone, despacha papéis, põe em ordem as suas anotações, lixa distraidamente as unhas, deixa escapar um suspiro de assustadora profundidade — pelo que pede imediatamente desculpas ao Dr. Mariano. O Dr. Mariano sorri. Como ontem, além de D. Semíramis ele é o único ocupante da grande ante-sala. Olha intensamente para o bico dos sapatos (o couro já meio gasto). Espera.

Às 18h, em ponto — nem um minuto a mais nem a menos — D. Semíramis atende ao interfone. E, muito delicadamente, informa ao Dr. Mariano que o Dr. Libório também hoje não vai poder recebê-lo, pelo que desde já pede mil perdões; uma reunião importante se prolongara mais do que o previsto, todo mundo sabe como é que são essas coisas. No entanto, o senhor volte amanhã às 14hs que será prontamente atendido; agora é o Dr. Libório quem faz questão. O Dr. Mariano concorda com a cabeça. Sorri. Despedidas formais. Corredor, elevador, rua.

Às 14h do dia seguinte, D. Semíramis recebe o Dr. Mariano com um sorriso bem largo. Pelo interfone, o Dr. Libório é cientificado da sua chegada. E lhe pede que se sente e espere um instantinho. O Dr. Mariano ouve e concorda. Espera. D. Semíramis atende ao telefone, faz

suas anotações etc. O Dr. Mariano pergunta se ela sabe que as partes em que se dividem os dias não estão todas no mesmo estado físico. D. Semíramis responde que não. O Dr. Mariano então explica que o tempo flui por uma fenda de rocha cuja abertura é invariável. E diz mais: informa que a manhã é líquida, a tarde também, mas oleosa (quase pastosa, na verdade), e a noite é gasosa. É justamente por esse motivo que as tardes demoram mais a passar, a senhora já havia reparado? — Já, já sim — responde ela — só não sabia o porquê disso.

— Pois então fique sabendo — diz o Dr. Mariano.

D. Semíramis pega então o seu livrinho de apontamentos e anota cuidadosamente tudo o que o Dr. Mariano acabou de dizer (passará tudo à máquina mais tarde, em quatro vias). O ar condicionado zumba maciamente. D. Semíramis escreve. O Dr. Mariano espera. Trocara de sapatos; traz agora um par quase novo, marrom, desses sem cadarço; reprime um pequeno frêmito de orgulho.

Às 18h toca o interfone: é o Dr. Libório. E está desolado; pede mil desculpas ao Dr. Mariano; acontece que uma reunião que...; D. Semíramis, sinceramente entristecida, abre a boca para transmitir o recado, mas o Dr. Mariano evita-lhe o trabalho:

— É para voltar amanhã às duas da tarde, não é?

— Em ponto - confirma ela.

No dia seguinte o Dr. Mariano aparece ligeiramente afobado; por pouco não chegara atrasado.

— O trânsito — explica meio ofegante.

D. Semíramis confere o relógio: são precisamente 14h. O Dr. Mariano (hoje de gravata nova) se senta, orgulhoso: nem um minuto a mais. D. Semíramis escreve. O Dr. Mariano pensa. Às 18h, o interfone toca: é o Dr. Libório; está chateado; infelizmente...

Depois de exatamente vinte e sete dias neste esquema o Dr. Mariano continua, impassível, a esperar a sua audiência.

Trinta e oito dias depois acontece uma alteração importante: ele passa a chegar às oito horas da manhã — mas continua a sair às seis da tarde, como de hábito, depois de ouvir de D. Semíramis as

explicações do Dr. Libório, homem de cuja boa vontade não se pode duvidar, diz ela, mas que infelizmente vive eternamente atrapalhado por intermináveis reuniões.

No quadragésimo dia, outra novidade: o Dr. Mariano traz consigo alguns livros, papéis, fichas, cadernos de apontamento. Pergunta a D. Semíramis se pode.

— Mas claro — diz ela — espaço é o que não falta.

E agora escreve D. Semíramis — e escreve também o Dr. Mariano; rabisca, anota, consulta; passa horas ruminando determinada idéia e, de súbito, toma o lápis e escreve furiosamente, gastando nisso laudas e mais laudas. De vez em quando soa o interfone: é o Dr. Libório, apreensivo, querendo saber se o Dr. Mariano ainda está à espera da audiência. D. Semíramis diz que sim, que ele está a postos. O Dr. Libório então fala:

— Diga que estou em reunião e peça desculpas em meu nome; fale com ele que a audiência vai sair, não tem perigo.

D. Semíramis transmite o recado, diz ao Dr. Mariano que fique tranqüilo. O Dr. Mariano então fica tranqüilo.

Nos dias que se seguem ele continua trazendo livros, revistas técnicas, recortes, separatas, grossas pastas de arquivo. No sexagésimo dia, ele pergunta a D. Semíramis se pode trazer a sua máquina de escrever.

— Lógico que pode — diz ela, — Mas para que esse trabalho? Aqui mesmo eu lhe consigo uma.

Toca a campanha: aparecem dois contínuos que, obedecendo a ordens recebidas, trazem para o Dr. Mariano não somente uma máquina de escrever, mas também uma escrivaninha e uma cadeira giratória bem confortável, dessas de braços. D. Semíramis preside atentamente a arrumação do material recém-chegado; é preciso acomodar satisfatoriamente o Dr. Mariano. Depois de todo acomodado, esfrega as mãos: não cabe em si de contentamento; trata-se, como se vê, de mulher que sabe compreender as ingentes necessidades das longas esperas.

E agora o Dr. Mariano trabalha febrilmente. Todas as poltronas, mesas e cadeiras (e também boa parte do chão) da enorme ante-sala já estão atulhadas de livros, papéis e revistas trazidos diariamente por ele. D. Semíramis atende ao telefone, organiza as suas fichas etc. O Dr. Mariano lê, medita, conjectura, pesquisa; as vezes fica absolutamente imóvel por longo tempo, para depois começar a mover silenciosamente os lábios como se estivesse falando; e logo se apressa a passar tudo para o papel.

No sexagésimo nono dia, ele pergunta a D. Semíramis se alguns de seus colaboradores podem vir ajudá-lo, enquanto espera pela audiência. E D. Semíramis:

— Esteja à vontade. A casa é sua.

Eis por que no dia seguinte chegam oito rapazes e dez moças (o Dr. Mariano é professor universitário e no momento prepara importantíssima tese), trazendo consigo cento e setenta e duas gordas pastas de arquivo, dezessete fichários e cento e vinte e oito livros.

No fim de 78 dias, o volume de trabalho na ante-sala chega a tal ponto que o Dr. Mariano (depois de solicitar e obter a aquiescência de D. Semíramis) resolve estabelecer o turno da noite: das oito à meia-noite, mas só para os colaboradores; para ele próprio não ficou estabelecido limite de horário, visto ter decidido dali por diante passar a morar na ante-sala; já até mandara vir de casa lençóis, cobertores, material de barba, escova e pasta de dentes, essas coisas. E, para melhor disciplinar o andamento dos trabalhos, é elaborado um quadro de instruções que, afixado a uma das paredes, diz assim:

08:00 — Chegada dos colaboradores e de D. Semíramis. (O Dr. Mariano, a essa altura, já estará desperto e a postos; notara que o Dr. Libório também morava em seu gabinete e resolvera imitá-lo no seu zelo e amor ao trabalho; além disso, era sempre bom lembrar que a tão esperada audiência poderia ser realizada a qualquer momento);

08:05 — Início das atividades. Revisão sumária da produção teórica do dia anterior. Arrumação (a essa altura, só no chão) dos livros e demais papéis trazidos pelos colaboradores. Debates

sobre certos pontos específicos da tese em preparo, tudo agilmente taquigrafado por uma das moças;

09:05 — Fim do debate oral. Prostração acentuada. Meditação;

09:30 — Recepção do recado diário do Dr. Libório comunicando ao Dr. Mariano que aguarde, a qualquer momento, a chamada para a audiência;

09:35 — Recreação e lanche. Os colaboradores e D. Semíramis saem por alguns instantes. O Dr. Mariano, de dieta, não sai; continua sentado e aproveita a ausência de todos para se permitir a emissão de discretos arrotos, tímidos flatos e outros ruídos igualmente fisiológicos;

11:00 — Preleção do Dr. Mariano, devidamente taquigrafada por D. Penélope, uma das colaboradoras, já guindada a posto de primeira secretária;

12:00 — Intervalo para o almoço. Todos deverão se retirar, menos o Dr. Mariano, que ficará à espera da refeição que será trazida por um dos contínuos. Quanto ao Dr. Libório, não almoça; está em reunião;

14:00 — Reinício dos trabalhos. Reunião para revisão da produção do turno matinal. Perorações magistrais e áridas demonstrações de saber;

15:30 — Lanche. Limpeza de óculos. Discussão de assuntos esotéricos e sigilosos;

16:00 — Reunião. Bocejos discretos e inesperados;

18:00 — Recepção do recado do Dr. Libório, informando que infelizmente a audiência do Dr. Mariano ainda desta vez não poderá ser concedida em vista de uma reunião etc. e tal; fica remanejada para o dia seguinte às 14hs; pede desculpas; e recebe em troca votos de muitas felicidades, firmeza de atitudes, lhaneza de trato e sucesso nos empreendimentos;

20:00 — Depois do jantar, início do turno da noite. Datilografia dos textos resultantes do trabalho do dia;

00:00 — Fim do expediente.

No 98º dia, precisamente às três horas da tarde, uma espantosa notícia: o Dr. Libório, pelo interfone, determina a D. Semíramis que avise ao Dr. Mariano que a audiência terá início às 16h daquela mesma tarde, sendo que àquela hora ele deverá ser conduzido até a sua augusta presença. D. Semíramis, agitadaíssima, apressa-se a dar o recado; o Dr. Mariano recebe a comunicação (já por intermédio de sua própria secretária, D. Penélope) com olímpica serenidade; aponta severamente para o quadro de instruções na parede; e ordena a D. Penélope que avise a D. Semíramis que diga ao Dr. Libório que às 16h ele evidentemente não poderá comparecer à audiência: é hora de reunião.

O recado é transmitido e os trabalhos prosseguem normalmente, mas não sem que o Dr. Mariano manifeste de quando em quando um pouco de irritação por ter sido interrompido fora de hora. Talvez por causa disso, a reunião das 16h é algo conturbada: nem bem tinham começado os debates, eis que ele se irrita ferozmente com um de seus colaboradores: trata-se de saber se a tese terá 18.364 ou 18.365 referências bibliográficas. O Dr. Mariano acha que a última referência é perfeitamente dispensável, pois é preciso economizar papel, tinta e mão-de-obra; o colaborador insiste no seu ponto de vista: ou 18.365 ou nada, que ele não está ali para fazer papel de idiota; o Dr. Mariano, apoplético, dá um tremendo murro na mesa: voam folhas datilografadas, anotações, fichas e separatas de artigos especializados, muitos deles em grego, latim, sânscrito e servocroata (com longas passagens em aramaico); o colaborador retruca, chamando o Dr. Mariano de imbecil, analfabeto, cavalgada, além de outras expressões de formosura indiscutível mas dificilmente recomendáveis para publicação, pois há sempre que temer os justos protestos de alguns leitores mais pundonorosos.

Pois este é justamente o momento que o Dr. Libório escolhe para, através de D. Semíramis, anunciar que o Dr. Mariano será recebido em audiência na hora em que desejar; ao que o Dr. Mariano, de cabeça quente, diz a D. Penélope para dizer a D. Semíramis que

diga ao Dr. Libório que por favor não interrompa que ele agora está em reunião.

E a discussão segue em frente. Os outros colaboradores, ao verem o Dr. Mariano ser assim destrutado, revoltam-se e decidem expulsar o energúmeno — o que finalmente é feito, entre tabefes, pescoções, sugestivos gestos de “aqui, ó”, imprecações variegadas e rudes insultos a mais de uma progenitora.

Serenados os ânimos, ouve-se apenas a longínqua voz do Dr. Libório no interfone; percebendo que ninguém lhe dá atenção, ele tenta abrir a porta do seu gabinete para saber o que está acontecendo na ante-sala; mas inutilmente, porque a porta já está inteiramente bloqueada por uma montanha de livros empilhados. Diante do que, ele berra esganiçadamente por ajuda, via interfone. D. Semíramis, nervosíssima, diz que não pode fazer nada. O Dr. Libório então, como último recurso, pede a ela que lhe consiga uma audiência com o Dr. Mariano. D. Semíramis então diz a D. Penélope que diz ao Dr. Mariano que o Dr. Libório quer uma audiência; e o Dr. Mariano, já bem mais calmo, manda que D. Penélope diga a D. Semíramis que diga ao Dr. Libório que a audiência será concedida, mas só amanhã.

— Às duas horas da tarde, não é? — pergunta D. Semíramis.

— Em ponto — confirma D. Penélope.

João carlos Teixeira Gomes

Nasceu em Salvador, em 9 de março de 1936. Jornalista com atuação relevante na imprensa baiana. Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal da Bahia. Mestre em Letras, pela UFBA, teve sua iniciação literária através da revista “Mapa”, ao lado de Glauber Rocha, Florisvaldo Mattos, Paulo Gil Soares, Santos Scaldaferrri, dentre outros. Poeta, ensaísta e ficcionista. Autor de “Gregório de Matos, o Boca de Brasa”, ensaio, 1985, obra elogiada pela crítica, “A Esfinge Contemplada”, poesia, 1988, e “O Telefone dos Mortos”, contos, 1997, dentre outros livros.

Transitando entre “as verazes fantasias” e “as fábulas do cotidiano”, numa linguagem ágil, plena de observações lúcidas, seus contos tematizam o homem diante da vida: o medo da morte, a velhice, a loucura, o amor, a amizade, o ódio, a covardia e o desespero existencial. Surpreendentes no desfecho, criativos na diversidade temática, revelam um autor capaz de provocar o prazer da leitura e a reflexão sobre a vida, abarcando o homem em seu estar crítico no mundo.

O conto “A Campainha Assassina” figura no volume “O Telefone dos Mortos”.

A CAMPAINHA ASSASSINA

Pela vigésima ou trigésima vez a campainha havia soado naquele dia. Não sabia quantas, nem tinha intenção de registrá-las. Apenas se repetia em seu íntimo a sensação que o vinha sufocando, ultimamente, de forma insuportável: primeiro, uma certa angústia, a aceleração súbita do coração, como se houvesse sido descompassado por um susto; depois, a irritação crescente, a vontade de destruir o objeto que provocava aquele som traumatizante, fazê-lo em pedacinhos, dar vazão, em suma, à sua cólera. Nas últimas semanas, essa obsessão surgira em sua vida com força avassaladora. Destruir. Destruir. Destruir.

A sala era pequena, inacessível à luz do dia. Desde cedo, ao chegar, ligava o interruptor da única lâmpada fluorescente e sentava-se junto à mesinha ordinária, à espera do patrão ou da secretária. E começavam as ordens que não cessavam, sempre convocado pelo ruído da campainha: levar cheque ao banco, as cartas e o telegrama para o correio, comprar refeições leves, fazer isto, fazer aquilo, ininterruptamente. Às vezes, na sua fraqueza, sentia-se debilitado, as pernas tremiam de tanto descer e subir escadas. Como o escritório era no segundo andar, seus nervos não lhe permitiam esperar

o elevador, quase sempre cheio. Irritava-se e decidia então que era melhor ir em frente, seria a solução mais rápida, jamais aprenderia a esperar. Sempre fora assim. Questão de nervos. Andar, porém, até que lhe fazia bem, em determinadas ocasiões. A sala pequena lhe dava às vezes uma sensação de aprisionamento, uma agonia, uma angústia que não sabia explicar... Certa vez, lera num jornal a notícia da fuga de dois homens da prisão. A foto estava lá. Era um cubículo! E dois homens metidos lá dentro, espremidos, apertados, esmagados. Fugiram. Agiram muito bem. Não se trata assim um pobre coitado, nem que seja ladrão. Fugiram. A polícia meter gente num cubículo daqueles! Merecia a lição.

Sim, andar era até bom, aliviava, apesar de tudo. Mesmo que as pernas ficassem trêmulas e o coração às vezes entrasse em descompasso, de tanto que subia e descia a escada. O insuportável era aquela campainha, sempre chamando, a retinir, zumbindo em seus ouvidos, penetrando em seus nervos, massacrando. Era preciso acabar com aquilo. As mãos lhe tremiam, estava pálido, suando.

João Marangávio, semi-analfabeto, 39 anos, calvo, casado, de fala subserviente, amedrontado. Morava com a mulher há cinco anos na periferia da cidade, num terreno invadido por outros miseráveis como ele, e já se sentia seguro. É verdade que às vezes lia nos jornais (mesmo com dificuldade, mas comprava-os sempre por causa da página policial com seus crimes, estupros, assaltos, roubos, acidentes formidáveis) que todos poderiam ser expulsos da área, mas não acreditava. Afinal, cinco anos são cinco anos. Vamos morrer aqui — dizia, com ênfase, a mulher.

Ela olhava Marangávio com cara indiferente, alisando o prato velho, rachado. Era mais nova que ele uns dez anos e os vizinhos murmuravam que o traía com o guarda. O marido nunca ouvira ninguém dizer nada. Saía de casa às sete horas, voltava às oito da noite, tonto, as pernas bambas de andar, os ouvidos retinindo com o som agudo da campainha. Agudo e dilacerante.

— Vou deitar, que não agüento mais. Só ao correio fui hoje

umas dez vezes... Não agüento mais!

Comia em silêncio a comida pobre, mastigando lentamente, evitando coisas ásperas que lhe pudessem doer nas gengivas. No máximo, dez dentes maltratados na boca aparvalhada. Tinha um mau hálito insuportável.

Mas levava a mulher ao altar, com véu e grinalda. Era um homem puro, de boas intenções. Não se queixava. Estava casado há cinco anos. No princípio achou a mulher muito ardente, era acordado de noite para satisfazê-la, considerava bom, queria. Com o tempo, porém, o cansaço lhe punha manchas negras nos olhos, sentia-se surrado, como se lhe tivessem dado vários socos. Andei o dia todo, fui ao correio dez vezes!... E aquela buzina, ah! meu Deus, o ruído da campainha, o chefe chamando a toda hora:

— Esta carta é para enviar agora, com registro. O cheque, desconte antes no banco. Na volta, compre o material urgente para o escritório e não deixe de pagar os impostos... Olhe os horários!

Saía aliviado, por algum tempo não ouviria o chamado da campainha. Mas voltava estafado e daí a minutos lá estava ela tocando de novo. Bzzzzzzzzzzzzzz... Insuportável. Não havia no mundo quem agüentasse aquela tortura indefinidamente.

Já há alguns meses, vinha pensando em outro emprego. Qualquer coisa, em suma, que o pusesse a salvo do zumbido que o enlouquecia aos poucos. Procurou muito, mas as oportunidades eram poucas. Se ainda estivesse solteiro, seria mais fácil. Casado, precisava ter cuidado para não acabar desempregado. A mulher era boa, era a única coisa que lhe enchia a vida, gostava da sua presença de noite no casebre, mesmo que fosse somente para conversar na hora do café e logo depois dormir... É verdade que ultimamente ela falava pouco e ria menos ainda, era natural. Não se distraía: no interior do casebre não havia rádio nem TV. Eram dos moradores mais carentes da área e isto aumentava a sua aflição.

Não, outro emprego estava difícil. Ganhava pouco, quase nada, mas era seguro, o patrão, apesar de seco, era respeitoso, não

o maltratava... É verdade que sempre se esforçara para ser eficiente, tinha medo de repreensões. Era até estimado, todos o tratavam bem. Não, o patrão não era má pessoa. Admitiu que não tinha o pior emprego do mundo. Lembrou-se de um breve aprendizado que fizera, ainda jovem, numa indústria têxtil. Lançaram-no de repente num salão com temperatura controlada e muitos teares antiquados, que produziam um barulho exasperante e permanente. Devia ser assim no inferno, lá dentro, no núcleo de fogo e lavas. Em pouco tempo, todos os operários passavam a ter problemas auditivos: não havia ouvido humano que pudesse suportar a explosão de tantos decibéis em recinto fechado. O trabalho das máquinas dispersava em suspensão, pelo ar, os resíduos dos fios de algodão que rodavam celeremente nos teares, e esse material se depositava, leve e incessante, nos cabelos, bigodes, sobrancelhas e barbas dos operários, como uma tênue chuva persistente de pequenos e insidiosos flocos de neve. Homens e mulheres, em geral jovens, se moviam no amplo espaço da fiação como espectros de um mundo ignorado e raro, autêntica legião de velhos prematuros, martirizados pela zoadeira das obsoletas engrenagens a rodar e aspirando, continuamente, a poalha do algodão, que lhes marcava os rostos numa procissão de macróbios resignados.

Não, o emprego atual não era tão ruim assim e o patrão não chegava a ser má pessoa. Mas era o homem que acionava a campainha, lembrou-se João Marangávio, inquieto, envolvido por um mal-estar que o amolecia. Aos poucos, imergiu numa sonolência intermitente — aquela em que as antenas do cérebro não conseguem desligar-se completamente das agonias do mundo, que parecem crescer. Adormecido, sonhou com um episódio ocorrido entre ele e um ladrão, nos seus tempos de vigia de uma pequena empresa, quando ganhara um revólver velho, que ainda guardava. No meio do sonho, ouviu o silvo do apito do guarda. Assustou-se, acordou em desespero:

- Mulher, o patrão já está chamando!
- Chamando o quê, homem? Vá dormir, que é madrugada...
- Quem tocou essa campainha? Quem tocou?...

Levantou-se lentamente, sentiu-se fraco, as pernas cansadas voltaram a tremer. Acendeu a lâmpada e ficou de pé, meio ofegante, sem saber o que fazer. Começou a suar. De súbito, ouviu a campainha outra vez. Bzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz...

O guarda voltou a assoprar, forte. A noite abafava.

Marangávio foi ao armário onde guardava a arma velha. Uma aranha, enorme e peluda, correu detrás de um prato. Assustou-se, permaneceu a fitá-la com ar abestalhado, trêmulo, suando. A aranha, imensa e negra, de estrias rubras, pareceu por alguns instantes olhá-lo também, mas desapareceu por uma fresta. Magnetizado, ele continuou olhando-a e teve a impressão de que uma avantajada e repugnante pata peluda reaparecia aos poucos. Depois, outra e mais outra. As patas do animal lhe pareciam cada vez maiores e mais peludas, os suores aumentavam. O medo de aranhas peludas vinha da infância, quando surpreendeu uma delas debaixo do travesseiro. Depois, adolescente, um amigo lhe dissera que a vagina das mulheres semelhava uma grande aranha cabeluda e esse trauma retardou por muito tempo o seu conhecimento de mulher. Havia conseguido vencer em parte as inibições do passado, mas lhe ficara, como um estigma irremovível, o medo de todas as aranhas, inclusive as das mulheres.

Tranqüilizou-se, afinal, seguro de que o animal havia fugido. Com cautela, devagar, sempre tremendo, abriu uma caixa de sapatos. A arma estava ali. Velha, mas funcionava. Fizera bem não vendê-la. Aquela campainha não continuaria a atormentar-lhe para sempre a vida. O patrão não era mau. Ou era? Afinal, tocava a campainha, insistentemente, sem piedade, todos os dias. Meus ouvidos, meu Deus, meus ouvidos!

[illegible]

149

e olhou com ar perplexo a campainha, movido mais uma vez pelo impulso de chamar por João, num ato quase instintivo. Coitado. Era louco e ninguém sabia!

Na sua mesa cheia de papéis e documentos, a secretária olhava, atarantada, para os registros de João Marangávio dos Santos, imaginando o que poderia ter ocorrido com ela e todos os que ali trabalhavam se a loucura do empregado houvesse irrompido de súbito no escritório, e não numa rua deserta, no ermo da noite, diante de um policial armado.

Ao longo de vários dias, a conversa girou em torno dos desígnios que transformam um cidadão humilde num perigoso assaltante noturno. Todos sentenciavam que na vida há fatos inexplicáveis e que é preciso muita cautela com a força dos astros diante do destino frágil dos homens. Na rotina dos dias imprevisíveis, um novo servente, aprumado na saleta, começava a ser massacrado pelo som da campainha que transformara, aos poucos, num inferno sem remissão, a vida do infeliz Marangávio, morto a bala no meio da rua, apesar da sua conduta de “pacífico cidadão exemplar” — como dizem, com gravidade, os patrões benevolentes, e acabou constando dos seus últimos registros profissionais.

João Ubaldo Ribeiro

O romance “Sargento Getúlio” (1971) colocou João Ubaldo Ribeiro, baiano da Ilha de Itaparica (23 de janeiro de 1941), como um valor excepcional na moderna literatura brasileira. O livro foi traduzido para o francês e o inglês, e virou filme. Com “Livro de Histórias” (1981), o modo debochado de narrar do autor baiano mais uma vez retorna, com incursões nas venturas e desventuras do povo de Itaparica e do sertão da Bahia.

Começou a escrever muito cedo, publicando os primeiros textos literários nas coletâneas “Panorama do Conto Baiano” (1959), “Reunião” (1961) e “Histórias da Bahia” (1963). Com “Viva o Povo Brasileiro”, 1984, Prêmio Jabuti de 1985 e Golfinho de Ouro de 1985, um romance magnífico, com o seu prodígio técnico e vasto cabedal de informações sobre a vida e a cultura do povo, passa a ser reconhecido como um dos escritores mais significativos da América Latina, com traduções em mais de dez idiomas, em todo o mundo.

O texto “Alandelão de la Patrie”, escolhido para esta antologia, figura em “Livro de Histórias”.

Jornalista, cronista de “O Globo” atualmente, diplomou-se em advocacia pela Universidade Federal da Bahia, mas nunca exerceu a profissão.

ALANDELÃO DE LA PATRIE

Não entendo aquele que aprecia o boi. Aqui se criava antigamente muito guzerá, que para mim tem a cara de ordinário, mentiroso, criminoso e cínico. Inclusive, a maioria possui olheiras, mostrando que são perversos devassos de pouca confiança. O sujeito que já se viu no pasto, ou mesmo no cercado, na companhia de um guzerá, esse sujeito sabe que não pode virar as costas nem se desprevenir, porque ele pega, e quem ele pega ele não trata com simpatia. De minha parte, que faço outros serviços, tudo muito geral nesta fazenda, o único boi que se dá bem comigo é o boi Bundão, o qual já é praticamente um senhor e é um boi holandês muito educado. Nesse caso, quando se faz necessidade, eu já vou lá e cuido do boi Bundão, assim mesmo sem essas alegrias todas, porém com bastante sossego, visto o boi holandês ser pela própria natureza uma criatura fina e de maneiras, está se vendo que é holandês mesmo. Deve ser que na terra dele tem reis e rainhas e, desde que o boi é boi na Holanda, ele vem sendo educado com finura. Então o boi holandês cobre as vacas dele com muito sentido de sua obrigação e é até uma coisa bonita de se assistir, porque a vaca holandesa é também educadíssima e então quando Bundão está fazendo um

serviço com uma delas até mesmo as visitas gostam de apreciar, porque, no que ele desmonta da vaca, só falta agradecer e ela dar um sorriso. É uma coisa finíssima. Este Bundão, aliás, que está ficando velho, quando eu posso boto uns amendoins no bagaço de cana que ele gosta, que é para ele conseguir desfraldar o instrumento e continuar com emprego fixo — visto que, no dia que Bundão não for mais espadachim, adeus Bundão, e possa ser até que eu fique com saudades, sendo um boi que, não tendo intimidade com ninguém, me trata parecendo que é formado pelo menos em ginásio. Se um dia eu comer uma buchada dos buchos de Bundão, vou comer com desgosto. Eu como porque nesta vida é um comendo o outro e é melhor que a gente coma o boi do que o boi comer a gente, é uma questão política, mesmo porque o boi não fala.

Antigamente não era igual a hoje, quer dizer, não era esta organização toda. O touro guzerá encarregado de enxertar as vacas era um absurdo. Atendendo pelo nome de Nono de Bombaim, esse touro guzerá ficava ciscando no meio das vacas da raça dele e, quando uma facilitava, até parecia que ele estava pagando e tinha direito a qualquer coisa, a vaca nem achava tempo para fazer a posição, porque ele já vinha de lá soltando fumaça e completamente armado e uma coisa que eu agradeço a Deus é que Deus não me fez eu nascer vaca daquele guzerá. Inclusive, não foi uma nem duas vezes que os vaqueiros tinham que acertar a entrância correta, porque ele não queria saber, ia pincelando onde achasse quarto de vaca. Tipo de boi atrasado, rei da ignorância. Quando eu me lembro de Nono de Bombaim tratando as vacas, fico destremecendo, a vaca sofre muito. Quando o sujeito compara o tratamento que Bundão dá às vacas holandesas com o tratamento que Nono dava às vacas guzerás, aí é que o sujeito vê a diferença entre uma pessoa loura e educada como Bundão e uma pessoa sem princípios e amulatada, como Nono. É por essas e outras que, na próxima encarnação, se Deus quiser e eu merecer, eu volto branco e bem-educado. Não quero fazer como Nono, que chega e vai lascando a vaca toda, se bem que ele é muito

bem admirado em toda a redondeza e diz o povo que até hoje tem mulheres que, no entusiasmo de brincar de bicho de duas costas, elogiam o homem dizendo “dá nela, meu Nono!”, mas considero essas mulheres todas uma vacas guzerás, isto é o que considero, pois que sou a favor do carinho, porradas só quando imploradas ou merecidas verdadeiramente.

Entretanto, com nonos e bundões e mais uns quantos outros reprodutores de alguma fama nestas terras, as coisas sempre foram dentro do normal. O galo às vezes parece que está conversando com a sombra ou está discutindo eleições ou qualquer coisa, quando que de repente sai com grande brilhantismo e vai bicando as galinhas e virando na direção do sobreco e assim ele faz o trabalho todo em coisa de cinco minutos, igual a uma faísca. Os ovos sucedentes são pardos, não claros, galados, não pecos, e fortíssimos para a saúde, ou senão saem pintos e todas as galinhas prosseguem galinhando como quis Nosso Senhor. Assim, o calango possui dois vergamos, um na direita, outro na canhota, ficando bem municiada qualquer calanga que venha pela direita ou pela esquerda, sendo que o calango só pega uma calanga de cada vez, não se aproveitando de que pode pegar duas. Porque não é uma questão de vaidade, é um problema de não perder tempo, pois que, se a verdade é que o calango tem muitas moscas para comer, tem também muitos outros bichos desejosos de comer o calango, de forma que não se pode facilitar. O beija-flor trepa nos ares, às vezes de passagem, às vezes cumprimentando e aproveitando, visto o coração do beija-flor zumbir e ele morrer cedo, beijando flores e o coração zumbindo. As jegas e as éguas apreciam a cobertura e há casos de jegas que ficam dando uns coicezinhos no jegue a tarde toda, até conseguirem, e aí rangem os dentes e dão umas babadinhas e ficam grandemente admiradoras do macho, se ele soube responder bem àqueles coicezinhos. O cágado ronca em cima da cágada, que tem toda a paciência, porque a construção dele não facilita e deve ser por isso que o cágado ronca nessas horas. O pato e o porco aplicam roscas e tem quem diga que a rosca é para estontear a fêmea, que fica olhando, olhando, até se enroscar completamente. O gato apresenta espinhos

que sangram a gata na puxada, sendo porém o sangramento necessário para a gata emprenhar. O louva-deus fica parado e, antes mesmo que a louva-deusa esteja pronta, já vai mastigando o macho e ele cabe todo na barriga dela. Isso tudo se vê por aqui e muitas mais coisas, desde as lagoas com seus sapos e jias se casando pelas águas, até os barulhos dos bichos maiores. Foi assim que foi feita a natureza e, em cada uma juntada, está se sentindo a força.

Pois então, nestes tempos modernos, estamos desnaturados. Embora eu, que não gosto de boi, não estivesse muito sabendo até que tudo começou a ser modificado, recebemos diversos doutores e tudo o mais. E não foi assim que, depois de muitos anúncios e forte nervosismo, levamos a gaiola grande para a estação de trem, parecia até uma festa só faltando banda de música, para receber o grande touro chamarolês francês, que aqui tomou o nome, mesmo antes de chegar, de Alandelão. Todo nome francês termina em ão, e o nome era para ser Napoleão, que foi outro francês retado, que invadiu a Inglaterra, esgarrejou Dom João VI, enfim fez o maior cacete e não perdoava nada. Mas se preferiu Alandelão, que é um artista da França muitíssimo cotado e, pelo que eu ouço falar desse Alandelão, era para as vacas aqui estarem grandemente festejando.

Agora, esse Alandelão daqui, na hora que eu vi, achei logo que era um animal bastante triste, todo escuro assim, parecendo de luto. No começo, pensei que era da natureza do boi francês, porque se sabe que o francês aprecia a safadagem mas tudo na maior decência, não é como as coisas de Nono de Bombaim. Mas, mesmo assim, como é que esse boi podia ser tão triste, sabendo-se que de agora em diante vai ficar instalado igual a um monarca, com massagem, comidinha, alisamento e vitamina? E, se as vacas para ele trabalhar não eram vacas francesas da maior fineza, também não eram de se jogar fora, inclusive sendo começo de verão e estando a maior trepação em todas as partes da fazenda, até os motucos soltando a lenha nas motucas, os lacraios nas lacraias e assim vai, para não falar em outros, como os preás, que todo mundo sabe que quando não estão

comendo estão afogando o ganso, seja inverno ou seja verão. E às vezes o sujeito se veste de preto assim mas não quer dizer nada, haja visto padre Barretinho, que Deus haja, cala-te boca.

Um emprego como o desse boi muitos de nós passamos a vida rezando para encontrar e agora ele chega todo triste, quase uma antipatia. Aquele bicho do tamanho de um elefante atarracado, todo de preto e com uma cara jururu que fazia pena, quando o natural é que estivesse sacudindo o rabo, babando um pouco e preparando o ferramental. Mas é assim que se vê como o animal também tem a sua inteligência, porque esse Alandelão já estava perfeitamente conhecedor do que ia acontecer e era por isso que não alegrava e tinha toda a razão, coitado.

Quando eu soube, tomei um choque. Já tinha uma semana ou duas que Alandelão estava no seu apartamento, todo ventilado e cheio de nove-horas, inclusive um aparelho americano para as moscas não incomodarem ele, e então eu, que passava em busca de uns baldes e uma gamelas, perguntei quando era que a folga dele ia acabar e quando é que ele ia sair para cobrir umas vacas.

— Com essa fama toda, está todo mundo querendo apreciar — disse eu. — Deve ser uma coisa de muita competência.

— Mas ele não vai cobrir vaca nenhuma — respondeu dr. Crescêncio, que é uma espécie de engenheiro de vaca, que trabalha aqui dando orientação e é formado em vaca na faculdade.

— Ô, e o bicho está aqui para quê? Ele não é reprodutor?

— Um animal desses você acha que a gente ia deixar es- perdiçar direto com as vacas? Não, senhor! Tudo o que sai dele vale ouro. A gente extrai, bota no gelo e depois enfia nas vacas com uma seringa. E aí se aproveita tudo.

Nisso, com a cara meio saindo pela abertura, eu vi que Alandelão já devia saber brasileiro, ou então ter estudado na França, porque entendeu a conversa toda e ficou ainda mais de beijo pen- durado do que estava antes, uma infelicidade de cortar o coração. Indaguei como era que se extraía o material, se tinha de enfiar uma

agulha de injeção nos quibas do coitado do animal, mas dr. Crescendo disse que não. Que, de tantos em tantos dias, o pessoal encarregado ia lá e fazia a manipulação.

— Como é essa manipulação?

— Se você quiser, pode assistir, que daqui a pouco nós vamos coletar.

— O boi não se aporrinha, não, doutor?

— Que nada, ele está acostumado.

E, de fato, Alandelão, se não ficava entusiasmado, também não criava dificuldade, estava se vendo que era treinado na profissão. Ele via a turma de manipulação e já ia abrindo as pernas e olhando para o outro lado e aí aguardava a extração, tudo muito despachado, sem nem um suspirinho. Naquela hora, vendo um boi tão prestigiado, cheio de medalha e tudo, sujeito a ser chamado pelos outros de reprodutor donzelo, dava bastante pena. No finzinho, os manipuladores ainda davam umas espremidinhas, mas ele não tugia nem mugia, ficava ali passando humilhação com a melhor cara possível. Como é que uma criatura pode viver nessa situação — ainda mais um francês?

E, inclusive, pode ser até que na França a profissão dele seja mais respeitada, mas aqui, nesta esculhambação, não demorou e ele pegou diversos apelidos — cinco-a-um, uma porção mesmo —, que a gente ria mas sentia que não estava direito zombar de uma infelicidade do destino alheio.

Foi assim que tivemos o plano de fazer um benefício a Alandelão, benefício este com a vaca Flor de Mel, pé duro porém forte de ancas, boa envergadura e vaca já com muita experiência de vida, inclusive havendo sido, segundo muitos, amante de Nono de Bombaim e diz o povo que os dois comiam uns pezinhos de liamba, conhecida por outros como fumo-de-angola, aliás maconha — o que é que estamos escondendo —, que aqui nasce feito mato e não deixa de haver quem faça um fumeirozinho, enfim, diz o povo que os dois comiam uns pezinhos e ficavam na maior safadagem, isto antes de Nono ter pegado aftosa numa farra

e ter morrido velho e aftoso e desestimado por todos em geral. Está se reconhecendo, então, que Flor de Mel não era nenhuma mocinha, mas, em primeiro lugar, sabe-se que o francês gosta de velha. E, segundo, Flor de Mel estava sempre disposta, coisa que não se pode dizer de todas as vacas, mesmo elas sendo vacas ou talvez por isso mesmo.

Então eu e Emanuel e mais o menino Ruidenor combinamos deixar Flor de Mel no cercado pequeno, que fica perto do apartamento de Alandelão e, de noite, a gente ia lá e soltava o francês. E dito e feito, até com luz de lua para completar. Quando a gente abriu a porta, o bicho tomou um susto, não estava acostumado. E não queria sair de jeito nenhum, mesmo a gente explicando. Emanuel achou até que a gente devia dar uns piparotes lá na estroenga dele para ver se ele se animava, mas todo mundo ficou com medo de que ele achasse que algum da gente era manipulador e quisesse completar o serviço todo e um boi deste tamanho a pessoa deve procurar não contrariar. Afinal, tanto a gente fez que o bicho foi saindo para o cercado, meio estranhando. Nisso Flor de Mel, que aí foi que eu vi que é mesmo uma velha assanhadíssima, abriu logo as ventas para o lado de Alandelão e foi chegando, foi chegando, mas o boi nem deu sinal.

— Será que tem pouco tempo que fizeram uma manipulação e ele está desfraquecido? — perguntou Emanuel.

— Que nada, que nada! — disse Ruidenor, que estava doido para ver a finalização toda. — Bote o bicho para perto, bote o bicho para perto!

Não sei quantas mil arrobas pesa um desgraçado daqueles, mas a gente foi puxando e só “vai, Alandelão”, “vai, Alandelão” e Flor de Mel ali dispostíssima e só faltou a gente botar um macaco de caminhão debaixo do infeliz para ele levantar, mas não tinha jeito. Até que, na hora já de todo mundo desistir, ele deu uma olhada para um lado, uma olhada para o outro, uma olhada para mim, outra olhada para Emanuel e aí fez aquele movimentozinho fraco para subir na vaca, que mais que depressa ficou na posição certa, que a diaba não tinha desistido de papar o francês.

— Lá vai ele, lá vai ele! Tenha fé, Alandelão!

Mas parece que o boi francês é um boi de pouca fé, porque bem no meio daquela subidinha fraquinha, que ninguém nem estava acreditando que ia dar na altura de Flor de Mel, Alandelão revirou os olhos, fez um barulhinho na garganta e se despejou todo no chão.

— Vigessantíssima, que deve ter para mais de setecentos mil contos aí desparramando no chão! — disse Emanuel. — Vamos levar esse boi lá para dentro!

E, de fato, numa situação dessas, só podia ser que a gente tinha de levar o bicho de volta, ele com a cara envergonhada e Flor de Mel aborrecidíssima e, pelo visto, com muita saudade de Nono de Bombaim. No outro dia, bico calado, por causa do desperdício da matéria-prima de Alandelão. E parece mesmo que ninguém notou, porque nós três ficamos nervosos na hora da manipulação seguinte, mas Alandelão trabalhou do mesmo jeito e ninguém se queixou da produção dele. Só nós três é que podíamos notar que, quando ele via a gente, ficava todo sem graça, mas a gente compreendeu e respeitou, de forma que ninguém falou nada. E, de qualquer maneira, depois se descobriu que Alandelão era uma sociedade, porque ninguém tinha dinheiro para comprar ele sozinho, e aí ele passava produzindo numa fazenda e depois em outra e outra e assim por diante. E aí chegou o dia de botarmos ele na mesma gaiola e levarmos ele para o trem. Não se pode dizer que ele deixou amizades aqui, mas também não fez desafetos. E nós três estávamos todos sabendo que ele nasceu para a profissão dele, só sabia trabalhar daquele jeito, tinha especialização, que é que se ia fazer. Assim mesmo, Emanuel passou a mão na cabeça dele na hora do embarque e disse “Deus que lhe dê uma boa mão, Alandelão”. E o dono aqui da fazenda também viu, mas nem perguntou, todo satisfeito com o dinheiro que ganhou com o trabalho do francês. Quando o trem saiu, ele cantou baixinho:

— Alandelão de Ia patri-i-i-e!

Ele pensou que eu não entendi, mas eu entendi. Ele cantou um pedaço do hino da França, somente trocando o Napoleão pelo Alandelão. Em francês, quer dizer “Alandelão de nossa terra”. Lá deles.

Jorge Medauar

Nasceu em Urucuca, antiga Água Preta, em 1918. Jornalista e publicitário. Dirigiu em São Paulo a sucursal de “O Globo”. É também poeta. Como contista publicou “Água Preta” (1958), “A Procissão dos Porcos” (1960), Prêmio Anacleto Alves, da Prefeitura Municipal de Itabuna, e “O Incêndio” (1963), Prêmio Governo do Estado de São Paulo, dentre outros livros.

Para o crítico Assis Brasil, “quando se dedicava exclusivamente à poesia, a obra de Jorge Medauar já fora catalogada e registrada na Geração 45, mas com o aparecimento de sua ficção, o autor deu um passo à frente, recriando um feudo literário dos mais expressivos, e por isso se incorpora à literatura dos mais novos”.

Contos seus figuram em antologias brasileiras e estrangeiras. Do volume “Histórias de Meninos” (1967), foi escolhido o texto “O Apito” para figurar nesta antologia.

Pertence à Academia de Letras de Ilhéus.

O APITO

A notícia se espalhou pela cidade: um navio estrangeiro — dos grandes — ia embocar no porto de Ilhéus.

Quando soube, a voz ficou presa, a língua embolou. Desde que chegara esperava esse grande dia. Já tinha visto barco de todos os tamanhos — saveiros, canoas, botes, jangadas. Até vapor. Mas dos pequenos. Dos que vinham de Salvador, Maragogipe ou Camamu, carregados de piaçaba, cachaça, carne-do-sertão, farinha, louças de barro, mantimento para o de — comer, passarinhos e até caça. Uma vez vira uns bois descendo pela prancha de desembarque. Mas era de um vapor miúdo, costeiro estreito que emborcaria se avançasse mar adentro.

Duas-três vezes fora ao porto se informar com ganhadores sobre a chegada do vapor. Ninguém dizia coisa com coisa. Viam que era um menino que ia indagar, despachavam o assunto, dizendo? “É hoje, é amanhã”.

Agora seus olhos iam-se saciar em cima de um bicho sem tamanho. Diz-que era dos que a gente precisava de meio dia para dar toda a volta ao tombadilho. Uma coisa nunca vista. Dois bueiros. Marinheiros loiros, graúdos, falando língua de alemão.

O coração estofando, à espera. Na noite passada, arregalara

os olhos no escuro: acordara com o apito do vapor. Depois que abrisse os olhos, percebera a zonzzeira: ouvira um apito de mentira. A vontade de ver de perto um vapor macho o fazia ouvir a representação de um apito. Uma lancha ou um trem que apitasse lhe apertava o coração. Deus me livre — pensara — se o vapor chegasse e saísse sem a sua presença no porto. Ia ser um desgosto da peste. Depois não teria o que contar de grande, quando voltasse. Quase todos os meninos, seus companheiros, que vinham a Ilhéus com a família, já tinham visto o mar, a praia, barcos, jangadas — coisas novas que não tinham nenhuma parença com os pés de pau de Água Preta, os buracos de lama das ruas, o capim dos caminhos, o rio magro com suas piabinhas de rabo vermelho. Mas nunca que nenhum tivesse se babado na frente de um vapor daqueles que só eram vistos nas figuras de revistas. Diz-que esses vapores tinham âncoras maiores que um pé de jenipapo. Quando soltavam o apito, as casas estremeciam. Carregavam o maior peso do mundo e era como se não fosse nada: nem parecia.

Saía para o porto logo depois do almoço. Estava sozinho, esperando, admirado porque não vira ninguém. O sol batendo na cabeça.

Com pouco mais, principiaram a chegar as negras dos tabuleiros, com amendoim torrado na fieira, rolete de cana, cocada, acaçá. Ficou se distraíndo, vendo os besouros e as canoas que traziam povo de Pontal. Um ganhador estava para um canto, suspirando na sombra, num sono assobiado. Junto ao paredão do armazém, carroceiros batiam boca, enquanto os animais mastigavam capim, a capanga pendurada ao pescoço.

De repente, começou juntar gente. Devia estar quase na hora — considerou. Tinha que esperar. Continuou na distração, vendo o carregamento de cacau nas alvarengas. Dois homens, na beira do porto, conversavam. Chegou-se para perto, abriu os ouvidos. Um deles disse:

— Esse porto quase não dá para um Ita, que dirá para um vapor estrangeiro. Já foi o tempo que os suecos atracavam. Hoje, essa pinóia tem mais areia no fundo do que juízo na cabeça do Governo. Duvido muito que passe na barra...

— É mesmo — disse o outro. E cuspiu na água.

O sol balançando nas ondas mansas que lambiam os moirões cobertos de mariscos. Siris, miúdos, meio azulados, baratas-do-mar corriam por ali tudo. Cada vez que vinha para a beira do mar, pensava nas terras do lado de lá do mundo. Agora mesmo, imaginava como eram os meninos que falavam embolado, como os filhos do engenheiro suíço da Estrada. Imaginava as roupas, os brinquedos, as coisas de comer, os rios que estavam por lá daquela estupidez de água. Um dia, navegaria num vapor. Queria seguir por cima do mar, ir parando na terra dos outros: na terra do gringo Emílio, pai de seu amigo, na terra de seu Afonso, pai de Alfredo. Alfredo vivia contando as touradas arretadas que faziam na cidade de seu pai. Cada touro que fazia medo. Brabo como diacho. Será que do lado de lá do mundo os meninos jogavam três-marias, bola-de-gude? — perguntou-se. Ia saber, quando o vapor chegasse.

O porto apertado de gente. O práctico se preparando para receber o vapor, Alguém dizia que não estava entendendo a razão daquele vapor atracar num porto tão esculhambado como o de Ilhéus. Um que estava junto informou:

— Depois é um graúdo do cacau que vem com a família. Diz-que embarcou no Sul.

Um apito, de bem longe, chegou até o porto. É ele — pensou. O coração só faltou sair do lugar. O práctico dava ordens para tocar. O barco se desembarçou, saiu pipocando, fazendo fumaça na popa, deixando um rastro branco de espuma sobre o mar sujo de salsugem e óleo. Agora o porto parecia quermesse. Um horror de povo. Pior que formiga. Os tabaréus, de olhos arregalados, querendo ver a festa.

Seus ouvidos estavam bem abertos às novidades dos que sabiam de onde vinha o vapor, do seu tamanho, da bandeira que trazia no mastro, da língua que falavam a bordo, dos marinheiros que esbanjavam rios de dinheiro quando botavam o pé na terra. O que vinha com a família garantia que o navio escalaria especialmente para desembarcar o coronel.

— E quem é esse, criatura de Deus? — perguntou um homem de chapéu, que trazia um guarda-chuva pendurado no braço. — Não há quem a gente não conheça nessa terra de Ilhéus. Misael não é: inda antonte vi ele na porta do Banco do Brasil. Quem haverá de ser? Faça o obséquio de adiantar, se me faz favor...

O outro ia dizer qualquer coisa. Mas o navio apitou de novo — agora um pouco mais perto. Um apito longo, feito mugido. Triste como aboiio de vaqueiro. Um apito macho mesmo — considerou. Quando chegasse em Água Preta, compararia o apito a uma coisa forte, nunca ouvida no mundo. Mais forte que apito de trem. Sabe — diria aos companheiros — vapor estrangeiro apita sofrendo como vaqueiro aboiando. Acabou de fazer a comparação, abriu a boca:

— Êêê... bô... ê... â...

— Tá vendo boiada, menino? — perguntou um ganhador.

Olhou para o homem, abaixou os olhos, saiu do lugar. Não ia explicar que estava ensaiando, para depois mostrar aos companheiros.

Num momento, houve um rebuliço: todo mundo arredando, abrindo caminho. Que foi, que não foi? O médico ia passando, de avental branco. A lancha preparada para levá-lo.

Reparou que o médico não era Dr. Lopes. Era um doutor moderno, com cara de menino. Será que tem alguém doente no vapor? — perguntou-se. Se tem, então por que não mandam Dr. Lopes? Doutor bom mesmo era Dr. Lopes. Todo mundo sabia. Lembrou-se de uma vez que engolira uns caroços de melão-de-passarinho. Ficara com nó nas tripas. Seu pai saíra de Água Preta com ele no colo, num trole especial, à procura do Dr. Lopes. Com duas-três colheres de remédio, obrara tudo de ruim que tinha nas tripas: no outro dia, estava bom, vadiando. Um doutor de valor. Não havia quem não o conhecesse. Seu pai dizia que até no estrangeiro Dr. Lopes era afamado. Decerto o comandante do vapor estava sabendo que o melhor doutor da Bahia e do mundo era Dr. Lopes. Cuma é que agora está indo outro? Não podia compreender.

Espiou o barco do práctico: um ponto escuro fora da barra.

Parecia uma bobagem por cima do mar. Atrás seguia a lancha do médico, tremelizando a bandeira do Brasil no mastro curto da popa. Tudo isso — considerou — contaria. Mas o importante mesmo era ver o bicho, assistir à sua entrada imponente no porto de Ilhéus. Veria os marinheiros, as coisas que traziam. Principalmente examinaria as âncoras, as hélices. Não diziam que levantavam água a uma altura nunca vista? Guardaria a cor da bandeira, diria como eram os guindastes, os bueiros fumaçando, os camarotes dos passageiros. Encontraria um jeito de entrar, sim senhor! Queria botar os pés no tombadilho, pisar por ali tudo, ver a grossura das correntes. Ai meu Deus! — que já estava vendo o escuro do bicho apontando no fio do mar. Vinha vindo, crescendo, engordando. Mesmo que uma montanha inchando nas ondas. O barquinho do práctico perto daquilo tudo era um cocô de mosca. Lá estava a lancha do médico — branquinha, chegando para o monstro. Que batuque era esse, que estava sentindo no peito? O bicho não tinha idade mesmo, minha Nossa Senhora! Como é que podia comparar aquele tamanho colosso, dentro de uma cidade miudinha, estreita como Água Preta? Acho que Água Preta cabe dentro daquele enormidade. Cabe sim — confirmou — com rio e tudo, as goiabeiras do Coletto, a estação do trem, a praça, a igreja, até o campo de futebol. Os companheiros não iriam acreditar. Nunca que pudessem avaliar, pelos retratos nas revistas, o que era um vapor estrangeiro de verdade. Já queria que atracasse logo, encostasse bem de junto dele, acabasse com aquele vexame. Estava num lugar bom, rente à ponte de atracação. Dali não sairia enquanto o bicho não silenciasses as máquinas. Mas o tempo estava passando. O bruto parecia parado. Por que não inchava mais, não avançava? Estava parado, sim. Foi o que informou um que estava ali. Disse que enquanto o práctico não pegasse o leme, para ensinar o caminho, nenhum navio podia entrar naquela barra complicada de Ilhéus. Isto já sabia. Não era nenhuma novidade. Fora o desconhecimento das pedras que se escondiam sob as ondas da entrada de Ilhéus que levava o “Comandatuba” a se desgraçar. O pai vivia contando a história desse emborcamento. Uma coisa de arrepiar: gente metida nos botes,

nos salva-vidas, gritando por socorro, E se agora metesse a testa numa pedra de ponta? Não queria nem pensar.

Sacudiu o pensamento ruim, procurou ajeitar-se melhor entre o povo que se apertava como feixe de cana. O sol ardendo por cima da cabeça. Mas sol não era nada não. Agüentaria. O valor de uma visão daquela era o que mais importava. Viu que a seu lado o homem do guarda-chuva o havia aberto, protegendo-o da quentura.

Tornou a olhar para longe. Até aqui havia desviado os olhos do navio, disfarçando, só para verificar, quando tornasse a olhar, se o colosso estava mais perto. Que nada! No mesmo lugar. Que diabo estava acontecendo? A pergunta não era só sua: todo mundo estava indagando, de língua solta. Se o prático voltasse sozinho, adeus atracação — adiantou um ganhador. Um homem de óculos disse que não foi à toa que chamaram médico: devia ter alguém a bordo com moléstia de pegar. Nesses casos — esclarecia — qualquer vapor tem mesmo que ficar fora da barra. Só desce quem o médico deixa.

Suas mãos esfriaram. Ô meu Deus, fazei com que não tenha ninguém doente — pediu. Se no lugar daquele médico menino tivesse ido Dr. Lopes, decerto não teria nenhuma empalação: daria umas pílulas aos doentes e pronto. O vapor entraria no sossego, para que ele e todo aquele povo pudesse se saciar. Agora, como poderia dizer aos meninos que tinha visto vapor estrangeiro? Ninguém pode contar sobre uma coisa vista de longe. Era o mesmo que adivinhar. Bom mesmo era dizer: “Entrei por dentro dele. Um colosso, minha gente”. Mas, assim de longe... Droga de aperreio de uma figa.

Reparou que o povo se retirava. Olhou mais uma vez para longe: viu que o prático estava mesmo de volta. Agora o sol era brando. Só os ganhadores estavam por ali. Ninguém mais se importando com o navio. O entupimento de povo estava esbagaçado.

Perto do moirão havia um grupo. Caminhou até lá. Escancarou os ouvidos para ouvir. Falavam sobre o vapor. Estavam serenos. Conversavam como se falassem de uma coisa sem importância, Um deles — devia ser empregado do porto — dizia que nunca vira

povo mais enxerido do que o povo de Ilhéus. Ninguém tinha nada que fazer. Uma bobagem de um vapor que havia pedido um médico atraíra mais gente que a chegada do Bispo de Salvador. Espalharam que o navio trazia um coronel para Ilhéus: pura invenção de quem não tinha com que se ocupar.

Não tá vendo que um vapor com aquele calado, de não sei quantas toneladas, não cabe num porto marca barbante como esse? — disse aos companheiros. E continuou falando de outras coisas: do paradeiro, dos tempos brabos de hoje em dia, da estrada para Itabuna, que nunca mais terminava.

Um sirizinho apontou numa greta das pranchas: desembarragou as pernas, encolheu os olhos, disparou na corrida.

O menino foi atrás. O siri se enfiou pelo lado de baixo das tábuas. O menino pisou com força, atijando o siri. Esperou um pouco: o bichinho poderia estar escondido em uma daquelas pranchas encarreiradas em sua frente.

Espichou os passos, saiu pisando tábua por tábua, até pisar o chão firme da rua.

Do navio, levava apenas o apito: um apito triste, igualzinho ao aboio dos vaqueiros, quando passavam tangendo boiada pelas ruas de Água Preta.

Luiz Afonso Costa

Baiano de Feira de Santana, nascido em 29 de novembro de 1950. Especialista em marketing e comunicações. Dirigiu programas de TV. Conquistou, em 1995, os dois mais cobiçados troféus de *marketing*, com o Carnaval de Salvador: o *Top de Marketing*, em nível regional, e o *Marketing Best*, principal premiação nacional na área. No mesmo ano ganhou o Prêmio Nacional Vasconcelos Maia, da Academia de Letras da Bahia, com o livro “Cavalo de Santo”, do qual foi retirado o texto “Deus numa Segunda-Feira”.

Grata revelação entre os autores emergentes da nova literatura baiana, anuncia como fonte permanente de inspiração os visionários e malditos Kerouac, Borges, Miller, Celine, Balzac e Bukowsky.

Ele tem uma certa intimidade com santos, demônios e loucuras do nosso tempo, achando que “o ato de escrever é um transe, no qual as idéias fluem como uma espécie de incorporação”.

DEUS NUMA SEGUNDA-FEIRA

*There must be some way out of
here, said the joker to the thief.*

Bob Dylan

Pode ser que ele lembre como tudo começou, como que retornando ao delírio de uma febre mal curada. Foi numa segunda-feira, o dia em que são expulsos do éden os alcoólatras duros, os que bebem sem parar por dias seguidos.

Ele chegou à janela e olhou para o chão, 12 andares abaixo, depois desviou a vista para o oeste, mirou a mancha verde e irregular das colinas da ilha e o grande ringue prateado do mar no meio, uma vela ou outra desafiando as nuvens mutantes, os traços escuros das canoas de pescadores, imobilizadas ao largo, depois o casco longo de um navio cargueiro avançando baía adentro e, mais perto, os carros roncando no viaduto de contorno, casarios antigos, favelas dependuradas e logo abaixo o sobrado do pintor célebre, cercado de árvores de grandes copas, anões de porcelana e estátuas desmembradas.

Sentiu a vertigem de sempre e a vontade de atirar-se lá embaixo, magnetizado pela atração da terra. O arrepio começou nos joelhos, que se encurvaram, e subiu até um pouco acima do umbigo, o chakra central, onde se converteu em físgadas de pequenas agulhas, depois lhe bateu um zumbido nos ouvidos e ele cambaleou para trás. Pensou que um dia aquilo podia ser mais forte que a sua

resistência e a única alternativa seria jogar-se de vez, espatifar-se lá embaixo, expor aos curiosos os ossos e o sangue, a parte de dentro da sua anatomia. Esperava que isto não acontecesse em breve, qualquer que fosse a situação da cabeça, que não andava lá essas coisas ultimamente. Podia viajar até o fim do mundo que essa energia não se dissiparia, como no dia em que implorou para que lhe amarrassem aos pés da mesa para não ceder àquele impulso irrefreável, o de atirar-se.

Jogou garganta abaixo um copo de leite agüado e mastigou um pão dormido untado com margarina, a pedida de todos os dias. O outro, o do outro quarto, era um narciso total, o pentear dos cabelos e as miradas furtivas ao espelho não paravam por ali, duas horas para tomar banho e outro tanto para combinar a calça jeans negra com a camisa azul, tudo pelo lado de fora, a botina de inverno fazendo onda numa estação diferente.

Já aberta a porta para sair, o outro voltou-se e falou:

— Trabalhar na segunda me deixa louco! E você? Vai ficar aí na vadiagem, só para variar?

— Qual o que, bróder, eu vou é olhar lá embaixo para ver se encontro a morena para dar uns amassos. Estou muito seco, na poeira mesmo, preciso lubrificar o biscoito naquela carne macia. Está bom para mim assim. Talvez uns desenhos se não a encontrar, talvez uma pedrinha amarela e depois, quem sabe, um *movie*.

— Ah, então descolou mais um *sunshine*? E para mim nada?

— Juro, malandro, que só tenho um quarto. Não sei se vale a pena detonar ele numa segunda-feira, dia mórbido, tá todo mundo se mexendo e fazendo coisa útil, que viagem errada. Porra! Sinto um puto mal-estar nas segundas: se me tornar força produtiva, assassinarei a arte!

— Caia na real, ô carinha, chega de palavrório inútil! você acha que está bom para mim? pois vou enfrentar os burocratas pendurado nesta ressaca que está me matando. Que tal se por no meu lugar? — ele falava, mirando de lado o reflexo do corpo no

vidro da janela — acho que vale encomprar uma antes de sair. Sobrou alguma coisa de ontem?

— Tem aí um resto de conhaque aí no fundo da garrafa. Leite e conhaque está muito bom para você.

— O bafo a gente arremata com chicletes. Passar bem.

Mal o outro bateu a porta ele correu para a mochila e arrematou a minúscula quadrícula amarela de papel, examinou-a com prazer, cortou cuidadosamente em quatro partes com uma lâmina. Aquela cor o fascinava, era o brilho do sol entre os dedos. Tinha uma busca interna para continuar, é como se mudasse de pele quando a zorra batia, sentia com clareza o próprio eu, era um eu nu que independia de preconceitos, palavrões e medos, Sabia que podia levar qualquer conversa com as mulheres, olhá-las nos olhos, hipnotizá-las, perdidamente caídas por seus olhos cor de mel com um halo verde no centro, em torno das pupilas que se dilatavam e passavam convites, o nariz afilado, os lábios sensuais escondidos pelos fios de bigode, os cabelos longos, mas ainda assim sentia-se interiormente feio e dependente, aquela era a fórmula para chegar e ganhar, as cores e as formas desciam em cascatas pelas paredes para lhe fazer companhia, o supereu desenhava com surpreendente desprendimento e tirava formas do nada como um mágico coelhos da cartola, sabia que aquele troço vinha de um poço muito fundo onde as formas se faziam e refaziam, escrevia, contemplava o mundo com os olhos de criança vaidosa, tudo era novo e tinha um significado vivo, excitante, caudaloso, transcendente, mítico.

Botou cuidadosamente um quarto na boca e escolheu um disco, *Axis: Bold as Love*, um som pesado que parece se enterrar na areia, um eco angustiante e belo, o lamento que se descobre enquanto se morre, o velho sentido do enterro pomposo da arte que se justifica por si própria, o pórtico da realidade que não presta contas, da sensação de perda do cordão umbilical, cidadão do mundo pertencente ao mundo e não às pessoas, ordens, convenções e tarefas que não realizam, que perpetuam o erro do homem. Resolveu ser como os índios que um dia empacaram no meio da

selva e disseram ao explorador: “daqui não vamos passar porque não estamos felizes, este não é nosso caminho”. E voltaram para a sua tribo. Sim, estava no espírito, era esta a centelha viva que animava o seu tempo.

Retomou o caderno onde estavam condensadas anotações das viagens. O mundo era pequeno para o transtorno que estava acontecendo, o caos rodopiava em volta da sua cabeça, a casca havia sido rompida há já algum tempo, mas tinha aquela história de ida e volta. Não ficava sempre lá, íntimo da expressão brilhante, das próprias mãos que admirara uma vez, surpreendido, as mãos humanas, de artista, mãos de homem criador, um deus à imagem do homem. Então dava para suportar a pressão vinda de fora e de dentro, a necessidade desesperadora de encontrar um caminho de auto-aceitação. Lembrou a volta da ilha, do outro lado da baía, a enseada onde permutavam construções mirabolantes, a areia branca descendo até o mar e uma partida de xadrez com um pescador bem-falante, confundiu num vislumbre o chapéu de palha com a auréola da cachaça que começava a envolver todas as pessoas que se lhe relacionavam, mas era tudo coincidência, as pessoas falavam demais, eram audaciosas com o íntimo alheio. Continuou as anotações:

“Paraísos artificiais mas nem tanto. O efeito é o mesmo. No pórtico dessa realidade viscosa o ego só faz atrapalhar: O que você vê não é o que espera ver; mas todo o seu ser vibra com a nova pulsação do mundo despojado das cadeias da forma e da utilidade aprisionante. Coração de índio, coração de explorador; as veias abertas da coragem de conhecer o desconhecido. Vejo o vazio da forma, como dizem os místicos, rasgo essa rede aprisionante da religião idólatra e da convenção. Rasgo as conveniências melífluas da hipocrisia, de bom grado enrabarei as vestais da moralidade servil. A violência revolucionária não está apenas na política, mas perto da alma, na auto-exclusão da lavagem cerebral de dois ou três milênios. Contra a barbárie usaram a temperança e a submissão cega à regra, conseguiram violar a solidão da alma com o aríete do

verbo e com a estratégia do terror. É preciso formar o novo homem partindo de dentro da alma, este artifício inviolável”.

Assim se lhe expressava a alma, enquanto os minutos se arrastavam. “Deve bater dentro de uma meia hora, mais uns 15 minutos”, pensou. Sentia já uma antevisão, a sensação de baque em alguma fronteira interior, um *flash* de euforia circulando nas veias. A sala quadrada e branca, as janelas deixando ver o mundo de fora, sobre a mesa as garrafas vazias, os copos e os pratos com as sobras de ontem. A música sugeria pequenas bolas de aço descendo vertiginosas por uma canaleta de flandre. Moscas revoando deixavam rastro. Sim, rastro. Alguma coisa já começara, pois que capturara a evolução da mosca no caminho do ar, uma mudança imperceptível como no filme de Hitchcock, o dos pássaros, onde se transportava do bucólico ao pesadelo em dois tempos, quase sem sentir que a coisa virará de vez, trespassado o portal entre a realidade e a suprarrealidade. Para quem já conversara com as plantas e observara por horas a organização das formigas, isto era ainda muito pouco.

Estava à sua frente a construção de um quadro, sem frescuras. A coisa começava a engatilhar e em algum momento ia disparar, ia sobrar incenso ou merda para tudo que é lado. Desistiu de procurar a menina, a buça azeitada lá embaixo, a felicidade instantânea. Deixou os desenhos espalhados sobre a mesa, os papéis brancos à espera da pena vingadora, eles não perdiam por esperar. Voltou ao quarto do fundo para olhar de novo o tempo, os barcos no mar. Agora as nuvens estavam pesadas e cor de chumbo, quase ao alcance das mãos, ameaçadoras mesmo, moldando um imenso dedo apontado contra o seu corpo frágil, contra as costelas aparentes da sua consciência magra. Deu-se-lhe um relâmpago interno, estava mesmo fodido e não importava mais um choque na alma, o big-bang mental, o momento crucial da representação do crucificado, aquele que queriam morto num sofá para livrarem-se do símbolo aprisionante do homem, o dos membros pregados na madeira como apólice da libertação, a que todos pagavam por um futuro radioso tocando harpa nas nuvens. Ele

estava ali para isso mesmo e assumiu o seu papel no ato, declamou o Verbo com eloqüência, compunção e dor. Apertou os maxilares e olhou para o alto, para as nuvens carregadas, as palmas das mãos voltadas para cima, e bradou, sentindo escorrer pelo rosto lágrimas torrenciais de opróbrio:

— Pai, por que me abandonaste?

Os céus se fecharam em resposta, o que não era nenhuma novidade. O sentido das palavras patéticas cortava o ar, sem eco, como um filme já visto. Era esta a essência da coisa, o segredo indecifrável. “Só é Cristo quem quer, está nas faculdades do homem comum”, pensou. Era este o seu drama, o que devia ser representado até a exaustão, até ficar convencido de que ninguém viria lhe salvar a alma da própria sorte, do destino horrendo. As correntes que o prendiam ao passado reluziam de satisfação, e ele então resolveu sair fora, partiu para outra.

Sentia-se um homem invisível, quando desceu à rua. O elevador era uma caixa flutuante e por uns bons momentos deixou-se invadir pelo terror de partirem-se as cordas de vez, como nos sonhos. Ao abrir-se a porta, a luminosidade da manhã invadia o *play-ground*, os incontáveis ladrilhos xadrez do piso encompridavam-se ao infinito, o plano oriental da continuidade estava traçado ali, a coisa mal começara.

Bateu perna em meio à multidão, aproximando-se do centro, do próprio olho do formigueiro, preenchendo espaço entre sinaleiras e buzinas, familiar às maltas de cães vadios que circulavam em ordem unida, especialistas em sobrevivência urbana. Passou por homens desdentados e crianças famélicas, olhou badulaques nas vitrines e bundas mirabolantes, um peixe elétrico torturado para acender lâmpadas, uns cegos tocando violão e triângulo para uma roda de gente, a gente cinzenta que chegava ali acotovelada como gado, em ônibus fumacentos. O grande mercado persa punha as próprias vísceras à venda, e o prato do dia estava servido.

Quando a onda bateu mais forte procurou um bar na borda da encosta, de onde podia contemplar as pessoas circulando na parte

baixa da cidade, Franksteins realísticos conduzindo suas malas pretas, indiferentes ao próprio formigamento. Mais ao largo, a alegria dos barcos embandeirados, fundeados sob o abrigo do quebra-mar, voltados todos em direção à corrente, como fazem os homens que buscam posição. Sentiu a urgência do álcool anestesiante, qualquer coisa que queimasse por dentro a vertigem. Entornou uma genebra dupla para ver se cortava um pouco a outra corrente, a que sibilava nos seus porões como as caldeiras de um navio a pleno vapor, a coisa estava vindo forte e mais do que nunca ele era um solitário, um estrangeiro aprisionado na caixa do ego, cercado no limite do suportável por um medo sem rótulo, aquilo não era brincadeira, uma sensação de afogamento do eu, ele que precisava encontrar a resposta que o poria a salvo, a senha para ficar de bem com os dois pilares que o lançaram no mundo, o masculino e o feminino, filho do espécime como qualquer outro, crucificado pelas penas eternas do pecado original.

Pediu um lápis e conseguiu anotar no guardanapo:

Padeço dos males do individualismo crônico, de uma egolatria cavalgar; esta âncora cósmica que me puxa para baixo, a concha que me aprisiona até o dia de ser devolvido à correnteza. Um nada, é o que somos. Um elo ínfimo. Ao mesmo tempo todo o universo reside em mim e em cada mortal, o futuro está na mente como a árvore em uma semente, não conhecemos qualquer limite até a borda do desconhecido, mas aí é que a coisa começa. Haverá um fim à espiral evolucionária? o que garante que estamos seguindo a direção certa, que tudo não resulta de um erro brutal do passado, no próprio ato da concepção, que o Mal não estará triunfando? não são tão evidentes as provas, não é só abrir um jornal para ver que a coisa desandou de vez?

Este sentimento perturbador fixou-se à sua consciência como um farol cegante, e ele passou a falar em voz alta para assegurar-se que todos o ouviam, as boas novas que trazia, que descobrira enfim a Verdade, que todos os homens são o Cristo, aquele pendurado no

lenho sagrado, o Filho do Homem, ele mesmo, já ressuscitara nas consciências individuais e a soma dessas consciências resultava em uma só se olhadas em grande plano, que o inferno era aqui mesmo na terra e dependia apenas de cada indivíduo assumir a própria divindade cósmica para que se abrissem as portas e o pecado se tornasse uma tolice de criança, que a salvação negociada individualmente não passava de uma ilusão planejada pelos idólatras, uma lavagem cerebral imposta aos incautos pelos burocratas da fé, que as coisas já estavam assim arrançadas desde o início dos tempos...

O garçom, um verdadeiro moco-rongo, reapareceu pela porta da cozinha com um cajado na mão, encarou-o nos olhos, trovejou:

— Pague as genebras e caia fora. Agora! ou eu lhe arrebento a cara!

Desceu atordoado a ladeira da Montanha, deixou-se levar para o palco livre que por ali restava, o nome já dizia, as casas de tolerância, as meninas sentadas nas portas dos puteiros expondo as pernas, o mais conhecido estava logo ali, o 63, onde elas sorriam lascivamente e faziam convites. O som do bolerão tocando nos rádios era convidativo, ali podia rolar uma boa cerveja e um pé de conversa, quem sabe uma buça rotativa, as nuvens se tornavam mais claras, todo o clima mudava.

O importante era escolher antes de ser escolhido. Naqueles tempos magros as mais afoitas se atiravam logo ao pescoço de quem chegava e ele sentia-se às vezes constrangido em repudiar a quem o cercasse, gostava mesmo era de encostar no balcão e ficar ali flertando e bebendo, sentindo o ambiente permissivo, escolhendo com calma, degustando por antecipação a mercadoria exposta, a graça, a sutileza, a propensão à sacanagem. Preferia as louras não muito altas, as de sorriso dócil e ao mesmo tempo dispostas a tudo, as falsas inocentes, fatalistas para um encontro fatal, mesmo que por menos de um quarto de hora, em cubículos cercados por tapumes ordinários.

Sentia-se quase sóbrio ao adentrar o recinto e percebeu logo que a hora não era apropriada, no fim da tarde as meninas da casa descansavam para a labuta noturna, tinha por ali apenas uma figura magra sentada a uma mesa, entornando um copo alto, um daqueles

intermináveis *cuba-libres*, coisa boa para quem está a fim de detonar o estômago, acercou-se dela e perguntou a que horas começava a função, ela já muito alta mal respondeu, convidou-o a sentar-se, tentou tirá-lo para dançar, terminou sentada em seu colo. A onda voltara e ele viu na sua tez alongada a prostituta ancestral, a própria fundadora da carreira, um tipo sem raça e sem alma, uma sacerdotisa egípcia ali reencarnada, decana dos cultos alternativos a Onan, por que não? Pediu mais uma genebra e ficou ali um pouco entristecido, nada custava ser um pouco gentil com a moça enquanto esperava a onda acalmar, sentia o giro lento da terra em torno do seu eixo, as moscas deixando rastros mais uma vez, o som deitando raízes no tempo.

“Elas sabem” — pensou — “onde se esconder e como se mexer, elas têm o faro da sobrevivência submissa, ostentam o baú molhado das visitas a preço. Elas sabem acender a chama que atrai o zangão, são como borboletas de asas violáceas, buscam todos os olhares. Eva já nasceu sabendo que a contraluz ameniza as rugas e expõe com vantagem a carnação das suas pernas, orgulhosa do próprio mistério, consciente de que na parte alta das suas coxas toda a humanidade foi criada e embalada”.

Ela falava e falava — o que é, não está gostando de mim? não quer ir fazer um amor gostoso lá dentro, só nós dois? — tateava com as mãos a braguilha dele, enquanto ia adiante — puxa! o que é isso aqui? humm... um pinto bem criado, hein? vem comigo, meu bem, é baratinho, não tem freguês agora e a gente pode ficar um bocado de tempo se divertindo, eu tenho um jeito muito especial de chupar esse caralho, eu bebo a sua porra toda, nenhuma outra mulher da zona faz igual a mim, eu deixo você fazer o que quiser, você vai gostar; venha...

Baralho errado. Assim não dava, não era por ali, ele gostava de carne e aquela figura passava pelo fundo de uma agulha. Ele foi se saindo e ela acabou por compreender, não fez cena, deixou-o ir, pediu-lhe apenas que pagasse uma bebida.

Voltou então a trotar no rumo das calçadas superlotadas, querendo dar um desfecho, acabar com tudo de uma vez. Tora! tora! tora!

A onda batia nas bordas e refluía, como a maré. Sístole e diástole. Ciclotímia. Um por-do-sol incendiário riscava o céu em franjas alaranjadas, irradiando-se em arcos superpostos, como se o mundo fosse explodir naquele momento. O dilema do hidrogênio e do gás hélio lá em cima. Bastava riscar um fósforo. Subiu e desceu as ruas em procissão com as ovelhas, pacíficas, ruminando vantagens à beira do abismo. Com alguns archotes nas mãos, a fé se faria completa. A fé cega e inabalável, a que remove montanhas. Sempre fora assim. Dê-lhes uma tocha e incendiarão o mundo, saquearão e estuprarão sem piedade, aqueles mansos que jamais atingiriam uma vidraça com a primeira pedra.

Então que seja, debandar: Ninguém é herói de si mesmo, sem um plano.

Direto ao templo dos idólatras, negociar a salvação da alma. Lá eles estão bem arrumados, a coisa tem tradição. Queria romper a cerca do auto-arbítrio, estava louco por uma saída, cruzar a ponte por sobre a exaltação mundana como um ceguinho bem comportado, ser conduzido por mãos experientes, largar a alça da mala. Desejava uma cama macia, até mesmo voltar aos subterrâneos do hospital e confraternizar com os homens de branco, aspirar o cheiro reconfortante do éter. Qualquer coisa.

Deixou-se levar até as escadarias do grande templo, admirou as portas opulentas que convidavam a entrar, a fachada esculpida em pedra e mármore, os santos e querubins que triunfavam sobre as gárgulas, a linha secular do sistema. O pórtico era a mensagem, a entrada era a saída, ou era o quê? A luz pálida dos vitrais projetava vultos mutantes na fumaça de incenso, um rumor surdo erguia-se das quatro paredes. Entrou.

Queria entender toda a verdade e ali dentro eles trabalhavam com isso, acordavam e dormiam com essa matéria-prima na cabeça. Sorriu satisfeito. As figuras sacras que habitavam os altares olhavam-no com simpatia, acenavam com a cabeça, diziam que sim, todas, pareciam sorrir, mesmo as que padeciam da dor humana, a fé superava pregos, flechas, chicotes, lanças, flagelações e fogueiras,

quase ouviu o coro celestial convidando-o para chegar mais perto, para penetrar no âmago do mistério que agora lhe parecia tão simples, poderia ficar ali para sempre ao lado deles, dormir o sono secular da miséria e acordar pronto para a eternidade.

Olhou em volta, contagiado por algum tipo de esperança. Àquela hora o único vivente era um homenzinho que varria a nave. Dirigiu-se a ele e pediu para chamar o padre, que era um caso de conversão, um caso de urgência. O homem fitou espantado o semblante transfigurado à sua frente, a fé que bruxuleava nos olhos, em pequenas fogueiras. Encostou a vassoura e desapareceu por uma porta lateral.

Não se sentia merecedor de usar os longos bancos de madeira e sentou no chão, cercado por multidões barrocas de santos e anjos em asas. Um vento frio soprava sobre a vela pálida da sua alma, desdobrando-a, enfunando-a. “Vamos ver, vamos ver aonde vamos chegar; e se estamos preparados para isso”, pensava, enquanto um surto de lágrimas invadia a sua face de cera.

O eco dos passos despertou-o dessas cavilações. O padre surgiu à caráter, em passos miúdos e rápidos, a batina negra batendo nos tornozelos, botões até o pescoço, calvo, uma testa larga escondendo os olhos inquiridores. Não havia mais espaço entre ele e o poder temporal, atento à sua frente, esperando ouvir a sua voz. Alguma coisa tinha que ser dita mas o roteiro estava esquecido, era inútil, a situação não era mais a mesma. Procurou lembrar-se da razão que o levava ali, Sim, queria entrar em contato direto com a instância celestial, mas via-se agora frente àquele digno intermediário, a coisa tinha que ser levada por partes, com regras, estava tudo muito claro.

Conseguiu, enfim, balbuciar:

— Leve-me ao seu Chefe!...

Luís Henrique

Nasceu em Nazaré, no Recôncavo da Bahia, em 25 de janeiro de 1925. Professor universitário, jornalista e escritor. Foi diretor do Arquivo do Estado da Bahia e, no Governo de Luís Viana Filho, do Departamento de Ensino Superior do Estado da Bahia. De seus livros publicados, destacam-se “História da Bahia”, 1987, “Moça Sozinha na Sala”, crônicas, Prêmio Carlos Laet, da Academia Brasileira de Letras, 1961, “O Senhor Capitão: a heróica morte do combativo guerreiro”, novelas, 1967, e “Almoço Posto na Mesa”, contos e crônicas, 1990.

Sua prosa, tocada de humor, inventa a realidade através da linguagem exata, sóbria nos diálogos, e às vezes recorre ao insólito para atingir o supra-real, como ocorre no texto “Almoço Posto na Mesa”, extraído do volume que leva o mesmo título. Percebe-se que em seus textos o tempo e o espaço têm importância relativa, como salienta James Amado, os acontecimentos elencados impõem-se de maneira categórica sobre os personagens e ações da história.

ALMOÇO POSTO NA MESA

Com a mesma regularidade de todos os seus atos, Joaquim José, um homem simples e normal, sentou-se para almoçar o próprio corpo. O relógio da sala marcou doze horas. A mulher viu o seu companheiro de trinta anos colocar sobre o prato branco a língua entre escura e vermelha que ele recém-cortara com gesto decidido e rápido. Se estranhou, não disse. Olhou, porém, para aquele mastigar de sangue, e acompanhou o olhar sereno que desceu sobre a faca, o garfo e o alimento, e depois se ergueu para a janela do fundo e o que ficava além da janela, uma parede caiada. Enquanto isso, ela se indagava mansamente quando devia lembrar ao homem a salada de alface, pepino, tomate e repolho cortado, que ele pedira antes de sair para o trabalho.

Escutava-se o constante ruído de carros na rua em que moravam há muitos anos. Por ser casa baixa e de velha construção, algumas vezes os carros entravam pela parede da frente, dispensando a porta azul e as duas janelas de caixilhos verdes, como se também fossem esses veículos de metal parte dos tijolos, do barro, da cal e das tintas que a completavam. Mas não causavam perturbações (advertia-se a mulher), mesmo porque logo eram retirados, sendo a parede também logo recomposta, tal o nascer e nascer das coisas e

o ir e seguir das águas.

Terminada a língua, como se escolhesse outra papelada burocrática, Joaquim José aspirou o ar, longa e respeitosamente (era homem moderado) e cortou o nariz no ponto de intercessão com o lábio superior. Fez-se logo outro homem, pois o bigode castanho desapareceu sob a fenda vertical aberta no rosto.

— Não quer a salada? indagou a mulher.

Ele suspendeu o garfo com a ponta do nariz e esboçou um sorriso leve. Ela considerou aquiescente. Todavia, reparando a mesa de oito lugares em todo o seu comprido esplendor, notou a falta do saleiro — ah, um vazio inexplicável na seqüência completa dos utensílios que faziam o café da manhã, o almoço e o jantar, os bons e seguros companheiros da vida, iguais à cama, ao guarda-roupa, ao fogão e às panelas compradas no dia mesmo em que firmaram a data do casamento.

— Já trago o sal, disse a mulher.

Levantou-se, vigorosa e eficiente, e foi buscar na cozinha o saleiro em forma de ovo, aquele bonito saleiro que recordava o Natal com os filhos e os netos. Foi rápida. Mas, ao voltar, muito calma observou que o seu homem já se reduzira um braço — por sinal, o direito — embora prosseguisse no trabalho de se alimentar, firme e pertinaz, como sempre fora em tudo de sua existência.

Joaquim José estava agora sem a língua, o nariz, os olhos, as orelhas e o braço esquerdo.

— Está comendo muito depressa, Quincas — alertou, afetuosa, mas com alguma preocupação.

No mesmo instante dois carros entraram pela parede da casa. Já eram conhecidos, de modo que não perturbaram a honesta mesa do casal. Sem perder o ritmo, Joaquim José trouxe para o prato o pé direito, um pé direito que sempre o atormentara, por ter joanetes e cravos na planta.

Era mais de meio-dia. Devia estar fazendo nos altos o sol forte e brilhante de todos os janeiros (não precisava verificar). Con-

cluindo, porém, que o homem nascido de suas entranhas consumia-se e se transformava em boca que mastigava abaixo e acima do nada — exclusivamente boca — pelos lugares vazios, o sal, o pão, o paliteiro, as facas, os garfos, as colheres e os pratos no convite normal, lá para as tantas ela também achou que era hora de se alimentar. Mas não começou pela língua, como o homem, e sim pelo escondido do seu meio, porque recordava a mãe avisando que ali estava o começo e o fim.

Maria da Conceição Paranhos

Nascida em Salvador (8 de junho de 1944). Bacharela em Letras Anglogermânicas pela PUC-RJ. Licenciada pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA. Mestra em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, Berkeley (USA). Professora de Literatura Brasileira na UFBA. Publicou em poesia: “Chão Circular” (1970), “ABC Re-Obtido” (1976), “Os Eternos Tormentos” (1986) e “As Esporas do Tempo” (1996). Como ensaísta é autora de “O Mundo Ficcionalizado”, 1989, Prêmio Cidade de Belo Horizonte, e “Adonias Filho: representação épica da forma dramática”, 1989.

Do livro “Doutor Augusto Partiu’ (contos, relatos e sonhos), 1995, foi escolhido o texto “Um Caso Complicado”.

Numa linguagem aparentemente fácil, seus contos, relatos e sonhos descem fundo no difícil gesto do viver, revelando, nas análises, auscultações e mergulhos agudos, momentos de um certo ser humano com o seu respiradouro ilimitado que magoa, feito de contradições, desastres e abandonos. Complexidades de um fenômeno a que se chama vida, no exercício diário de sentimentos e paixões.

UM CASO COMPLICADO*

A Nelson Rossi

A Edson da Luz

A música insinuou-se pela fresta da pequena janela do gabinete de trabalho. Taxidermista. Por um momento levantou a cabeça, apurou os ouvidos, e seus olhos miúdos apertaram-se mais, fazendo com que suas espessas sobrancelhas quase os cobrissem. Quando seu rosto encontrava-se distenso, largado ao suceder dos movimentos cotidianos, nada possuía de atraente ou peculiar. Na verdade, pode-se dizer que era banal: passaria despercebido em qualquer grupo, nenhum gesto ou contração da face despertaria a atenção de alguém sobre ele. Mas não pensem que isso o incomodava. Ao contrário, disso comprazia-se. Não apreciava ser notado ou tornar-se centro das atenções. Pensariam tratar-se de temperamento tímido ou arredio? Não era. Simplesmente tinha suas idéias e seus planos, ruminava-os e recompunha-os. Para isso carecia de concentração. Não dispunha de tempo para amenidades sociais, os costumeiros meneios e mesuras, as inelutáveis encenações que se tornam necessárias quando o centro de interesse é o outro ou os outros. Por isso também não tinha namorada ou namoradinhas de fim-de-semana. Que tempo havia para elas em sua tão ameaçada atividade, já que vivia em família, quer dizer, em casa dos pais, com irmãos, empregados e serviços de

todos os tipos, seus ruídos, conversas e bulícios? Assim seus olhos se apertaram mais e assumiu uma postura reflexiva, *pensarosa*. Aí se transformava, nesses momentos. Um estranho fascínio invadia sua face e seu corpo. Alguma coisa entre extremamente humano e extremamente bestial, aquelas sobrancelhas tão espessas a velarem os olhos, por si sós meio deslocados no rosto, que, ao contrário, era largo, espaçoso, desses rostos possíveis de serem vistos plenamente, se se prestasse atenção. Essa visibilidade de seu rosto também beirava algo de infra ou sobre-humano. Como uma lacuna, sim, talvez isso, uma lacuna a ser preenchida por evento impensado e súbito que, arrebatando-o, o fizesse ser e estar onde ainda não se encontrava. Apenas aquele lugarzinho, aquele quatinho diminuto num recanto da casa, que era espaçosa. Superposto ao som da música, o ruído da sala de jantar: comiam — risos e conversas em voz alta — ele se desconcentrou. Mais que isso, desconcertou-se, literalmente: suas sobrancelhas voltaram ao lugar primário e seus olhos à forma habitual, de nascença. Nada atraente, como já sabemos, nada de marcante ou mesmo simplesmente singular, dele. Estava assim, então, comum como o mais comum dos seres humanos, anônimo como rosto que se vê de longe numa multidão que passa.

Sua família não apreciava sua escolha profissional: que coisa estranha escolher taxidermia, podendo, com sua habilidade manual, ser tantas outras coisas, por exemplo médico-cirurgião. Poderia até especializar-se em microcirurgia — campo tão vasto e com mercado de trabalho promissor.

Mas ele não se perturbava muito com essas ponderações. Ah, a primeira vez que tivera contato com os encantos da taxidermia. Depois da aula de Biologia, mais precisamente de Zoologia, deteve-se a examinar no laboratório da escola aqueles seres mudos, e parecia-lhe, eternizados em seu existir visível, fitando-o com olhos postigos, mas tão reais e luzidios, aquele brilho de pedra e frio que o atraía e pareciam querer dizer que não sabiam ou desaprenderam ou aprenderam e esqueceram ou nunca esqueceriam.

Os galopes pelas matas, as corridas, as tocaias, os recantos que ninguém sabia ou saberia jamais, aquela experiência toda depositada, cristalizada, retida no reluzir de pedra sem jaça dos olhos. Tudo o que teriam suportado, ao que teriam resistido, o acasalamento brusco entre os galhos retorcidos das grandes árvores, o ventre das fêmeas a cada lua inchando e se repartindo em outros seres bestiais de selvagem linguagem, as lagartas a deslizarem pelas folhas, a voracidade das formigas: umas a saturarem-se de verde, outras a confundirem-se com as folhas e um dia despertarem borboletas e aquele trotar e galopar e uivar e ganir e gemer e berrar e comer e cagar e cobrir a fêmea delirante e os rios a correrem e a correr enquanto os dias sucediam-se plenos de aventura, dores, sangue e deslumbramento mudo como se, como se.

Os portões da escola já se fechavam quando ele penetrou no quarto à direita da mesa onde os animais aguardavam seu momento de glória silenciosa. Lá ele viu, fascinado, o homem de costas, um velho funcionário da escola, de poucas palavras, mas cortês, sempre, um homem velho que possuía esse ofício herdado de gerações, de quem ninguém falava nas reuniões solenes, que não comparecia às festas de fim de ano, com quem ninguém se importava de fato: bom dia, seu Tomé, bom dia meninos, bom dia, té manhã, seu Tomé, té, té, meninos, os óculos meio arreados a olhar por cima da armação de metal prateado. Não, nada de excêntrico, louco ou macabro ou qualquer coisa assim. Seu Tomé era um velho, fiel funcionário da escola, pontual, polido. Oi, seu Tomé. Menino, ainda não foi embora?

E pela primeira vez o menino presenciou o ritual sereno e meticuloso de transformar bicho morto em monumento vivo. Seu Tomé falava, explicava, abria as caixas de vários tamanhos, mostrava as tesourinhas, os alicates, as agulhas e as linhas de tons diversos, penas, plumas, contas de vidro, tintas e corantes, lascas, fiapos, abotoaduras de pedras, colares de mulher, anéis e batons, perucas e roupas de lã e linho, algumas de seda pura, amarrotadas e luzindo sob a luz azulada da lâmpada da mesa, uma luz que, ao mesmo tempo, era mortíça e

clara, não se sabia como, tudo ficava bem nítido mas nada era exposto sem pudor, como na mesa do laboratório onde, ao contrário, tudo era visível e feito para assim ficar, necessidades da aprendizagem de que os currículos careciam, que a metodologia prescrevia (segundo vaticínio do professor, sua condescendência e arrogância). A mesa do laboratório era de mármore, de Carrara, dizia o professor, “polida e repolida pelos esmeris do tempo”. E aquela amostra despudorada de bichos em frascos e botijas transparentes que repugnavam o menino de tão mortos, pela cor sempre turva do líquido, formol em alguns casos, em outras misturas de éter, álcool e anilina, outros líquidos mais, de estranhos nomes. O menino detestava.

Às terças e quintas lá estava ele, o menino, aguardando com ansiedade o momento da sirene tocar encerrando a aula, ele morosamente arrumando os livros, ficando, ficando, até que pudesse escapulir para o quarto de seu Tomé.

Um dia a porta não estava aberta, ele bateu e não houve resposta. Saiu, preocupado e espantado, era uma terça-feira, afinal, seu Tomé sempre estava lá, trabalhando, trabalhando e sorrindo. Dirigiu-se à saída e, pé dentro, pé fora, perguntou ao porteiro: Cadê seu Tomé? Está doente? Seu Tomé tinha morrido no domingo. Ninguém comentou nada, apenas leu um aviso para missa de sétimo dia, depois de trigésimo, foi a ambas, poucas pessoas, nenhum aluno e, mesmo os que estavam, eram representantes: representavam o Corpo Discente, enquanto outros representavam o Corpo Docente. O Diretor enviara o Vice-Diretor. E assim foi, e sendo desse modo, a porta do quartinho nunca mais se abriu.

Outro dia foi o dia da invasão. O menino colecionou durante semanas chaves e mais chaves, parecidas com as do quartinho de seu Tomé: em casa, na casa de parentes, dos amigos, dos padrinhos, retiradas de frinchas da escola, chaves imprestáveis, já sem serventia. Possuía agora um saco delas. Pacientemente, quando surgia a oportunidade, tentava, tentava. Semanas se passaram, Um dia, pronto. A chave dava a volta na fechadura, uma, duas, mas ainda assim a porta

permanecia fechada. Tentou de novo: uma, duas para trás; uma rápida, uma lenta; uma lenta, duas rápidas, e assim foi tentando, em várias combinações e ritmos, até que CLIC, abriu-se a porta. A combinação era esta: duas rápidas para frente e uma lenta para trás, mais uma rápida para a frente. E então.

Aos poucos foi levando para casa aquele besouro de cores e formas, pediu ao pai uma pasta maior, dessas de fundo largo e resistente. O pai comprou. Ele foi meticulosamente retirando aquele legado silencioso, que, sabia, lhe pertencia de fato, mesmo que não de direito. E qual é a diferença?

Depois de concluído o trabalho do curso científico, começou a adiar sua escolha para o Vestibular. Trabalhava na sua primeira experiência taxidérmica. Um dia, de volta para casa, caçou um rato da espécie *ratus ratus* — desses ratos de rua, de pêlo cinza-escuro e nervosos. Tudo preparado, matou o bicho por afogamento na pia do seu banheiro enquanto descia para o jantar, chave do quarto no bolso. De volta, tudo estava consumado. Tomou o animal, banhou-o cuidadosamente, com minúcia, esfregando no seu pêlo branca espuma de sabão de coco, enxaguou-o, enxugou-o, desinfetou-o e começou, passo a passo, a operação. Que durou horas. O resultado foi emocionante. Ali estava o rato, o pelo brilhante, prestes a correr pelas ruas mas não correndo, aqueles olhos faiscantes a olharem-no sem se mover. Ficaram assim os dois, longo tempo, num trocar de olhares, ele, embevecido.

Do quarto avarandado do segundo pavimento da casa reivindicara o quarto dos fundos, que servia de depósito mas possuía uma linda clarabóia no teto. Alguns protestos e ponderações, e venceu. O quarto lhe pertencia. Coisas de adolescente, pensavam os pais. Detalhadamente montou seu gabinete de trabalho, com um esmero e uma energia que resultaram em excelente empreitada. Tudo estava em ordem, todas as plumas, penas, contas, vidros, instrumentos, tudo, tudo, em caixas e caixinhas etiquetadas e dispostas de modo *bandy*, como dizem bem os de língua inglesa, à mão, prontas para o uso. Apesar dos protestos da família, lá mesmo, com elegância, co-

locou uma divisória e arrumou seu quarto de dormir que, se não era amplo, era confortável e aconchegante, a clarabóia bem em cima do lugar onde dispusera a cama. Acabada a arrumação, veio uma calma maravilhosa. Chamou os familiares, mostrou-lhes a disposição do cômodo. Estranharam, mas aprovaram, apesar da ruga mais profunda na testa do pai e do *ricтус* mais acentuado no canto da boca da mãe, enquanto os irmãos — um irmão e uma irmã, mais novos — cochichavam e davam risadinhas: cientista louco, disse o irmão, e saiu correndo para casa; esquisitão, disse a irmã, seguindo os passos do outro. Pois. Tudo se resolvera pacificamente. Com a serenidade dos que sabem que conseguiram o seu espaço na vida.

Nem se falava mais em vestibular. O pai, preocupadíssimo, a mãe, afogueada, conversas por telefone e cartas trocadas com os parentes, amigos e antigos professores. E ele ali estava, todo o tempo, com seus hábeis recursos e sua perícia, sem precisar de mais nada, se não de tempo, já conquistado o espaço sonhado, depois de tantas e tão difíceis medidas e resoluções, transcorridas entre agosto e dezembro de 1979.

Dezembro, e o sol insidiosamente jorrava em surtos de luz, fluando no espaço do quarto pela clarabóia: o quarto parecia então suspenso na luz, vagando entre sombra e sombra como nave espacial de transparência opaca. Quando se ganha nosso espaço na vida, o tempo começa a ameaçá-lo com sua corrida louca, a si mesma entregue, só percebida, entretanto, a partir do espaço instalado, mesmo que roubado, desse roubo que tem de ser praticado ou então a vida se encarrega de nos arrastar, definitivamente submissos, sem teto e sem morada, sem nada a não ser a sensação de estar num jogo em que se espera o desfecho, o árbitro, o apito e nunca se sabe quando. O menino, na verdade adolescente, mas adolescentes ainda são meninos com o pé fora e o pé dentro do que se chama de “vida adulta”, o menino exercia sua arte cada vez mais perfeitamente, mantinha contatos com caçadores de várias partes do país e as encomendas iam chegando, umas após as outras — para espanto e maledicência

dos vizinhos que ficavam a criar histórias as mais escabrosas sobre o conteúdo dos pequenos, médios e grandes pacotes, enquanto olhavam para réstias de janela e soslaio de cortinas a mais diversa espécie de portadores, todavia discretos, a entregar aqueles pacotes que o menino ia receber. O coração batendo, o coração. Entregou-se à sua intensa produção, sem querer nenhum tipo de ajuda financeira do pai, que a esta altura resolvera ignorá-lo, numa represália à sua indesejável atitude que o expunha, assim como toda a família, aos mexericos da cidade, e às incertezas do futuro para o primogênito varão. Não acudia ao pai a idéia de que aquele menino já era um profissional de alto nível. Mas para que precisava de ajuda financeira? Os seus trabalhos autofinanciavam-se: vendia seus animais a museus, colégios e colecionadores de várias partes do país; logo, do mundo. Recebia correspondência numerosa e respondia cada carta com atenção e presteza, anotando numa agenda preta seus compromissos com os outros. Na verdade, sua atividade fazia-o desenvolver variados tipos de maestria: a arte de ler e escrever, as leis da diplomacia, as regras do mundo dos negócios, história, geografia e antropologia, chegando até a aproximar-se dos compêndios antigos de alquimia, dos livros sagrados e dos serenos ardores da filosofia. Tudo assim, num suceder-se de cometa, num desfilar de anos em minutos, no embevecimento de perceber tão precocemente e de espaço tão constricto os grandes segredos da vida. Mesmo da política, que se infiltrava inelutavelmente entre si mesmo e o mundo, momentos de onde vislumbrava, horrorizado, os macabros jogos do poder e da corrupção, da sedução, da violência e da injustiça social, as greves se sucedendo, os acidentes de trabalho ocorrendo impunemente, enquanto ali trabalhava imerso e cada vez mais em seus afazeres, a beleza do produto compensando seu isolamento afetivo, aqueles belos animais eternizados, em estado de inteireza e juventude afrontando o tempo e seus extravios.

O ruído dos familiares e serviçais cessou, já era tarde, mas a música que antes o fizera contrair os olhos e torná-los quase sepultados na sombra animal das sobancelhas ficou nítida, mais

nítida, um fio de prumo a cortar com exatidão a errância das horas. Deixou-se assim, buscando o pensado, sem sentir-se atraído por nenhuma das tarefas a que se propusera naquele dia: havia um alce de bela cabeça à espera, o primeiro que recebera, vindo dos Andes, e, mesmo diante de tão preciosa perspectiva, ele hesitava. Sentia-se febril, agitado, gotas de suor desciam pelo corpo tenso, a testa latejava, o pulso acelerava-se. Cerrou os olhos: sentia a pele distendida e tersa, uma convulsão interna a paralisá-lo. Com dificuldade levantou-se e começou a manejar incerto nas caixas e instrumentos, um certo alívio, e começou a manipular aquele material com exatidão e presteza: respirava sofregamente, o suor continuava a correr e sentia-se líquido, quase vaporoso. Aproximou-se do espelho atrás do biombo do seu recanto de dormir, a clarabóia despejando a luz da lua pela cama e por todo o aposento. A respiração opressa decresceu, as mãos firmaram-se nos instrumentos, todo o corpo obedecia, submisso, ao seu comando. As mãos agilmente se movendo, numa perícia nunca antes atingida, como maestro regendo uma orquestra em que instrumento e som nele se encontrassem concentrados. A pele cada vez mais leve e solta, *flou*, como tão bem dizem os franceses, podia sentir cada articulação do seu corpo, peça por peça, como linhas num tear de bilros, os fios de palha pareciam-lhe sedosos cabelos de mulher, louros, flexíveis, aninhando-se carinhosamente em seu peito, os olhos abertos olhando-se no espelho, contas de brilho precioso, perscrutando-o frias e certeiras, tão claras e apaziguadas, ele se extasiava, suas mãos tornavam-se lentas, lentas, sentia que o trabalho se apurava e chegava ao *gran* finale, como tão bem dizem os italianos, os instrumentos caíram por terra, a música cessou. Em frente ao espelho ali estava ele, o menino, belo de uma beleza nunca antes possuída, sequer pressentida, o menino.

A mãe bateu à porta do quarto às sete da manhã: o menino tinha ido dormir sem jantar, chamava-o para o desjejum. Bateu, bateu e não vinha resposta alguma. Ficou preocupada, chamou o pai, novas batidas e ele não reagia. Formou-se um burburinho em frente à porta

do seu cômodo, de onde despencavam lindas flores róseas, amarelas e grenás de buganvílias, uma profusão de cores misturadas às de ervilha doce, em várias tonalidades crescendo em volta de todo o recanto. O pai arrombou a porta com a ajuda de empregados. Penetraram no quarto, tudo em ordem, avançaram par trás do biombo: ali ele, diante do espelho, imóvel. O menino, mais jovem do que nunca, do que jamais fora. Os galopes pelas matas, as corridas, as tocaias, os recantos que ninguém sabia ou saberia jamais, todo aquele mundo nos seus olhos, retido no reluzir de pedra sem jaça de seus olhos, o mudo deslumbramento.

Afinal por que gritavam tão alto, por que choravam e se maldiziam aos brados, o que diziam de monstruoso e terrível que não percebia?

O sol incidiu vigorosamente nos vidros da clarabóia, o quarto suspenso em luz, nave espacial de transparência opaca, parados os ponteiros dos relógios, o tempo aprisionado naquele espaço, domado no seu corcovear de cavalo enfurecido.

Rio de Janeiro, setembro de 1969, esboço
Califórnia (Berkeley), dezembro de 1979.

**Prêmio da Universidade Federal
do Paraná, Ponta Grossa, 1989.*

Orlando Pereira dos Santos

Nascido em Salvador, no bairro de Itapagipe, em 1941. Seu livro de estréia, “Sol do Meio-Dia”, contos, foi publicado em 1981, na Coleção dos Novos, da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Vencedor do Concurso Permanente de Contos do “Jornal da Bahia”, com o texto “Curvado Caminho”, em 1979. Com “Feliz Aniversário!”, obteve o 3º lugar no Concurso Nacional de Contos da Biblioteca Mário de Andrade, da cidade de Araraquara, São Paulo, em 1980. Com “O Último Trem”, livro de contos, venceu o Concurso Cidade de Salvador, da Academia de Letras da Bahia, em 1984.

Contista moderno, usa os meios econômicos da expressão, linguagem enxuta, frase curta, sem desprezar o poético. Carregado de força dramática, fere as notas de certa humanidade sofrida, triste e solitária. Seu jeito intimista de dizer, no espaço breve em que ficcionaliza o mundo, desvincula a estrutura narrativa da construção linear previamente trabalhada para o que se pretende revelar. Texto rico tanto na concepção como na execução, atingindo bom nível em sua eficiência estética.

O conto “Feliz Aniversário!” faz parte do livro “Sol do Meio-Dia”.

FELIZ ANIVERSARIO!

Olhou-se mais uma vez no espelho. No mínimo a décima aquela noite. Esfregou mais um pouco de crayon nas sobrancelhas. Será que estavam muito escuras? Não, não, assim estavam ótimas. Ajeitou com as pontas das longas unhas, pintadas de vermelho-cereja, os longos cílios postiços. Aprumou os cabelos presos em forma de um grande coque no alto da cabeça. Passou mais um pouco de batom carmesim nos lábios. Mais um pouco de brilho. Levantou-se (estava sentada num banquinho, em frente à penteadeira), e alisou com as palmas das mãos o corpo, dos seios às ancas, com ar de aprovação. Usava um caftan colorido e esvoaçante. Pronto. Estava divina. Sem nenhum exagero. Ah, o perfume! Jamais se perdoaria se esquecesse do principal. Umedeceu generosamente as pontas dos dedos e molhou a nuca, as têmporas, os cotovelos. Era o bastante. Meu Deus, como estava excitada! Parecia uma adolescente, embonecando-se para o seu baile de debutantes. Soltou um risinho de satisfação. Ela que já ultrapassara os quarenta. Pensava nisso sem o menor constrangimento. Outra mulher, no seu lugar, sentiria vergonha. Ela não. Também aquela noite era especial. Muito especial. Aguardava nervosa aqueles momentos, contando os dias, as horas, os minutos. Ansiava

por aquela noite, como uma criancinha anseia por um brinquedo de Papai Noel. E pasmem: era o dia de seu aniversário. Para a maioria das pessoas um acontecimento banal, como outro qualquer, às vezes até indesejável. Para ela esse dia significava emoção e prazer. Ele chegaria mais atencioso, Mais romântico. Mais terno. Dançariam coladinhos. Jantariam à luz de velas. Saiu apressada do quarto. Na sala de jantar apanhou de cima da mesa um pequeno sino de prata. Balançou-o. Pois não, madame, A criada surgiu, respeitosa e servil. Como vai indo o jantar, Clotildes, está tudo correndo bem? A sopa de aspargos, o suflê de camarão. Cuidado com o sal. Nada de muito sal. E a champagne? Não deixe gelar demais. Os morangos estão à mão? Ele é louco por morangos com chantily. Indagava tudo ao mesmo tempo, preocupada. Não se aflija, madame, Vai sair tudo ao seu gosto, a senhora verá. Tranqüilizava a empregada, uma senhora de meia-idade, perfeitamente cônica de sua capacidade. Madame, a que horas deverei servir? Perguntou. Lá para as dez, está bem. É... lá para as dez. Respondeu e foi em direção da ampla janela, toda de vidro. Abriu-a de ponta a ponta, deixando entrar o vento morno de verão. Morava numa cobertura, no décimo andar de um desses edifícios chiques. Olhou o vazio do tempo. O céu estava estrelado. Ficou uns bons minutos deliciando-se com a brisa que soprava. Aquele contato causava-lhe um prazer quase sexual. Sentiu um leve queimor subir-lhe às faces. Um arrepio correu-lhe as costas, das espáduas à cintura. Os pêlos dos braços eriçaram-se levemente. Apertou com força o para-choque de mármore da janela. Não via a hora de estreitá-lo em seus braços. — Suspirou feliz. Olhou o relógio de pulso: nove e trinta. Seu coração pulso mais rápido. Música. Música era fundamental. Foi até o gravador e colocou uma fita. O som vibrou baixo e macio como um sussurro. Ela sentiu-se totalmente envolvida pelos acordes de dois pra lá, dois pra cá. Quando deu por si estava dançando, os braços em volta do próprio corpo. A campainha tocou. Madame, chegaram para a senhora. Não são lindas?! Ele deve amá-la muito. Disse a criada, enlevada. Um imenso buquê de rosas vermelhas, envolto em papel

celofane, foi-lhe passado às mãos. Ela retirou o cartão e leu: Com todo o meu amor. Levou-o aos lábios e beijou-o, roçando-lhe de leve, Por gentileza, Clotildes, arrume-as num vaso com água, Pediu. Dirigiu-se a uma poltrona e sentou-se, pernas cruzadas. Largou os braços no espaldar, arriou comodamente a cabeça no encosto de veludo verde-musgo e ficou a sonhar acordada, Começou a cantarolar baixinho “o amor é azul”, fazendo coro com o gravador. O antigo relógio de parede soou vinte e três pancadas. Ela começou a impacientar-se. Não era costume dele atrasar-se tanto, pensou inquieta. O que teria acontecido? Nada de grave, decerto. Procurou afastar do pensamento idéias ruins. Foi ter novamente à janela. O céu agora estava nublado, prenunciando chuva, Uma chuva de verão, sem maiores conseqüências, deduziu. O vento estava um pouco frio. Soprava forte. Parecia querer entrar vestido adentro. Varrer-lhe os seios. Revolver-lhe o ventre. Desnudar-lhe as coxas. Vasculhar seu corpo inteiro. Violar sua intimidade. Descer até o fundo de seus abismos. Cerrou os olhos e aspirou profundamente, como se quisesse absorver toda a friagem da natureza, De repente tomou uma decisão: acercou-se da mesa. Riscou o fósforo. Acendeu as velas. Deixou que o palito se consumisse, até quase queimar-lhe a ponta dos dedos, Apagou a luz. O aposento mergulhou na penumbra. As chamas douradas refletiam nos cristais e porcelanas, metamorfoseando-se em figuras fantásticas, mais saídas da cabeça de um pintor surrealista, dando um toque quase irreal ao ambiente. Ela chamou a empregada. Pode servir, Clotildes, ordenou. E percebendo a surpresa desta: já é muito tarde. Não acredito que venha mais uma hora dessa. Deve ter acontecido algum imprevisto. Alguma reunião importante..., uma viagem súbita... É, só pode ter sido isso. Ele nunca deixa de vir. Nunca, disse, como que se desculando. Que pena, madame! Lamentou a criada, num tom de voz melodramático. Logo as travessas estavam na mesa, fumegando. Por favor, Clotildes, sente-se, pediu ela. Dessa vez o espanto da empregada foi maior. Mas madame, eu... gaguejou. E ela, explicando: Não se acanhe, por favor. Gostaria que me acompanhasse. Só assim não me sentirei

tão só. A empregada ainda quis relutar, mas recuou vencida. Ainda tonta com tão inesperado, e porque não dizer, honroso convite, ela sentou-se e ficou aguardando que a patroa tomasse a iniciativa. Não tardou muito. Vamos, vamos fazer um brinde, sugeriu ela animada. Encheu as taças de champanhe. Passou uma à criada. Então, tinton, feliz aniversário! desejou radiante. Feliz aniversário, madame, respondeu a outra. O jantar transcorreu na mais perfeita harmonia. Ela sorriu, gesticulou muito, contou coisas de si. A criada apenas ouvia. Perplexa. O fato é que a inesperada ausência do convidado, tão ansiosamente esperado, não pareceu tê-la entristecido nem um pouco. E se isso aconteceu, passou bem rápido. Estava disposta e bem humorada. Um tanto esquisita, essa patroa... pensava Clotildes, embora estivesse embevecida com o lauto jantar. Que ela contaria para suas amigas, não havia a menor dúvida. Ora se contaria. Não era todo dia que acontecia uma novidade daquela, sorria por dentro, vibrando. Graças ao seu tempero, Clotildes, mandei meu regime às favas. Nunca me empanturrei tanto, elogiou. Mais tarde, ao deitar-se, ela tinha duas coisas em mente, para por em prática, logo na manhã do dia seguinte, como fazia todos os anos: telefonar para a florista e encomendar um buquê de rosas vermelhas, para ser-lhe entregue àquela mesma data, no ano seguinte; e despedir Clotildes. Uma pena. Tratava-se de pessoa eficiente. Mas o que menos desejava era ter de compartilhar desilusões com quem quer que fosse. Muito menos com uma simples criada. Não seria difícil conseguir outra. Era antiga cliente daquela agência de domésticas e eles já a conheciam o bastante para saberem, que todos os anos, aquele dia, ela necessitava de alguém. Morreria se tivesse que passá-lo sozinha, sem uma companhia.

Ricardo Cruz

Nasceu em Salvador, em 26 de janeiro de 1941, mas viveu com a família em Itabuna até os dezanove anos, mantendo até hoje fortes laços com a região sul-baiana, que habitou sua infância e adolescência. Diplomado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, exerce a profissão de médico psiquiatra na capital baiana. Contos seus participam de antologias baianas. Seu texto “O Réprobo” foi incluído na coletânea “K Íugu of Rio Grande”, de narradores latino-americanos, publicada em Moscou, em 1973, na qual figuram, entre outros, Júlio Cortázar, Mário Benedetti, Rosário Castellanos, René Marques e Cyro de Mattos.

Publicou: “Roteiro para uma Tempestade”, contos, 1985, “Benditos Perversos”, contos, 1989, e “Todas as Luzes do Mar”, contos, 1998.

O texto “O Desejo e Sua Dança” foi extraído de “Benditos Perversos”, livro em que o ficcionismo agora erótico surge das relações cúmplices no cotidiano do existir, tenso de trama impõe marcas dramáticas e trágicas, infortúnios e perplexidades que só um autor talentoso e experiente consegue retransmitir.

O DESEJO E SUA DANÇA

Elvira estava próximo ao desespero porque ia completar trinta anos de idade e ainda era virgem. Mas preferiria morrer a declarar tal desespero a alguém. Para serenar seu desejo de homem, costumava dançar sozinha, trancada no seu quarto.

Bonita não era, nem sabia se arrumar com elegância. Dificilmente vestia uma saia ou uma blusa mais decotada, preocupava-se com seu modo de andar, para que não fosse confundida com alguma mulher vulgar, e ficava bastante desajeitada caso usasse maquiagem. Seus cabelos não tinham nenhum trato, e quase sempre cheiravam a substância mofada. Desconcertava-se se algum rapaz a encarasse. Morria de desejo de paquerar, ser cortejada, beijada, dormir com alguém, porém inibia-se e não tinha a menor noção de como encontrar um homem que de repente se interessasse por ela. Ficava logo rubra de vergonha e desviava o olhar. Revoltava-se por tais fraquezas, mas nada havia que pudesse fazer em benefício próprio. Logo ela que, em teoria, nada acontecia entre homem e mulher que não soubesse. Tinha consciência de que não se enfeitava de propósito para que não a notassem e pudesse, assim, passar despercebida.

Evitava olhar casais se beijando nas calçadas, embora não

fosse fácil manter os olhos sob controle, nem impedir que a cena continuasse a se repetir incessantemente no seu pensamento como se por obra de um hábil torturador. Um simples cartaz de cinema era capaz de deixá-la intensamente excitada, e não compreendia como as autoridades permitiam tanta licenciosidade. Não conseguia entender direito o que se passava consigo: desejava namorar, como todo mundo; ao mesmo tempo, sentia um inesperado nojo se porventura algum homem se aproximasse demasiado do seu corpo. Num ônibus espremia-se toda, para que sua coxa não roçasse com a de um eventual companheiro de viagem. Lia com frequência as notícias sobre estupros e jamais embarcava num táxi desacompanhada. Em todo motorista de táxi via um tarado disfarçado.

Seu comportamento era exemplar e elogiado. Jamais dava risadas ou falava palavrão em público, procurando ser superdiscreta em tudo. Quase ninguém a notava nas festas a que, de raro em raro, se permitia ir. Se algum rapaz se arriscasse a tirá-la para dançar, sabia mantê-lo à distância e nunca alimentava conversa ousada. Pedia logo que ele a deixasse ir sentar-se, o que afinal a aliviava, pois achava que não sabia dançar direito e todos a observavam. No entanto, era com uma mistura de inveja e despeito que percebia a cumplicidade dos outros casais enquanto dançavam. Porém, para não cair em tentação, censurava o modo como as outras mulheres se abandonavam aos braços dos parceiros, deixando-se guiar por eles.

Um sorriso educado estava sempre pronto em seus lábios. Sabia confortar os infortunados, tendia demasiado a curvar a cabeça para as pessoas, e desculpava-se à toa, por qualquer coisa que fizesse e não julgasse correto ter feito, porque vivia censurando-se em demasia. No ônibus cedia seu lugar às pessoas mais idosas, qualquer que fosse o sexo delas. Falava baixinho, por entender que era o mais educado, e evitava fazer barulho ou qualquer gesto que chamasse atenção, silenciando e encolhendo-se mesmo quando estava entre os colegas mais barulhentos e descontraídos e indiscretos da faculdade. Ah, sim! cursava o quarto semestre da Faculdade de Educação. Há uns seis anos

que já podia estar formada, mas vivia trancando a matrícula. Quando lhe perguntavam, explicava que era arrimo de família e trabalhava. Na verdade tinha medo de perder ano e envergonhava-se dos colegas. Havia um ou outro duplo motivo, inconfessável: reparavam na sua idade e nem era casada. Continuava, porém, desejando ser pedagoga. Muito mais que sua mãe, que não passava de uma professora do primeiro grau. Elvira era assim, sempre desejando.

Acontecia que na sua casa Elvira portava-se de modo bem diferente. Não demonstrava educação alguma: gesticulava muito, era extravagante no vestir-se, pintava-se bastante a ponto de chocar a família. Falava alto, fumava usando longas piteiras e dava risadas demoníacas. Quebrava objetos quando se aborrecia e arrastava os móveis. Discordava de tudo e de todos. Discutia. Além do mais, xingava. Xingava!

A casa só conhecia um pouco de paz quando ela não estava. Ou quando se recolhia no seu quarto. Seu quarto. Ninguém entrava lá. Ela não permitia. Nem sua mãe, nem seu pai. Muito menos os irmãos. Ninguém ousava contrariá-la. Não deviam sequer dar a entender que sabiam o que se passava naquele quarto. Trancada lá dentro, Elvira curtia mil fantasias. Muitas vezes, durante fins de semana inteiros não punha a cabeça fora dele. Possuía aparelho completo de som, inúmeros discos e fitas, televisão, geladeira e, principalmente, um guarda-roupa repleto de roupas que ela jamais cogitaria em usar fora daqueles limites. Introduzira alguns posters levemente eróticos e mandara cravar um grande espelho numa das paredes. Durante aqueles fins de semana Elvira bebia cerveja, vinho, fumava e sucedia-se incorporando várias personagens, trocando-se diante do seu espelho de mil maneiras caprichosas. Povoava sua privacidade com o mais completo desfile de minissaias, longos e saias bem rodadas de que se tenha notícias. E usava chapéus com flores. Blusas decotadíssimas e sem sutiã. Maquiava-se como as estrelas de cinema. Bastante batom escarlata ou de outras cores da moda. Bases, pós, sombras — mantinha ao seu alcance uma diversidade de estojos para maquiagem que com frequência comprava, embora morresse de vergonha ao encarar as balconistas das lojas de departamento onde os adquiria, todas as vezes que era assaltada por

uma inexplicável necessidade consumista. Essa vergonha, de naturalmente entrar numa loja e escolher e comprar o que desejasse, era um outro velho problema. Por isso preferia o agitado anonimato das lojas de departamentos. Numa ocasião encheu-se de coragem, entrou numa farmácia e comprou uma caixa de anticoncepcionais cujo nome decorara numa revista de assuntos médicos. Retirava-a todas as noites da gaveta da cômoda e punha-a sobre esta, sempre ao lado de meio copo d'água, exibindo-a, dessa maneira, para a multidão de fantasmas que invadia sua solidão.

Uma langerie negra e rendada, um par de meias de náilon igualmente negras e ligas de cor púrpura, nisso consistia seu disfarce habitual quando vinha muito intenso o desejo de se masturbar (evitava pensar nessa palavra assim, pois lhe parecia nojenta e obscena, preferindo usar *satisfazer* no seu lugar). Por vezes sua fantasia exigia que usasse só um corpinho bem justo e sapato de salto alto, sem nada mais por baixo. Vestida de um modo ou de outro, rebojava-se sem inibições diante do espelho, e imaginava-se uma outra Elvira, livre e dona do seu corpo, desejada, disputada, abraçada, beijada, chupada e possuída por uma legião de homens tesudos, aos quais correspondia como a mais ousada das mulheres que eles jamais conheceram.

Ultimamente, porém, acontecia de se masturbar com muita frequência e andava assustada. Se não fosse virgem, porque de tão desinteressante nenhum homem a queria, não teria necessidade de se *satisfazer* daquele jeito, pensava. Desconfiava que por fazer muito *aquilo* (era outra palavra que usava), as pessoas iriam advinhar. Advinhar, não. Teriam certeza. Como tinham certeza de que ela era virgem. Pois teriam certeza pelo inchaço dos seus seios que não conseguia esconder, quando se aproximava o período em que seu desejo era maior. Ou pelo seu olhar que passava a exibir um brilho diferente, sem pudor, sem inocência, quando irrompiam dentro dela as mais loucas fantasias. Quando vinham assim, precisava ausentar-se de imediato, de onde quer que estivesse, dominada pela ansiedade de voltar para o refúgio do seu quarto. No entanto, uma vez fora dele,

talvez o cheiro do seu corpo revelasse para os outros o descaramento dos seus desejos e pensamentos, e o que *era obrigada* a fazer, para aplacá-los. Quem olhasse para suas mãos, dedos de unhas cortadas rentes, asseadíssimas, não teria jamais dúvidas. Saberiam pelo seu modo preocupado de andar. Saberiam. De qualquer jeito saberiam. Nada havia nela, meu Deus, que ela pudesse esconder.

Quando vinha o gozo, aquele gozo tão secreto e ardente, dedos espremendo seios, coxas, a mão em concha sobre a vulva, punhos, pêlos, calcanhares, Elvira falava besteiras. Não se continha, nada mais havia que a pudesse conter. Balbuciava nomes feios, uma sucessão de rostos e corpos de homens brotavam inteiros ou despedaçados na sua imaginação, e frases que fariam corar uma prostituta brotavam da louca luxúria dos seus lábios encarnados (ainda bem que nesses momentos a música dos seus discos no aparelho de som abafava tudo), até explodir num grito rouco e contínuo que horas após ainda permanecia reverberando dentro do seu juízo, como uma mancha sonora e ameaçadora, a não extinguir-se mais.

Certa noite ela sonhara com o motorista que dirigia o ônibus do seu horário de todas as manhãs, quando ia para a faculdade. No sonho embarcava no ônibus e via que era completamente diferente por dentro. Tinha um aspecto de quarto amplo, as laterais e o teto eram forrados com tecidos acetinados e espelhos. Havia tapetes, cortinados e almofadas, tudo num tom vermelho-lilás que a intimidou. Camas no lugar dos bancos e estes se encontravam ocupados por figuras estranhas que a olhavam, surpresas por verem-na ali. O único assento convencional, no entanto, era o seu. De repente, via-se nua e não havia mais nenhum passageiro além dela. Não seria corajosa o suficiente para virar-se e olhar, mas SABIA que além dela e do motorista não havia mais ninguém. Contudo, a qualquer momento aquela gente estranha poderia voltar e ela estava nua. Precisava sair, esconder-se, voltar para casa e vestir-se, não sabia como. Então o motorista simpático arrancava. Através do retrovisor *ele* a olhava com uma insistência inconstante e sorria para ela um sorriso libidinoso

— na verdade ele riu para ela uma única vez e fora o bastante para sentir-se tão envergonhada, preocupada em tê-lo encorajado a tanto, que desistiu daquele horário durante semanas. Voltando ao sonho, não havia era como vestir-se; ou cobria o corpo com os braços ou os usava para apoiar-se, por causa da inércia. Tão pouco conseguia livrar-se daquele par de olhos do retrovisor devassando suas partes mais íntimas. A velocidade do coletivo a mantinha presa no assento, de nada adiantava pensar em esconder-se lá atrás, cobrir-se com uma ponta de cortina que fosse. Não podia fugir. Apesar do seu pavor, aquele motorista a fazia suspirar. O homem possuía braços perfeitos, musculosos, que a impressionavam, e uma cabeça bem plantada no tronco, transmitindo-lhe uma força que nenhum outro, com tamanha naturalidade lhe transmitira antes. Nesse momento do sonho viu que a alavanca de mudança era um enorme e frenético pênis plantado junto ao motor daquele ônibus. E aquela alavanca pôs-se em movimento e tentava alcançá-la, ondulante e viva, queria meter-se entre suas pernas, pulsando como um coração, guiada pela mão possante do motorista. Novamente queria fugir, levantar-se do assento, porém se o fizesse a alavanca-pênis com toda certeza a penetraria.

Não podia evitar a lembrança do sonho. Não, não era mais sonho, era delírio. Irrompia de dentro dela como uma força maldita, vencendo todas as barreiras: orações, cenas da infância, castigos, Jesus Crucificado, a Imaculada Conceição. Nada adiantava. Podia agarrar-se com todos os santos do mundo. Quando menos esperava o motorista de braços e pescoço possantes surgia dentre seus lençóis, enfiava-se nos dedos das suas mãos, fazendo-se acompanhar de cenas eróticas da pornografia em quadrinhos, banhos com os irmãos, noites de núpcias, astros de cinema, mulheres fantásticas (quem disse que não compareciam mulheres nesses momentos esfuziantes?), e ia esmagando seu ventre, enchendo-a de prazer, afastando suas coxas, enfiando-se no meio delas, fazendo com que escorregasse da cama, rolando pelo chão. Gozando. E vinha o grito. E a mancha. Sonora e ameaçadora.

Não podia livrar-se do pensamento atroz de que *aquilo* acabaria enlouquecendo-a por completo. Precisava fazer alguma coisa para parar. Queria parar com *aquilo*, não sentir mais desejo. Não trancar-se mais naquele quarto. Pensou desesperadamente em algo ou alguém que em definitivo a impedisse de continuar.

Foi exigir da sua mãe que a proibisse de trancar-se lá. Disse-lhe que o que mais desejava na vida é que ela fosse durona, jamais aquela mãe permissiva, como seu pai era, que parecia nem existir naquela casa. Queria que ela tomasse dela as chaves do maldito quarto. Todas elas. A da porta, dos armários, gavetas. Tudo! Podia, se quisesse, jogar fora todo aquele lixo que continha. O guarda-roupa inteiro! Jogasse tudo fora e lhe dissesse mil vezes que aquelas eram roupas de prostitutas, e a conjurasse a ser de novo uma filha decente. Podia até proibi-la de sair de casa. De cursar a faculdade. Batesse nela. Prendesse, antes que se transformasse numa mulher perdida, numa prostituta. A mãe, ao contrário do que ela pedia, mostrou-se espantada de início, mas com delicadeza e compreensão disse-lhe que não tinha intenção de proibi-la de coisa alguma. E para encorajá-la segredou-lhe que talvez precisasse era de sair com as amigas, arranjar um namorado. Ajudaria a resolver sua solidão. Era disso que ela sofria: solidão! De resto, nada via de errado numa jovem que gostasse de ter suas fantasias na privacidade do seu quarto, e se trancasse nele quando lhe desse vontade. As roupas extravagantes eram nada mais que seu desejo de ser uma mulher de verdade.

Aquela mãe revoltava-a.

Com aquela mãe ela jamais chegaria a ser uma mulher de verdade. Por causa dela, que nunca a proibia de nada, é que se tornara tão problemática! Elvira era assim, punha sempre a culpa dos seus fracassos nos outros.

Quis ir à Igreja. Confessar-se. Foi. Saiu de lá revoltadíssima. Quase xingou o padre de velho avançadinho, sem vergonha. Não ficasse feio para uma moça, teria xingado. Padreco metido, preguiçoso, isso sim! Devia ser suspenso das ordens. Excomun-

gado! Pois ouviu-a contar que fazia *aquilo*, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Como se contasse ter roubado um doce. Reafirmou-lhe o pecado mortal que vivia cometendo, jamais o confessara em tempo algum, assim mesmo comungava, e nada arrancara dele além de uma branda reprovação. Sentiu como se ele não lhe desse muita importância. Como podia desconsiderar o que para Deus, sem dúvida, seria o equivalente a estar possuída pelo mais cruel dos demônios? Sem poder vê-lo com muita nitidez através da tela do confessional, aquele padre lembrou-lhe o pai. A mesma fala mansa e arrastada, o mesmo ar desinteressado e frio. Disse-lhe o padre — e ela achou que a estivesse apressando — que precisava casar-se. Mas a isso, sem contudo dizê-lo em voz alta, ela contrapôs a convicção que homem algum jamais haveria de se interessar por ela. O matrimônio, com certeza, a aliviaria daquela pressão. Do pecado. Arranjasse um noivo! — Insistiu o velho padre. Ouviu-o dizer que não era bom para a saúde ficar tão preocupada, pois a maioria das moças fazia o mesmo enquanto solteiras. Como ela por sua vez insistisse com a idéia do pecado, o padre, um tanto contrariado, penitenciou-a a rezar três ave-marias e dois pai-nossos. Foi só. Nem ao menos proibiu-a de continuar com aquele enorme pecado. Para surpresa maior, ao finalizar a confissão, aconselhou-a com certa rispidez a que recorresse a um analista.

Ficou com a impressão que aquele padre não a queria de volta na sua igreja.

Uma amiga — das poucas que assim podia considerar — a quem confidenciou o quanto andava nervosa, com uns desejos e pensamentos esquisitos, os quais não tinha coragem de contar a ninguém, e o conselho que o padre lhe dera, impacientou-se com ela. De um modo que Elvira considerou grosseiro, disse-lhe a amiga que para curar nervoso daquele tipo o remédio era *arranjar homem*, só via essa solução. Para aquela espécie de aflição, que ela nem precisava se dar ao trabalho de contar porque não seria novidade pra ninguém, analista algum daria jeito. Pura perda de tempo! E riu-se dela.

Deixou em definitivo de falar com a amiga e por sentir-se, desde aquele dia, perseguida pelo riso dos outros, achou melhor procurar um analista. Foi tão difícil começar a falar! Surpreendeu-se, porém, de ter contado quase logo na primeira vez. O homem ouviu-a longamente e, não só disse que não a proibia de coisa alguma, como garantiu-lhe que o que fazia na privacidade do seu quarto não estava em desacordo com sua natureza de mulher. *Aquilo*, como ela, com escrúpulo, denominava, não consistia em nenhuma loucura da sua parte. Ao contrário do que pensava, enlouqueceria se não o fizesse, se deixasse de atender à sua natureza feminina. Reafirmou, ao final da entrevista, que não era seu papel proibi-la nem censurá-la por coisa alguma da sua vida. Estaria disposto a vê-la outras vezes para que continuasse falando com ele sobre seus problemas.

Primeira e última vez que foi ao analista. Fugiu do seu consultório horrorizada, achando que deviam tomar providências para que charlatões como aquele jamais clinicassem, perturbando ainda mais a cabeça das pessoas, em vez de acalmá-las. Instigando em vez de aconselhar. Onde andavam as autoridades, meu Deus?

Sem muita relutância deixou-se levar, por uma vizinha, a uma famosa mãe-de-santo. Esta, ao recebê-la no seu terreiro fez um gingado, mediu-a de cima abaixo com o olhar e lhe ordenou que girasse sobre o próprio corpo, o que a fez sentir-se ridícula. Tocou nas suas vestes e, como se estas estivessem carregadas de eletricidade, retirou de súbito as mãos. Por um instante manteve um ar perplexo, mas em seguida abriu-se para Elvira num largo e intrigante sorriso. Ficou séria de repente e pronunciou palavras que a moça não entendeu. Mandou que a vizinha se retirasse e, a sós com ela, jogou uns búzios para aconselhar-se como Ifá. Após muito meditar, disse-lhe que seu corpo passava por uma longa provação, mas era chegado o momento de libertá-lo do sortilégio a que se achava submetido. Pois dentro dele, do seu corpo virgem, sem que soubesse, escondia-se o de uma outra mulher muito, muito sedutora, investida de grandes poderes, e precisava preparar-se para a revelação dessa outra mu-

lher. Tinha razão quando dizia que os homens não haveriam de se interessar por ela. Era verdade. Porque não estavam preparados para vê-la, senão como a mulher fascinante e poderosa que era. E para que ninguém soubesse, fora necessário afastá-los todos do seu caminho. E aquele que porventura ousasse se aproximar dela antes da revelação, com toda certeza ficaria enfeitiçado. Tal feitiço poderia ser fatal. Só deixaria de sê-lo quando seu orixá desse permissão, o que graças a ela, sacerdotisa daquele terreiro, seria possível.

Elvira estava maravilhada e, também, muito assustada. Soube, ainda, que estava reservada para quem, como ela, tivesse um santo muito forte. Não seria para qualquer um. Era de Iansã e a posse desse orixá exigia que vivesse sozinha. Que vivesse escondida sob aquela aparência tão pouco atraente, sem graça, e que os cabelos cheirassem a coisa mofada. Era assim que Iansã se disfarçava nela. Contou-lhe, em seguida, a história desse orixá, que costumava esconder sua beleza sob a pele de um animal horrendo. De como fora descoberta na floresta por Ogum, que por tê-la descoberto, casou-se com ela, a dona dos ventos e das tempestades,

Era ela também quem exigia que na intimidade do seu quarto se cobrisse com vestes extravagantes e numerosas, de muitas cores e feitios, pois era de sua natureza ser muito faceira e caprichosa. Requeria música e bebidas. Iansã até então desejara que ela se disfarçasse, fora do quarto, como se sob uma pele feia, para que não fosse cortejada; para tanto, com sua força, fazia igualmente desviar do seu olhar o olhar dos homens, se ainda assim se sentissem tentados a lhe fazer a corte. Por enquanto devia ela aceitar a proibição da santa, que no entanto já demonstrava sua benevolência, pois fora igualmente por sua vontade que chegara até ali, para ela, a mãe, desvesti-la do encantamento.

Após a leitura dos búzios a mãe de santo recomendou que tomasse uns banhos preparatórios, avisou que era preciso contribuir com um dote para o terreiro, lhe fez diversas proibições e assegurou-lhe que para acabar com seus tormentos, além de uns tantos rituais

cujo cumprimento eram obrigatórios a qualquer iniciante, era necessário fazer a cabeça, como requeria Iansã. Ao final da cerimônia encarou-a e disse, sorrindo, que depois de tudo realizado, aí daquele a quem fosse permitido descobri-la na intimidade da sua verdadeira pele e com ela dançasse a dança do desejo!

Convencida de que não lhe restava senão esse caminho para botar fim a todo aquele sofrimento, na semana seguinte Elvira mais uma vez trancou a matrícula na faculdade. Voltou ao terreiro com todas as suas oferendas e apresentou seus colares de contas encarnadas para a lavagem sagrada. Permitiu rasparem-lhe a cabeça e, sem envergonhar-se com a presença dos outros, deixou-se ser despida pelas filhas de santo para o banho purificador. Depois, borrifada com sangue dos animais sacrificados na consagração a Iansã e com as vestimentas de uma iaô, preparou-se para o longo período de abstinência que a iniciação requeria, no indevassável recolhimento da camarinha.

Bahia, 1988.

Ruy Espinheira Filho

Nasceu em Salvador, em 12 de dezembro de 1942. Jornalista, mestre em Ciências Sociais, Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Mais conhecido como poeta e cronista, é também ficcionista. Consagrou-se nacionalmente como poeta com “As Sombras Luminosas”, 1981, Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa, da Fundação Catarinense de Cultura. É autor de livros infanto-juvenis, como “O Rei Artur Vai à Guerra” e “O Fantasma da Delegacia”. Como ficcionista publicou “A Sombra e o Rio”, novela, 1980, “O Vento no Tamarindeiro”, 1981, contos, e “Ângela Sobral Desce aos Infernos”, romance, 1986, 2º lugar no Prêmio Rio de Literatura.

Dotado de uma linguagem precisa, às vezes resulta sua ficção de reflexões líricas que se mesclam aos desencontros da vida, como em “A Sombra e o Rio”, às vezes compõe-se de belos momentos reconstituídos de um tempo perdido a se projetar em seu humor nostálgico, através dos fios eternos do sonho e da ternura, como nos textos de “O Vento no Tamarindeiro”, volume do qual foi extraído o conto “Emília”.

EMÍLIA

Ele voltava de um jogo de gude na praça e mal a olhou de passagem, interessado em examinar as três bolas e a rolimã que a sua pontaria conquistara gloriosamente. O rosto na janela, porém, o seguiu casa adentro. Pôde vê-lo melhor enquanto tomava banho — e quase nitidamente ao jantar. Moreno. Cabelos escuros. Olhos claros: azuis ou verdes?

Terminou a refeição mais cedo e foi para a porta: ninguém à vista; todos ainda jantando. Pôs-se a caminhar de um lado para o outro, na frente da casa. Na quarta ou quinta vez, estendeu mais o passeio para a esquerda, assobiando distraidamente: a janela estava aberta, iluminada, mas não havia ninguém. Fez mais algumas idas e vindas e viu Louro se aproximar.

— Ôba.

— Ôba.

— Cê ganhou a rolimã de Norato?

— Ganhei.

— Deix'eu ver.

Tirou a rolimã do bolso. Louro a fitou com admiração:

— Com essa você quebra a gude de qualquer um, mas comigo não vale não. Pra mim é só gude contra gude.

— E você acha que eu vou jogar com a minha rolimã contra essas gudes velhas e descascadas de vocês? Vou é com esta aqui, ó!

Mostrou uma bola de bom tamanho e já bastante surrada. O outro fez cara de desprezo:

— Num presta pra mais nada... Quer jogar uma partida?

— Ah, de gude eu já enjoiei hoje.

— Então, então... ficha?

— Tá bom. Peraí que eu vou buscar as minhas lá dentro.

Voltou com um pequeno monte de tampinhas de garrafa com as bordas abertas e batidas até se tornarem lisas, formando circunferências afiadas.

— Você começa.

— Não, você.

— Tá.

Bateram as fichas na parede e a de Louro foi parar mais longe.

— Você começa.

Atirou a ficha com toda a força do braço contra a parede — e naquele exato instante notou que ela saía para a calçada de mãos dadas com as duas meninas da casa.

— Puxa, foi longe! — exclamou Louro — não vou arriscar. Atirou sua ficha em direção contrária.

A luz do poste confirmou a cor do rosto e dos cabelos. Cabelos soltos, densos. E os olhos?

— Agora é sua vez — disse Louro.

— Tá bom... lá vai.

— ôpa! Essa já é minha!

Não sabia como, batera de mau jeito e a ficha caíra a apenas uns três palmos de distância.

— Tá no papo — disse Louro.

Calculou bem o impulso, lançou a ficha contra a parede — e ela foi cair a menos de um palmo da outra.

— Não disse que já era minha?

— Você é um cagão.

— Cagão nada! Cê dá uma sopa daquela...
— Olha Jorge ali.
— Vamos chamar ele pra jogar com a gente. Uma partida de três.

— Não quero mais,
— Frouxou?
— Frouxou uma ova! Tou cansado. Enjoei. Desde cedo que tou jogando pião, gude, ficha. Só se a gente brincar de outra coisa... Cadê a bola, Jorge?

— Ah, tá em casa.
— Então vamos buscar.

Sabia que, para ir à casa do outro, teria que passar pelas meninas. Passou, fingindo-se distraído. Morena. Cabelos escuros, abaixo dos ombros. Veria a cor dos olhos na volta. Olharia com atenção, diretamente.

Mas ao voltar encontrou a calçada deserta.

No dia seguinte ficou sabendo o nome. “Emília! Emília!” — gritavam as meninas na brincadeira de pegar. Corriam de um lado a outro da rua. “Emília, você não me pega!” Maior, ela as alcançava com facilidade. E também se deixava alcançar, para não tirar a graça do brinquedo.

Emília. Não havia ali outra com esse nome. Nem tão bonita. Com aqueles olhos... Ah, verdes! Antes dela Maria era bonita. Desde a noite, porém, vinha murchando.

Os amigos estavam na praça, mas ele pegou a bicicleta e ficou subindo e descendo a rua. Emília absorta na brincadeira. Desceu sem segurar o guidom, lentamente. Emília sorrindo para as meninas. Desceu novamente de mãos soltas, agora em meia velocidade, pedalando. Emília desviando-se agilmente das garotinhas. Com as mãos na nuca, voltou pedalando com fúria. “Menino, você cai! Monte direito, senão eu tomo a bicicleta!” A mãe na porta, gesticulando. O grito teria feito Emília olhar para ele? Não sabia, estava de costas. Tomara que não. Fora humilhado, tratado como criança.

Segurou com força o guidom e pedalou em direção à praça.

Não a viu mais naquele dia. Em vão passou a tarde fingindo ler um livro, sentado no meio-fio, diante da porta, sob o ficus. À noite perdeu quase todas as fichas pra Louro.

Esperava a todo instante vê-la sair ou chegar à janela. A mãe precisou chamá-lo várias vezes para dormir. Na cama, virava-se de um lado para o outro. A mãe comentara, no jantar, que ela viera da capital com os pais, parentes do pessoal da casa vizinha.

O dia seguinte arrastou-se lento, vazio. Em vão ele descera e subira a rua vezes sem conta de bicicleta. Em vão fingira ler o livro. Nada. A porta e a janela fechadas, a casa silenciosa. E se ela tivesse ido embora?

Aquela ânsia. A mãe o obrigou a entrar para tomar banho. Quando voltou à porta — o mesmo nada. Foi andando lentamente rua abaixo. De longe avistou o jardim, meninas passeando. E se...? Apressou o passo. Caminhou rápido entre as árvores. Precisava dar a volta completa para ter certeza. O coreto — e lá estava ela, falando com as duas meninas. Rodeou o coreto com o ar distraído, assobiando. As três deram-se as mãos, formando um círculo, e Emília puxou a cantiga:

“O cravo
brigou com a rosa...”

Ele sentiu uma alegria sufocante — e correu ao encontro de Louro e Norato, que acenavam de longe.

Não tinha mais tempo para dormir: precisava estar alerta para protegê-la. Às vezes sacava, com insuperável rapidez, os dois revólveres prateados — e cuspiu fogo mortal sobre a canalha. Ou derrubava toda uma quadrilha a munhecaços. Sem falar nas feras que liquidava a tiros, flechadas, facadas, ou com as mãos nuas. Emília salva. Mas sempre surgiam outros perigos — e o coração continuava

rompendo a noite a socos.

A mãe reclamava: aquela história de só querer usar as roupas novas. E ficar horas diante do espelho, gastando pente e brilhantina. Precisava acabar com isso. Antes pegasse mania de estudar, tirar boas notas como os filhos de Teresa. Mas ele, surdo, apanhava escondido as melhores roupas no armário. E não parava de lutar com os cabelos insubmissos, nem quando batiam com força de urgência na porta do banheiro. Uma vez levou uns cascudos por isso — mas só chorou ao ver desmanchado o penteado sofrido: os cabelos voltavam a saltar para o alto, espinhantes.

Limpo e bem vestido, punha as mãos nos bolsos e ficava passeando em frente da sua casa e da outra. Ali, com ele à porta, não entraria nenhum dragão, nenhum vilão. Apenas Laurico. Mas ele não representava perigo, só chatice. O que tinha de pequeno tinha de chato. Principalmente agora que se juntara ao grupo das meninas. Elas o levavam a toda parte e Emília às vezes passava a mão nos seus cabelos amarelos.

A bicicleta servia apenas para as idas e vindas na rua. Há dias não brincava na praça com os amigos. Ficava ali. Atento. Devotado. Até a morte.

— Você vai ao piquenique?

— Que piquenique?

Louro explicou: haveria um piquenique domingo, depois da missa.

— Mas quem é que vai fazer?

— Todo mundo. Pergunte pra mãe, ela deve saber. Foi a minha mãe que me disse.

Só se lembrava de um piquenique — quando era ainda muito pequeno. Aquela gente toda no mato, a comida no chão, em cima de toalhas, o pessoal comendo, bebendo, tocando, cantando, dançando...

— E onde vai ser?

Perguntava à mãe.

— Na beira do rio, eu acho. Seu pai sabe.

O pai confirmou: na beira do rio, domingo.

Saiu agitado. Emília na beira do rio. Poderiam passear, li bem longe, embora, deixando todo mundo, os dois, de mãos dadas para sempre.

Dura noite a de sábado. Como foi difícil tirar Emília das águas do rio, que ele nunca vira tão feroz! E mal a depunha, semidesfalecida, na grama da margem, um crocodilo o atacava por trás — e ele vencida o horrendo animal depois de longa luta, cravando várias vezes a faca no ventre esbranquiçado, que se esvaía em sangue. Sangue que todos, aterrorizados na margem — principalmente as mulheres e as meninas —, pensavam que fosse dele. E então ele emergia, coberto de glória! E a multidão... Mas isso na primeira vez. Na segunda era uma sucuri que o enlaçava por uma perna. Uma sucuri capaz de arrastar um touro dos maiores e quebrar-lhe todos os ossos do corpo, para depois engoli-lo. E ele, manejando habilmente a faca, decepava com um só golpe a cabeça enorme. E, saindo da água, tomava a mão de Emília e partiam no rumo de um horizonte azul.

Pela janela entrava o sol de domingo.

Nunca uma missa demorou tanto. Depois voltaram todos para casa: arrumações de última hora, um café mais reforçado. Engoliu a comida às pressas e saiu — com as botas engraxadas, calça nova de mescla, camisa azul com dois bolsos brancos.

Ficou ali zanzando. O automóvel veio erguendo o pó vermelho da rua e parou na casa vizinha. Buzinou. E lá estava ela na porta. Os cabelos diferentes, em rabo-de-cavalo. E então saíram os outros: as meninas, os pais delas e os de Emília, uma empregada e o chato do Laurico, Será que ele passara a noite ali? Muito pequeno para piquenique. Devia ficar em casa, que aquilo não era coisa pra criança.

Colocaram um cesto grande no carro, mais uns dois ou três pacotes — e partiram.

Ele gritou para dentro:

— Mãe, tá na hora!

— Não seja apressado! Seu pai já foi buscar Seu Mário!

Então iriam na camionete. Bom. Gostava de viajar de pé atrás da cabine, sentindo o vento no rosto.

Muita gente já na beira do rio quando eles chegaram. Meninos e meninas brincavam entre arbustos, enquanto os adultos conversavam e riam em pequenos grupos. Um homem tirava com dificuldade a rolha de uma garrafa e vários esperavam de copo na mão.

Logo ali estava Emília.

Norato e Louro se aproximaram:

— Vamos passarinhar?

— Não... Eu não trouxe o bodoque.

— Puxa, que errada!

— É...

— Bom, a gente vai.

— Tá.

Emília colhia flores num bando de meninas e meninos menores. À sua frente saltitava Laurico, se mostrando. Ele olhava de longe: não podia se meter naquele meio de crianças.

Saiu andando. Um de grossos bigodes levava o violão e tocava, acompanhando duas moças de vozes estridentes. Várias pessoas escutavam e, ao fim, aplaudiram. Viu à meia distância a mãe arrumando pratos sobre uma toalha estendida na grama. Mais adiante, o pai bebia e conversava com Seu Mário, o barbeiro e o dono da sorveteria.

Continuou a caminhar, pisando firme com as botas brilhantes. O rio deslizava manso, silencioso. Notou que quase não havia vegetação nas margens: onde se esconderiam os crocodilos e as sucuris? Enfiou as mãos nos bolsos e respirou fundo, sentindo a resistência da camisa. O sol refletia com força na água. O calor aumentava. Ele fez meia volta: Emília estava agora na beira do rio. Perto dela, várias pessoas. Podia se aproximar naturalmente.

As meninas atiravam flores na água. Um desfile suavemente

ondulante de malmequeres. Uma ou outra florzinha azul, branca. Ramos inteiros. Emília se curvava, bem na beirinha, refletindo-se na água lenta. Um pequeno desequilíbrio e poderia cair no rio. Mas não havia perigo: ele estava ali.

Aproximou-se mais. Bastaria estender o braço para tocá-la. Tirou as mãos dos bolsos. Nunca estivera assim tão próximo. Ao menos roçá-la levemente, de passagem, como se por acaso. Ao menos... Uma súbita algazarra às suas costas. Gritos. Correria. Antes que se pudesse voltar, sentiu que algo frio o atingia da cabeça aos pés.

Água e lama. Na camisa, nas calças, entrando pelo cano das botas. Escorrendo-lhe da cabeça, pelo pescoço. Laurico com a lata, rindo. A mão segurando o pescoço de Laurico. A outra mão, fechada, descendo sobre os cabelos amarelos — uma, duas, três vezes. Os gritos. Laurico comendo lama.

Então ele sentiu dois punhos nas costas:

— Covarde!

Agora, contra o peito:

— Covarde! Covarde!

Ela nunca estivera tão próxima. Recuou, tonto, a vida para sempre desgraçada.

Ruy Póvoas

Nasceu em Ilhéus, em 19 de maio de 1943. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia de Itabuna. Mestre em Letras Vernáculas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Titular de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Santa Cruz. Publicou “Vocabulário da Paixão”, em 1985, Menção Honrosa no Concurso Regional de Poesia Firmino Rocha, da Prefeitura Municipal de Itabuna, e “A Linguagem do Candomblé”, valiosa contribuição para o desenvolvimento dos estudos de sócio-lingüística afro-portuguesa no Brasil. Com “Itan dos Mais-Velhos”, livro de contos, conquistou o Prêmio Estadual Xavier Marques, da Academia de Letras da Bahia.

Com estilo marcado pela oralidade, percebe-se nesse contista que a concepção das personagens e a estrutura do enredo fazem com que a sabedoria encontre espaço generoso decorrente da prática da vida venturosa, não de um sistema de conhecimentos teóricos. O insólito transforma-se em mistério, sugerindo o elogio da sabedoria e marcando a presença do encantamento, maravilhoso e divino, como ocorre em “A Outra Ponta do Arco-Íris”, conto retirado de “Itan dos Mais-Velhos” para esta antologia.

É Babalorixá do Ilê Axé Ijexá.

A OUTRA PONTA DO ARCO-ÍRIS

Aquele assobio de cobra era um sinal ouvido e lido muitas vezes antes. Oiá-maji levantou a cabeça e fitou demoradamente a copa da gameleira-branca. Um vento forte, nesse mesmo instante, fez rodopio lá em cima. Estava confirmado: aí vinha traição. Era a fala de Iansã e Oxumarê, os dois juntos. Acocorou-se junto a uma das grandes raízes expostas e caminhou no pensamento. Lembrou pessoas e fatos, palavras e conversas de três meses seguidos. A única novidade que encontrou foi aquele homem ainda internado no *terreiro*. Coitado! Seis meses de hospital e ninguém conseguia entender o que ele tinha. Até que a mulher dele, desiludida e desesperada, foi consultar o *jogo-de-búzios*. Iansã falara, numa conversa muito rápida: “Influência da morte. Trazer o homem para cá. Vai haver tempestade. No fim, a verdade. Mas será depois da união das duas cobras”.

Oiá-maji não pensou duas vezes. Ordem dada, executada. Não se discute com Orixá. Hoje, vinte e um dias depois, o homem estava ali, quase são, terminando de cumprir o resguardo. Teria de conversar com pessoas do *terreiro* sobre o aviso.

A manhã arrastava-se com o sol faiscando sobre o Pontal. Um sopro morno vinha do nordeste, acompanhando a zoadá da briga

do mar com os recifes. Oiá-maji chegou ao portão e olhou para a estrada. Não. Não era uma estrada. Era uma serpente do tamanho do mundo, a cauda e a cabeça sumidas no horizonte e o corpo contorcido formigando vapores no ar. Em frente, um terreno baldio, cercado de pau-de-mangue, cujas estacas, serpentes enegrecidas com o tempo, lutavam sufocadas pelas ramas do melão-de-são-caetano.

À beira da estrada, uma enorme castanheira, toda enluvada por uma *jibóia* que ela mesma plantara. Quando o vento agitava as raízes aéreas da *jibóia*, cobras miúdas balançavam no ar. No céu limpo de verão, apenas um rolo de nuvem fina em espiral, serpente de bote armado, pronta para saltar. De repente, Oiá-maji sentiu algo incomodar a mão direita. Ficou horrorizada: seu anel em forma de serpente engolindo a própria cauda, símbolo de Oxumarê, adquiriu vida. A serpente abriu a boca, largou a cauda e deu-lhe uma dentada no dedo. No susto, Oiá-maji gritou e sacudiu a mão como que se quisesse amputá-la. Depois, tomou posse de si, retirou o anel do dedo, onde estava há vinte anos e guardou-o no bolso da saia. Fechou o portão e voltou para dentro.

Estava ainda mergulhada nos pressentimentos, quando ouviu o barulho de um carro estacionando na porta do *terreiro*. Um arrepio subiu-lhe pelo corpo e o nordeste jorrou uma baforada, derrubando folhas verdes e maduras, levantando a poeira da estrada, num redemoinho de espantar. Oiá-maji levou as pontas dos dedos ao chão e em seguida à testa, gritando bem alto:

— Eparrei Oiá! Força, minha mãe! Adupé Iouô, Iansã!

Caminhou para as pessoas que estavam descendo do carro. Era a viatura da polícia. Um sargento, um soldado e Dr. Asclépio, diretor da Santa-Casa. Oiá-maji entendeu tudo. A serpente se aproximava.

— Sargento Ricardo, a ação agora é sua. Disse o Dr. Asclépio.

— Bom dia! É a senhora, a dona da casa? Ricardo perguntou.

— Sou, eu mesma. Oiá-maji às suas ordens, de nome civil Joana. Muitos me conhecem como Joana da Rodagem.

Enquanto respondia, Oiá-maji viu o soldado de carabina

na mão aproximando-se. O sargento explicou-se:

— A senhora está intimada a entregar um doente por nome Juvêncio, sobre o qual estamos informados de estar aqui, na sua casa. Ele é paciente do Dr. Asclépio, esse senhor aqui presente. O Juvêncio foi retirado do hospital sem ordem médica e o Dr. Asclépio está movendo um processo contra a senhora por exercício ilegal da Medicina, curandeirismo e charlatanice. A senhora deve entregar-nos o Juvêncio e comparecer amanhã, às dez horas, na delegacia para prestar depoimento.

De repente, a rua estava coalhada de gente. Meninos para ver o carro, adultos impressionados com a presença da polícia, mocinhas assanhadas pelo soldado armado e todo mundo querendo saber o que estava acontecendo. Oiá-maji, envergonhada com o vexame, não saía do lugar. Sempre tivera medo de arma de fogo, soldado, polícia e coisas assim. Mesmo sendo a famosa mãe-de-santo do Pontal, no íntimo, não passava de tímida. Alguém trouxe Juvêncio lá de dentro, com uma sacola na mão. Ao vê-lo, Dr. Asclépio disse indignado:

— Aí está ele. Fraco, pálido, abatido, enfurnado num covil deste. Nós vamos levá-lo daqui, Juvêncio. Se você vier, nem será preciso essa mulherzinha aí ir à delegacia amanhã. Mesmo, ouviu Sargento Ricardo, eu não tolero sequer a presença desse tipo de gente. Você vem conosco, para testemunhar que pertencemos a uma sociedade civilizada e que os hábitos e superstições oriundos da escravidão precisam ser soterrados para sempre. A Medicina está muito avançada e a ignorância precisa ser combatida. Você vem comigo e prometo-lhe sua recuperação.

O soldado levou Juvêncio para o carro e sentaram-se atrás. O sargento tomou o volante. Asclépio passou glorioso entre as pessoas reunidas em volta do carro e abriu a porta do veículo. Quando já estava entrando, uma voz gritou:

— Asclépio, teu anel tem uma cobra. E ela vai te trazer de volta aqui. Aí vem tempestade!

Era Oiá-maji, cabelos soltos ao vento, com uma espada-de-ogum na mão. Asclépio olhou com os olhos atravessados, fez um

gesto de deboche e entrou no carro que sumiu numa nuvem de poeira. Muita gente entrou no *terreiro*, acompanhando Oiá-maji, agora Iansã, a Dona da Casa. Três rapazes tocaram os atabaques e Iansã dançou ao som de *aguaré*. Depois, no meio do barracão, os braços estendidos, sentenciou:

— O tempo só é ruim para quem não sabe esperar. Oxumarê, a Serpente do Arco-íris, faz o resto.

Lançou a sorte e retirou-se. Enquanto isso, Dr. Asclépio, já na Santa-Casa, após internar Juvêncio em apartamento de primeira, debruçava-se à janela de sua sala reservada, no primeiro andar do hospital. Lá em baixo, um pouco mais adiante, o mar aberto, a barra escancarada, o Morro de Pernambuco invadindo as águas. Asclépio sentiu-se o próprio morro. Desde que chegara a Ilhéus, há trinta anos, lutava contra bruxas e feiticeiros, eternos embusteiros, enganadores do povo. E agora *aquela mulher* estava vencida definitivamente. Havia tempos os problemas com sua clientela. A fama da feiticeira voava de boca em boca. Já existiam colegas seus, da geração mais nova, cometendo o sacrilégio de falar em *medicina alternativa, saber popular, valor do senso comum*. Onde já se viu? Voltar à barbárie? Era necessário, primeiro, que passassem por cima de seu cadáver. Chegara ali para lutar pelas luzes do saber, colaborar com o progresso e ajudar a tirar Ilhéus do primitivismo. Uma terra tão bonita e tão dadivosa... Um dia, fizera o juramento de Hipócrates, quando recebera o anel. Nisso, lembrou-se da frase da feiticeira. “Teu anel tem uma cobra. E ela vai te trazer de volta aqui”. E alisava o desenho da serpente enrolada no bastonete, símbolo da Medicina, a quem dedicara a vida inteira. Pena era Ilhéus não ser mais a mesma de trinta anos atrás. E uma sujeitinha como aquela seria levada para os fundos da cadeia e teria as mãos rachadas de bolo de palmatória. Mas o que fizera também valeu. Afinal repusera a feiticeira em seu devido lugar. E riu um riso baixo e gostoso, espreguiçando-se. Antes mesmo de ter nascido, seu pai já determinara o destino. Se tivesse algum filho homem, receberia o nome de Asclépio, o deus grego da medicina, e seria, com certeza, um médico. E ali estava

ele, vitorioso como o deus de quem recebera o nome, filho de Apolo e da ninfa Corônís, criado pelo centauro Quiron, famoso médico. Chegou-se a atribuir-lhe a faculdade de ressuscitar os mortos, alarmando Zeus, o deus dos deuses. Agora, Asclépio Homem reinaria sobre a Região do Cacau como o Asclépio Deus sobre Epidauro. E riu um riso gostoso, espreguiçando-se.

O vaivém da cadeira, o vento vindo do mar, uma leseira gostosa, chegando, chegando, chegando e o mundo sumindo das vistas, o anel de ouro formigando no dedo. De repente, a serpente do anel desenrolou-se do bastonete e começou a crescer. Tornou-se monstruosa e pegou Asclépio na boca enorme. Estava já na porta da feiticeira, ainda na boca da serpente. Por dentro, o monstro tinha fogo devorador. Por fora, um líquido pegajoso e fedorento que vitrificava a areia, quando caía no chão. O povo gritando em torno da serpente, oferecia-lhe holocausto em brados de alegria e prazer. Ela mesma, a serpente, trouxera sua própria oferenda. Haveria logo logo o sacrifício. A serpente experimentava o sabor da futura vítima, lambia o corpo de Asclépio e disse a todos que a vítima era boa. Aí trouxeram dendê e lambuzaram Asclépio dos pés à cabeça. Uma bacia enorme para aparar o sangue. Aí ouviu-se o som de atabaques e uma roda de negros suarentos foi-se formando, com cânticos e danças em torno do poste, onde Asclépio estava amarrado com serpentes vivas, finas e frias, produzindo nojo e pavor. Lá de dentro da casa da feiticeira veio um vulto de mulher. Era ela, a embaixadora das trevas. Vestida numa saia enorme com babados de fogo, rodopiando como um demônio e parou diante dele. Aí, Asclépio viu. A cabeça da feiticeira era uma enorme cabeça de dragão, soltando fumaça pelas ventas. Escancarou as mandíbulas, mostrando as presas enferrujadas, aproximando, aproximando... Aí, um berro, convulsões de braços, a mão de um enfermeiro sacudindo-lhe os ombros. Pediu *Calmofilase*, enxugou o suor do rosto e dos braços, tirou o guarda pó, abriu a camisa, bebeu o remédio, sacudiu a cabeça ainda meio atordoado. Lembrou-se de Freud, suspirou fundo e pediu desculpas ao enfermeiro.

— Um pesadelo, meu rapaz. Coisa horrível...

— Doutor, vim chamá-lo. Sua esposa está aí, no pronto socorro, passando mal e as notícias não são boas. Acho melhor o senhor se prevenir...

— O quê?! Minha mulher! O que houve, rapaz?

— Ela apenas chora muito e quer vê-lo imediatamente.

Asclépio recompôs-se e saiu às pressas, em direção ao pronto-socorro, no andar térreo do hospital. Na saleta um pouco apertada, três colegas seus já assistiam a sua esposa. Ao vê-lo entrando, a mulher irrompeu em choro alto, aos brados:

— Ah Asclépio! Nosso filho... o Clóvis... Notícias de Salvador... Asclépio, Clóvis... nosso filho, Asclépio... Câncer no pulmão... fase terminal...

Os três colegas também cercaram Asclépio, após aplicarem forte sedativo na mulher. Asclépio pediu que internassem a esposa para repouso e informou que iria sair para algumas providências.

Desceu a ladeira do hospital a pé. Não tinha condições de dirigir o carro. Mesmo, seu consultório ficava logo ali, na Rua Tiradentes, transversal à Ladeira da Vitória. No caminho, pessoas saudavam-no e ele respondia apenas com um menear de cabeça. A alma turva, a visão apagada, a garganta pegando fogo. Entrou no edifício e trancou-se no escritório. Ah, estava na sua trincheira, onde costurara os principais planos de sua vida: a compra do apartamento, a aquisição da fazenda de cacau, o passeio à Europa, a escrita de seu livro publicado sobre *Medicina e Religião*, em que combatia as crenças e superstições populares, os estudos, formatura e casamento de seu único filho Clóvis...

Agora? E agora? Tecera o destino do filho fio por fio. Fizera-o médico também, herdeiro de tudo, inclusive daquele luxuosíssimo consultório, repleto de livros e peças valiosíssimas, necessárias ao exercício da profissão. Ainda na semana passada, quando arquitetara o plano contra a feiticeira pensara em aposentadoria. O filho seria seu sucessor com marquise pronta, patrimônio sólido, casamento marcado para daí

a seis meses. Mas além de tudo, havia uma coisa mais forte: aquele amor sagrado, aquela amizade profunda que há muito transformara o filho na razão maior do seu viver. Sem Clóvis, a vida não teria sentido. O filho, na verdade, era a concretude de tudo que sabia, pensava ou queria. Agora? E agora? De que adiantariam suas posses? Seu saber? Seu poder de mando? Primeiro, Clóvis começou a emagrecer, sentindo constantemente uma sensação de desconforto. Pensou-se na ansiedade que antecederia naturalmente às festividades de casamento. Depois, Clóvis projetara-se muito rápido. Com seis meses de formado, clinicava com o pai, uma farta clientela, carro do ano, um apartamento no Santa Clara, o teto mais alto de toda a Região de Cacau, uma linda noiva, filha da alta sociedade cacaueira, casamento marcado para coincidir com a festa de São Jorge, ano internacional de cacau. Tudo isso era muito forte, muita emoção. Desde que se formara, o rapaz não tivera um tempinho só para descansar. Porque não aproveitar a última ida a Salvador, fonte de água limpa, e fazer exames de praxe? Agora? E agora? A foice da morte no ar, o desengano para sempre e ele, ali, impotente... Era isso: a Medicina era um homem velho, impotente, incompetente e incapaz. Ele agora era o próprio Deus Asclépio fulminado pelo raio de Zeus.

No dia seguinte, Asclépio e a mulher viajaram para Salvador no vôo das quinze horas. Um mês depois, um outro Asclépio descia do avião, velho abatido, exaurido de chorar pela morte do filho amado. No peito, a sensação de finar-se. Na cabeça, o plano de mudança total. Vender as propriedades, consultório inclusive, desfazer-se a qualquer preço de todos os bens, sair da profissão definitivamente e voltar para Salvador onde a esposa já ficara, esperando-o. Após tomar várias providências, Asclépio resolveu concretizar a última parte do plano e isso o obrigaria a voltar ao candomblé de Oiá-maji, acompanhado pela polícia.

Foi na segunda-feira. Dirigiu-se à delegacia e expôs o plano ao Sargento Ricardo. Ele, o sargento e o mesmo soldado de antes voltariam ao terreiro, no mesmo carro, e tudo deveria acontecer da mesma forma: na surpresa. Uma exceção, porém: um jornalista do *Diário da Tarde* haveria de acompanhá-los. Queria uma longa reportagem com

fotografia de todos. Teria de ser assim, pois esta seria a sua última vontade. Oiá-maji estava limpando as cobras de metal, insígnias de Oxumarê, quando viu o carro da polícia estacionando na porta. Outra batalha, na certa. Já Asclépio batia palmas no portão.

— Dr. Asclépio? Outra vez? Deus é mais forte! Iansã, minha mãe, valei-me...

— A senhora permite que nós entremos um pouco?

Oiá-maji ficou desconfiada. Notou o soldado desarmado e um tanto ressabiada abriu o portão. A fila indiana dirigiu-se para a casa. De repente, vendo a gameleira-branca enfeitada com uma faixa de tecido colorido, Asclépio desejou ficar ali, à sombra, onde um vento brando fazia carícias no mundo. Oiá-maji mandou alguém trazer cadeiras e todos se sentaram embaixo da gameleira. O portão já estava coalhando de gente, Asclépio puxou a conversa.

— Nós estamos aqui, por iniciativa minha. Este é o sargento Ricardo, este é o soldado Raimundo e este é o jornalista Rubem Corrêa. Este homem que a senhora está vendo aqui — e bateu no peito com a palma da mão — já não é aquele que um dia veio afrontá-la. Aquele Asclépio foi enterrado há um mês, junto com o cadáver do próprio filho, a pessoa mais amada deste mundo.

Puxou o lenço do bolso começou a chorar com dignidade e desamparo. Rubem tomou a conversa e narrou os últimos acontecimentos a Oiá-maji, que também chorava um choro de rainha. Já meio recomposto, Asclépio retornou:

— Na vida, minha senhora, há lugar para tudo e para todos e ninguém é dono do saber. Para mim, a Medicina é um homem velho...

— Não, doutor. Não é assim. A Medicina é saber dos homens. Mas os homens não sabem tudo. O senhor deve continuar curando. A humanidade ainda precisa do seu saber. Tenha paciência consigo mesmo, doutor. A misericórdia divina está acima de tudo.

— Talvez a senhora esteja certa. Mas o certo é que minha visita é de reparo. Gostaria que o nosso amigo aqui, o Rubem, fizesse

uma reportagem sobre as crenças de vocês, com a sua permissão. Principalmente quero pedir-lhe desculpas e elogiá-la pela dignidade com que a senhora me enfrentou naquele dia do qual me envergonho profundamente...

O grupo permaneceu calado, mas Oiá-maji sentenciou:

— Ora, doutor. Nós, os humanos, somos mesmo assim, iguais à pedra de brilhante: só reluzimos quando nos passam o esmeril.

— Bonitas palavras, estas da senhora. De muita sabedoria também. E essa árvore aqui? O que é mesmo que ela representa?

— É a morada de Oxumarê, a serpente encantada do arco-íris. Orixá de grande saber, beleza e encantamento. Ele é o pai do bom-tempo. Dirige as forças do movimento e sustenta a terra para ela não se dissolver. Ele nasceu na penúria, mas se fez pai da riqueza com o uso da sabedoria. Oxumarê, Dr. Asclépio, representa a união, o eterno recomeço de tudo.

Asclépio chorou um pouco mais. Depois já mais calmo, acrescentou:

— Interessante! Muito interesse, mesmo, essas crenças de vocês. Tão parecidas com os mitos dos gregos antigos...

E conversaram tarde a dentro, até o prenúncio da noite. O sol abraçava-se com as nuvens por trás do cemitério do Pontal, esparramando pó de ouro sobre a areia branca das sepulturas. No céu esbraseado, uma promessa de luz sobre Ilhéus, para o dia de amanhã. Um arco-íris gigante surgiu no leste, entre o mar e a terra. Nas águas, Oxumarê segurava uma das pontas. No chão, o deus Asclépio sustentava a outra, recém-chegado da Grécia, para festa da cura na Bahia. Por baixo da cortina do arco-íris, Iansã, empunhando o *eirukerê*, trazia Dr. Clóvis, redivivo, pela mão. Ele também empunhava uma insígnia, um caduceu encimado por duas asas. E duas serpentes de ouro, entrelaçadas no caduceu, cantavam um louvor à concórdia. Ele era agora o arquiteto da nova ponte entre o conhecimento e a sabedoria.

Sônia Coutinho

Nasceu em Itabuna, em 1939, e mudou-se com a família para Salvador, ainda menina. Contista, romancista, tradutora e jornalista. É autora dos livros de contos “Do Herói Inútil”, 1966, “Nascimento de Uma Mulher”, 1971, “Uma Certa Felicidade”, 1976, “Os Venenos de Lucrecia”, 1978, e “O Último Verão de Copacabana”, 1985.

Conquistou vários prêmios literários, com destaque para o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, e o Status para literatura erótica. Participa de antologias de conto, no Brasil e no exterior.

Sua ficção une arte e documento para situar o real imbricado nas limitações da condição humana. Desenganos, desencontros, problemas existenciais e psicológicos na cidade grande informam o herói em crise, que a autora logra exhibir com surpreendente força em suas narrativas.

O conto “Na Penumbra”, selecionado para integrar esta antologia, pertence ao livro “Os Venenos de Lucrecia”.

NA PENUMBRA

Se não quiser, não conte. Mas assim não vou poder ajudar. E não é isso que você espera de mim?

Está deitado na cama, ao lado da mulher, ambos nus e cobertos até o peito com o lençol encardido — ele na mesma posição que tomou, pouco antes, ao se desprender dela, depois de uma primeira (e frustrada) tentativa de fazerem sexo,

— Estou me esforçando para falar, mas não é fácil. Conversei com um psiquiatra durante três anos, lá na cidade, e não consegui dizer tudo. E esse tudo é que incomoda. Você precisa ter um pouco de paciência.

Se tivesse acreditado que ela ia mesmo chegar, levaria a roupa de cama e as toalhas para a lavanderia, e pediria ao faxineiro do prédio para limpar o apartamentinho de um só cômodo, com uma minúscula varanda dando para a área interna mais escura e enfumaçada de Copacabana. (“Morada de repórter recém-chegado do interior, trabalhando em jornais instáveis” — ele falou, sorrindo, meio constrangido, quando ela entrou, esta tarde).

Mas, embora ela dissesse que vinha, e até indicasse o dia — sábado próximo — num curto bilhete, o mais recente de uma correspondência cheia de subterfúgios (nomes trocados, endereços de amigos, etc.) que vinham mantendo, ele procurou tirar aquilo da

cabeça, tinha medo de se desiludir.

Pois, para ele, tudo fora fantástico demais, desde o começo. E, agora, ela dizia que decidira largar o marido, faria um acerto de bens, tinha direito a alguma coisa, depois partiria para o Rio, onde pretendia arranjar um emprego, sabia inglês e datilografia. Por que uma mulher como ela, que aparentemente tinha tudo, tomaria uma atitude assim?

— É uma coisa referente a sexo, você já deve ter percebido. Concentre-se nisso, agora. Quem sabe você vai descobrindo tudo e eu não preciso falar. Fica mais fácil para mim.

Ele não tomou nenhuma providência e, no meio da sujeira do apartamento, ela parece, mais do que nunca, uma alucinação de sua mente imaginativa. Muito bonita, sim, um tipo fino, loura natural, a pele branquíssima contrastando com a dele, morena demais — a lembrar constantemente a existência do avô negro, aquela origem humilde que o deixava (por mais que negasse, dizendo orgulhar-se dela) cheio de sentimentos de inferioridade.

— Para começar, pense em como se encarava sexo, lá em nossa Cidade. Talvez a situação tenha mudado, mas eu estou com vinte e nove anos e tive uma educação religiosa. Aprendi que sexo era uma coisa muito feia, um pecado. Pelo menos diziam isso a nós, mulheres.

A luz do quarto está apagada, mas ele deixou acesa a do banheiro, a pedido dela, que disse ter muito medo de escuridão. E, na penumbra, continua a observá-la, em silêncio. Não, a memória não o traiu, tudo nela corresponde às lembranças daqueles encontros, quase um ano antes, lá na Cidade. O primeiro, num grande almoço comemorativo oferecido aos seus funcionários pelo marido dela — um dos donos do jornal onde ele, obscuramente, trabalhava.

Bebeu alguns uísques e, de repente, surpreendeu-se ao lado dela — a Deusa Loura, como a apelidaram na redação. Ela folheava um livro de reproduções de Tanguy e ele teve algumas frases sobre “solidão e infinito”.

— Minha família era de classe média abastada, com pretensões

a subir ainda mais, socialmente. Existia neles aquela preocupação de me preparar para um “bom casamento”. Minha mãe, minhas tias, até as professoras, todo mundo vivia falando em Virtudes Familiares. O que Deve Ser Uma Família Bem Constituída, esse tipo de coisa. No fundo, importava apenas que a família do rapaz tivesse dinheiro, de preferência há várias gerações.

O mesmo tom de desafio, o mesmo jeito de adolescente contestadora que ela apresentava aquela tarde, quando passou dirigindo seu automóvel. Ele estava no ponto do ônibus e, para pasmo seu, ela parou e lhe ofereceu uma carona (“Você não é o rapaz da *solidão e do infinito*?”). Que se transformou em passeio, o primeiro de uma série, ao longo das intermináveis praias desertas da Cidade.

Num deles foi que ela falou: “Por que você não vai embora para o Rio, enquanto ainda é jovem? Não diz que quer ser um bom jornalista e um escritor? Aqui, você vai acabar como todos os outros que sonharam com isso — enterrado vivo”.

— Tentei várias vezes falar com Agenor a respeito disso, mas ele se recusava a ouvir, mudava de assunto. Parece que tinha medo de que eu lhe atribuisse a culpa do fracasso sexual do nosso casamento. Quatro anos durante os quais fomos quase apenas amigos, sem conseguir o menor entendimento na cama. Mas eu sabia, o tempo todo, que a culpa era de alguma coisa que eu trazia dentro de mim e me bloqueava.

Por que eu, ele torna a pensar, por que ela me escolheu para contar essa história? Não consegue acreditar inteiramente nisso, tem sempre a impressão de que aí existe alguma armadilha. Ele não é bonito, nem rico, sequer um jornalista conhecido. Apenas um sujeito obscuro, com uma origem mais obscura ainda. Dizem que é inteligente, mas isto não seria bastante para atrair uma mulher como essa. No começo, chegou a pensar que ela fosse uma espécie de ninfomaníaca, à cata de qualquer homem — já lhe acontecera um episódio assim.

Mas logo afastou a possibilidade e foi verificando que o problema era justamente o contrário — ela se mostrava recatada demais, comportava-se como uma virgenzinha. Mal lhe permitia

tocá-la, antes desta noite — quando acabou repelindo-o.

— Eu vou contar a você, estou sentindo que vou contar, daqui a pouco. Escute, esta é a minha única esperança — contar e me libertar de tudo, para sempre. Entende? Se eu conseguir dizer tudo, quem sabe afinal me sentirei livre.

Sem dúvida, existe em tudo isso um elemento de “paixão literária”, ele conclui. Sim, ela sempre gostou de ler, segundo lhe contou, escreve até uns poemas e, tendo vivido sempre protegida, pode dar-se ao luxo de ter *anseios românticos*. Dominada pelo narcisismo, sem distinguir vida e literatura, procura encenar com ele (decerto um público perfeito) o que leu nos romances e viu no cinema.

Uma figura pirandelliana atirando-se em seus braços, personagem em busca de um autor. Só que sua história (ele sorri, interiormente), vista de fora, talvez pareça um tanto batida, a velha história da mulher rica e bonita que abandona “aquela vida artificial” pelo amor de um desconhecido pobre, mas inteligente, pelo qual se apaixonou, enfrentando todos os preconceitos.

— Agora, pense no local onde tudo aconteceu. Foi na casa de minha família. Eu tinha doze anos, era uma menina introvertida, tudo me assustava, não tinha coragem de me abrir com ninguém.

Seja como for, já tem certeza, pelo menos, de que não se trata de nenhuma brincadeira de mau gosto, ela jamais teve a intenção de zombar dele, como chegou a pensar. Então, por que não acreditar que uma mulher como ela, com uma certa dose de ingenuidade e provincianismo (alguns meses de Rio já davam para ele perceber a diferença), em situação aparentemente desesperada, se sentisse atraída por um sujeito como ele? Um estranho, sim, mas às vezes a gente se abre melhor com um estranho, alguém afastado de circunstâncias que, por um motivo ou por outro, abominamos.

— Eu estava descobrindo o sexo, naquele tempo. Verifiquei, por exemplo, que acariciando meu próprio corpo eu sentia prazer. Então, comecei a fazer uma coisa que só mais tarde descobri ser masturbação. — Faz uma pausa. — Me dá um cigarro.

Ele acende o cigarro, vê que a mão dela está tremendo. Acaricia-lhe desajeitadamente o cabelo.

— Escute, será que é mesmo preciso você me contar essas coisas, agora? Talvez seja melhor deixar pra lá, esquecer. Ou então conte outra hora. Ainda é cedo, podemos dar uma saída, tomar um chope. Ou, se você preferir, pegamos uma segunda sessão de cinema.

— Não diga isso! Você tem de insistir, tem de arrancar tudo de mim, nem que seja preciso me bater. Se eu parar de falar, então você me espanca, me obriga a continuar.

Acende outro cigarro para si mesmo e fica pensando. Ela está visivelmente meio fora de si. Talvez deva impedi-la de continuar falando e, logo que puder, passar um telegrama ou dar um telefonema para a família dela. Mas logo reconhece que não teria forças para isto, essa mulher é o único presente que a vida lhe ofereceu, até agora.

— Eu era filha única, ficava muito tempo sozinha dentro daquela casa. Minha mãe saía constantemente, era jovem e alegre, não me dava nenhuma atenção. Eu vivia entregue às empregadas e lia muito, tudo que me caía nas mãos. Minha vida se desenrolava quase sempre no plano da imaginação. Mas, sabe, dentro da casa estava aquele homem.

Ela levanta-se da cama, a nudez visível na penumbra. Vai até a varanda, como se estivesse à procura de ar. E se tentar o suicídio, atirando-se deste décimo andar para dentro da área interna do prédio? Ele será responsabilizado e adeus todo esse esforço para provar ao mundo que é alguém.

Mas tem de arriscar, é o primeiro desafio de verdade que enfrenta, a primeira vez em que sua vida se aproxima dos romances que leu. Quando ela volta, senta-se à beira da cama e enterra o rosto nas mãos. Sua voz sai muito rouca e esquisita, com se viesse do fundo de um poço.

— Ele me tratava muito bem e, naquela época, começou a me acariciar cada vez mais. As mãos dele desciam pelo meu corpo, tocavam, como se acidentalmente, no bico dos meus seios, que es-

tavam nascendo. Um dia, os lábios dele encostaram nos meus, foi o primeiro beijo que recebi de um homem.

De repente, corre para o banheiro, ele ouve um ruído de vômito. Tem vontade de se levantar, de ir atrás dela, mas está como que chumbado. Alguns minutos depois, ela reaparece e torna a se deitar, cobrindo-se com o lençol sujo. Segura-lhe as mãos, estão suadas e frias como gelo.

— O que eu não disse ao psiquiatra foi o seguinte, ouça: eu não tinha apenas medo quando aquele homem me acariciava, eu também sentia prazer. Uma noite, eu fingi estar dormindo, ele entrou no meu quarto e, na escuridão, acariciou todo meu corpo. Quando saiu, eu me masturbei.

— Eu quero saber — ele fala devagar, medindo cada sílaba, com ódio — quem era aquele homem.

Ela sorri fracamente, como uma doente grave, no leito do hospital.

— Você não adivinhou ainda? Onde está a imaginação de ficcionista? Era meu pai.

Prende o rosto da mulher entre as mãos, beija-a na boca gelada. Não, não importa se tudo isso aconteceu ou não, como foi. Importante é que — sim, ele acredita — estranhamente essa mulher identificou nele um irmão no sofrimento e na humilhação e, contando isso, procura selar uma aliança. Sim, um pacto está sendo assinado entre os dois, até poderia romper as veias e juntar os sangue. Abraça-a, faz amor com ela, sem que a mulher esboce um só gesto — a estátua fria.

— Escuta, meu amor, você vai esquecer, eu prometo. Foi um pesadelo, mas você já acordou. Pensa, agora, que o fato em si não tem nenhuma significação, não existem valores absolutos. A única coisa que interessa é a maneira como você o encara, ou encarou. Digamos que tudo tenha mesmo acontecido — então você vai ter de aceitar, um doente e uma criança, tudo pessoa humana, gente e gente.

Mas ela está enregelada, não conseguiu aquecê-la. E fala confusa-

mente de como passou a trancar a porta do seu quarto, todas as noites, a fugir, quando ele se aproximava, de como foi ficando moça, a seu lado, fingindo que nada acontecera e ouvindo-o, calada, tentar impor disciplina, dizer que ela não chegasse em casa muito tarde.

— Basta, eu não quero ouvir mais nada. Prometo que você vai ser uma mulher como todas as outras, minha querida, Se precisar, você volta a conversar com um psiquiatra, um analista. Mas talvez não seja preciso, vamos conversar um bocado. Eu juro, você vai ter prazer com sexo — sem culpa, sem medo, sem nojo. E vai me amar de verdade, faremos até um filho. Trabalharei como uma fera, te darei um padrão de vida melhor, seremos felizes, você verá.

Cala-se, afinal, está exausto e suado e dessangrado. Num gesto lento, aproxima-se do seu peito a cabeça da mulher, passarinho ferido ou coelho doente.

— Fica quieta, dorme, ainda tem muito tempo pela frente. Você é moça, tão moça. A gente vai fazer tudo certo, de agora em diante. Todo o resto ficou para trás, não interessa mais de onde você veio, quem você foi, antes. Vamos partir da estaca zero, da tábua rasa.

Ela balança a cabeça, em sinal de assentimento, e ele vai se entregando à penumbra e ao sono, o grande sono que conduz aos abismos do inconsciente. Antes de dormir, tem uma última visão — ah, ele é muito forte, muito poderoso, um Hércules. Vai resolver todos os problemas dela, e os seus — sim, tudo é possível, com uma mulher assim a seu lado. A quem ele cobrirá de flores e de perfumes e de jóias — ela que o escolheu, entre todos os homens do mundo, para depositário de sua Revelação.

A respiração do homem vai ficando mais regular e ruidosa. Quando percebe que ele dorme profundamente, a mulher desprende-se devagarinho do seu abraço e fica observando-o. Depois se aproxima, beija-o de leve nos lábios. Com uma das mãos, acaricia-lhe o rosto, com a outra vai explorando o fundo poço do seu próprio sexo, numa lenta exploração de prazer.

— Papai, papai — ela murmura, olhando para o homem adormecido.

Vasconcelos Maia

Nasceu em Santa Inês, município do sudoeste baiano, em 20 de fevereiro de 1923, e faleceu em Salvador, em 8 de julho de 1988. Colaborou como cronista, durante anos, no “Jornal da Bahia” e em “A Tarde”, enfocando aspectos da paisagem, monumentos históricos e turismo, trazendo para o jornal fatos expressivos e interessantes da cultura baiana. Fundador da revista literária “Cadernos da Bahia”. Dirigiu a Superintendência Municipal de Turismo de Salvador e foi Ojubá do Axé Opô Afonjá. É o contista baiano que mais participa de antologias no Brasil e no exterior. Seus contos foram publicados em italiano, francês, alemão, búlgaro, russo e japonês. Deixou um legado literário importante, destacando-se os livros de contos “Fora da Vida”, 1946, “Contos da Bahia”, 1951, “O Cavalo e a Rosa”, 1955, “O Leque de Oxum”, 1961 e “Cação de Areia”, 1986.

Contista dos caminhos urbanos e marítimos da Bahia, cultivou o conto tradicional, com princípio, meio e fim, bem como o moderno em que o autor mais sugere do que conta, ausculta a alma humana e projeta na mente do perceptor a fantasia, resultante da síntese de uma situação dramática ou lírica. Sente-se neste contista baiano que o interesse no relato ou flagrante torna-se muitas vezes necessário para que o leitor de tal modo persuadido torne-se um participante da narrativa, cúmplice do que lê, vê, sente e vive.

UM SAVEIRO TEM MAIS VALIA

O dia estava muito bonito para eu permanecer no escritório. O saveiro ferrado no porto e Maria diante de mim. Me tentando. Os três. O relógio de parede marcava as dez horas. Me levantei decidido. Dei algumas ordens à secretária. Em seguida fui à cantina, perto, comprei alguma bebida refrescante, uma barra de gelo. Cheguei ao cais. Uma catraia passava por perto. Cinco minutos depois encostávamos no saveiro. Era um barco sólido e maneiro, dez metros, de vela de içar e bujarrona, proa elegante como uma gaivota, o casco pintado a capricho.

Era um típico dia de verão. O norte soprava constante, fazendo o longo mastro oscilar. Transporte os mantimentos para bordo. Ajudei Maria a embarcar, embarquei também. Mudei uma bermuda, e enquanto Maria trocava a roupa pelo maiô, coloquei as bebidas e o gelo no depósito de isopor. Maria saiu da cabine.

Coloquei os panos nas driças. Levantei a vela de içar, que ficou drapejando à brisa. Ajustei a buja. Só então puxei a âncora. O saveiro pôs-se a navegar serenamente. O norte estava fraco, não deu para aderná-lo. Passado o Forte de São Marcelo soltei a linha de pescar, amarrando uma das extremidades na perna. Olhei o mar, lá longe, na barra da Baía de Todos os Santos, e disse para Maria:

— Daqui a pouco cairá a viração. Vamos aproveitar este restinho do norte e depois entraremos na Penha com a viração. Vamos para a Penha. Concorde?

Ela anuiu, passando óleo no corpo.

Tínhamos ultrapassado o quebra-mar. Rumamos para a ilha de Itaparica, fazendo proa para o morgado da Penha. Me lembrei do historiador Ubaldo Osório. Era o maior conhecedor da ilha de Itaparica. E se reportava à Penha com um carinho muito especial, a quem ele só se referia como “morgado”. Peguei o vício com ele.

A viagem demorou duas horas, aproximadamente. Passamos a pequena barra, cercada de pedras, chegamos pertinho da praia. Lancei o ferro. Ferrei os panos. Quase imóveis na angra, contra as paredes da igreja, estavam já os saveiros “Viração” e o “Arco-íris” e a escuna “Estrela D’Alva”.

Enseada de águas mansas e claras, defendida do Oceano Atlântico por uma cadeia de arrecifes, a praia branca orlada de coqueiros, eis o retrato de Penha, de Itaparica. Vimos dezenas de estrelas-do-mar no fundo raso. Mergulhei, apanhei a mais bonita, ofereci a Maria. Ela a recebeu com um sorriso, mergulhou também. Em seguida, com algumas braças, atingimos a praia, num lugar onde não havia ninguém. Ficamos deitados, braços abertos, relaxados, sob um sol quente e confortador.

Eram duas horas mais ou menos quando a fome apertou. Nos dirigimos ao restaurante de Pai Orlando e lá encontramos, entre outros fregueses, o Vital, o Fernando, o Mundico. Foi uma festa, onde sobressaíram algumas receitas culinárias do Vital. Fomos servidos com pratos deliciosos. Banqueteamo-nos com lagostas e camarões, regados a vinho branco. Chegou um pescador oferecendo-nos cavalinhas, de dois a três quilos. Como nada havia pescado durante a travessia, comprei duas. Findo o almoço, os três amigos se despediram e fiquei dando meu dedo de prosa com Orlando, até que Maria me chamou. Demos um longo passeio pela praia, agora inteiramente deserta. A viração caíra, o vento rodara, agora era a vez do nordeste soprar com força, agitando as folhagens dos coqueiros.

O crepúsculo descia mansamente sobre a ilha. Sombras estendiam-se sobre a areia. Decidimos que era hora de partir. Podíamos passar a noite ali mesmo. Mas eu tinha de estar na Bahia ainda aquela noite, pois o meu irmão Pedro chegaria da Argentina, lá para as vinte e duas horas. Os três outros barcos tinham partido, Retornamos ao saveiro. Acomodamos as duas cavalas no depósito de gelo. O mar, antes tranqüilo como lagoa, quebrava nos arrecifes que circundavam a enseada, vinha agitar o interior da angra. Preso ao cabo da âncora, o saveiro corcoveava. Aparelhei-o e, não sem dificuldade, o botei em condições de fazer a viagem de volta. Icei o ferro. Corri para tomar o leme que Maria segurava. A vela inchou com a ventania. O saveiro bandeou todo, até que a água passou pela borda. Agüentei o leme com firmeza e Maria sentou-se na outra borda para equilibrá-lo. Conseguimos. O saveiro começou a movimentar-se, vento de proa, em direção à barra. Não foi fácil passá-la. Tive de fazer quatro ou cinco bordejos, cambando a vela bem perto das pedras. Passada a estreita passagem, aproei o barco para mar alto, evitando o vento de cara. O saveiro trespassava as vagas encorpadas, empinando feito cavalo selvagem. Nesse ritmo, navegamos bem umas duas milhas. Então, Maria começou a vomitar. Isso não era do seu feitio. Não havia mar, por mais brabo, que a fizesse enjoar. Era excelente marinheira e melhor companheira. Há sete anos me acompanhava e eu a conhecia bem. Quando teve os dois filhos, meus, não abriu a boca para soltar um gemido. Agora, porém, vomitava. Inclina-se à proa do saveiro e vomitava. Estranhei, fiquei preocupado. Tínhamos comido alimentos frescos e sãos, não podiam eles ser a causa daquele mal-estar. Esperei que passasse logo. Que fosse um súbito e rápido incômodo. Por isso mantive o rumo do saveiro, apesar dos corcovos a que as ondas o obrigavam. Maria não se queixava. Empalidecia e seu suor misturava-se aos borrifos do mar. Senti que ela não agüentaria aquele brutal balanço. Eu estava na rota certa. Indo mar afora teria maiores possibilidades de chegar cedo em casa, pois bastaria cambar o saveiro apenas duas vezes. Desisti dessa manobra, por outra, mais

demorada e menos tormentosa. Como a maré vazava, eu bordejaria pela costa da Penha até Mar Grande e, com sorte, montaria na correnteza que passa por ali, que me deixaria perto do Porto da Barra. Era outra opção que se me oferecia.

Ventava muito. O nordestão cavava buracos enormes no mar. As ondas, com a maré vazante, perto das pedras, eram perigosas. Depois de várias voltas não consegui muito progresso. O saveiro ia e retornava ao ponto de partida. Escurecia. E com a aproximação da noite o vento tornava-se mais forte e as ondas mais encapeladas. Então senti que seria incapaz de conduzir o saveiro sozinho. E Maria naquele estado. Resolvi voltar à enseada da Penha e dormir ali mesmo. No saveiro havia acomodações suficientes. Disse a Maria da minha decisão e vi um grande sorriso de alívio em seu rosto.

O mar rasgava-se de encontro às pedras ao longo de toda a costa de Itaparica. A noite, tendo caído de todo, fazia mais ameaçadora essa visão. Mudei a direção do leme e a situação da escota. O saveiro estremeceu. O mastro gemeu ao peso do vento apopado. O saveiro disparou velozmente para a Penha. As pedras que a protegiam, anteriormente submersas pela maré, agora despontavam, quebrando as ondas, oferecendo sério perigo. Só o senti quando era tarde demais. O leme montou em alguma coisa dura e quase era arrancado de minha mão. O saveiro trepidou violentamente mas conseguiu se safar para, em seguida, montar de novo. Larguei o leme, agarrei a vara e tentei tirá-lo dali. Um baque fez estremecer toda a sua estrutura. Uma onda e outra e mais outra arremessaram o saveiro contra a cadeia de arrecifes a poucos metros da barra.

Tudo aconteceu muito rapidamente. O mastro partiu e tombou sobre Maria. Ela o percebeu. Procurou livrar-se da ameaça, mas caiu no mar. Imediatamente nadou, procurando não ser envolvida pelas ondas que se quebravam nas pedras. Eu me atirei também, abandonando o saveiro à própria sorte. Náguas, tentei escapular da força do mar. Junto a Maria fiquei boiando, pensando no que fazer. Uma onda maior pegou o saveiro por baixo, suspendeu-o e o atirou definitivamente contra os rochedos. Esperei que fosse esmigalhado.

Mas quando a onda voltou, o saveiro, milagrosamente, ficou preso em duas forquilhas formadas pelas pedras, a quilha virada contra a arrebentação.

A água fria e a iminência da morte tinham reanimado Maria. Nadamos lado a lado e, juntos, depois de uma hora que nos pareceu dias, conseguimos, a duras penas, alcançar o saveiro. Dele passamos para as pedras. Estávamos esfolados, mas vivos. Sangrávamos por todo o corpo, mas eram lacerações superficiais, causadas pelo atrito com as pedras.

Ficamos grudados um no outro, tiritando de frio, procurando esquentar-nos, procurando descansar, para depois tomarmos uma resolução.

A maré vazava cada vez mais. Todas as pedras que estavam submersas começaram a aflorar. Defronte de nós a Cidade de Salvador brilhava com todas as suas luzes. Acima dela brilhava a lua. Era confortante vê-la assim, toda iluminada, tão perto e tão distante. Às nossas costas, a ilha de Itaparica estava aparentemente ao nosso alcance. Era porém perigosíssimo tentar alcançá-la pelas pedras, sob o risco de quebrar uma perna ou várias costelas.

Procurei conversar com Maria. Ela batia o queixo, agarrada a mim, aquecendo-se com o meu calor. Finalmente conseguiu dizer algumas palavras:

— Você não percebeu? Estou grávida...

Lembrei-me do enjôo inusitado que a assaltara no saveiro e de seus vômitos incomuns. Apertei-a mais estreitamente contra o meu corpo e perguntei:

— Tem certeza?

— Tenho — ela respondeu. Abracei-a com amor e compaixão:

— E agora o que faremos? — ela indagou, sabendo que eu não tinha resposta a dar.

— Vamos esperar que o dia amanheça. Um barco de pesca haverá de passar por aqui.

Só nos restava essa esperança. Aguardar que um barco

passasse ao alcance quando o dia amanhecesse. Mas, à medida que a noite fosse se acabando, a maré iria enchendo e, quando estivesse totalmente cheia, cobriria as pedras. Alguém em terra não teria visto ou pelo menos pressentido o naufrágio? Transmiti meu pensamento a Maria. Ela duvidou. Mesmo assim, em plena noite pus-me a gritar, o mais alto possível. O vento e o fragor das ondas afogavam meus gritos. Desisti e sentei-me novamente.

Procurei reatar a prosa, conversando trivialidades. A noite estava seca e a lua, boiando no céu estrelado, iluminava o mar.

— Nunca vi uma noite tão doidamente linda! — disse Maria.

Era um consolo.

Só nos restava mesmo esperar a madrugada e com ela algum pescador que se dirigisse para alto-mar. Era meia-noite. Tínhamos seis horas pela frente. Em seis horas a maré grande subiria e submergiria o rochedo em que estávamos. Pouco a pouco o vento amainara. Agora fazia uma calmaria completa. As ondas haviam diminuído de força e volume. Já não se chocavam ruidosamente contra as pedras. Rodeavam as pedras como se fossem elementos amistosos e não contrários. Não estouravam contra o saveiro. Afagavam-no.

Desci de onde estava com infinito cuidado, para não escorregar nas pedras e passei cuidadosamente para o saveiro. Procurei as roupas que havíamos tirado quando começara a viagem, na suposição que estivessem secas. Estavam encharcadas. A tampa do depósito de gelo em que eu guardara as bebidas tinha empenado, de maneira que voltei de mãos vazias.

Fazia agora um silêncio muito grande.

Talvez fosse o momento de gritar novamente por socorro. Não havia vento nem estrondo de ondas. Fiquei em pé. Lá longe, na praia, facho de luz tremeluziam. Calculei que seriam mariscadores a aproveitar a noite enluarada. Das mãos fiz concha e comeci a gritar. Gritei perto de uma hora, até me cansar. Nenhuma resposta. Nenhum movimento diferente. A não ser no mar. Peixes grandes vieram cir-

cular próximos do saveiro. Nadavam silenciosos, vendo-se apenas as barbatanas emersas. Sob o luar eu os identifiquei: eram cações.

Nadaram, nadaram e depois se foram como vieram, silenciosos e ameaçadores. Por muito tempo permaneceu tudo como estava. Quietos e mansos. Vimos dois navios saírem do porto de Salvador, ganharem mar alto: era um transatlântico, feericamente iluminado; o outro, era um petroleiro enorme. Tiritando de frio, já com bastante fome, ficamos a olhá-los, invejando as pessoas que neles viajavam, bem alimentadas e aquecidas.

A lua já tinha passado por nossas cabeças. O movimento da maré mudara. Agora enchia com rapidez. Ficamos a vê-la subir de nível, implacável. Um sentimento de apreensão e temor começou a me aguilhoar. Eu olhava a maré que subia, olhava o céu, na expectativa da claridade da manhã.

A água já chegava aos nossos pés, quando os primeiros albores começaram palidamente a coroar a Cidade do Salvador. Então, com a chegada do dia, no silêncio absoluto que nos cercava, ouvimos o chapinhar de remos nágua. A princípio como se viesse muito de longe, impreciso, para se tornar num ruído ritmado e cada vez mais perto. Primeiro enxergamos o mastro com a vela pendente, por sobre os recifes.

Fiquei emocionado, o coração bateu mais depressa, o frio desapareceu do meu corpo. Em pé sobre a pedra, com água pelo tornozelo, gritei. O ruído dos remos parou. Sinal que, do barco, tinham me ouvido. Uma voz respondeu ao meu grito, e gritando e falando eu os guiei, até que os do barco nos perceberam. Viram o saveiro agarrado nas pedras, nos viram com água já pelos joelhos. Aproximaram o barco o suficiente para o pegarmos. Passamos ao mar e o alcançamos depois de algumas braçadas. Fomos içados imediatamente pelos três homens que ocupavam o bote.

O mais idoso ofereceu um surrado mas confortante paletó de lã a Maria, que nele se enrolou. Depois foi a minha vez. Tomamos em seguida uns goles de cachaça, que muito nos serviram. Só então

entramos em explicações sobre como se deu o naufrágio.

O mais velho dos homens chamava-se Vavá. Vavá da Gamboa. Avaliou a posição do nosso saveiro e me disse que poderíamos salvá-lo. Eu já considerava o saveiro como perdido. Nem cogitara que podia recuperá-lo. Na situação em que me encontrara isso não tinha importância. Por isso, a notícia me deixou contente.

— É só esperar a preamar. A maré é grande. E quando estiver toda alta vai bastar só um empurrãozinho. Levamos ele rebocado pra praia.

— E sua pescaria? — perguntei.

— Um saveiro tem mais valia — respondeu ele.

Levou-nos para terra, por entre os canais perigosos cercados de pedra. Em casa, sua mulher recebeu-nos com as gentilezas dos bons. Deu-nos roupas secas. Fez Maria tomar um banho quente. E nos serviu um café forte com cuscuz.

A notícia de que acontecera um naufrágio correu como um rastilho. A casa se encheu de gente, todos querendo nos ver, querendo saber, querendo ajudar. Disso se aproveitou Vavá, o pescador, para escolher doze homens, entre os mais fortes e decididos. Todos toparam a empreitada. No lugarejo, sem novidades, aquela não era para ser rejeitada.

O grupo se dividiu em três e embarcou em três botes. Eu deixei Maria descansando e me incorporei a um deles. Rumamos para o local do naufrágio, remando. O sol já brilhava por sobre a Cidade do Salvador. Fui verificando o labirinto de canais e pedras por onde passávamos.

Chegamos. A maré enchera completamente. Como o mestre Vavá da Gamboa asseverava, a maré era grande e a preamar estava em seu ápice. Só identifiquei o local onde estivéramos por causa do saveiro. A pedra em que ficáramos, quase todas as pedras próximas, estavam totalmente cobertas pelo mar. O saveiro, porém, não ficou boiando como quisera Vavá. Sinal que havia algum rombo em seu casco. Ainda estava agarrado nas duas espécies de forquilha de pedra

que o salvara de esbagaçar-se. O mar estava manso, sem ondas, parecendo óleo. A soalheira era completa, pois os morros de Itaparica faziam sota ao vento norte.

Deixamos um homem em cada bote. O resto desceu ao mar. Obedecendo instruções do mestre Vavá, atingimos as pedras onde o saveiro estava montado e tomamos a posição designada. Cada qual procurando melhor apoio nas pedras, pusemo-nos a abalar o saveiro. Com alguma dificuldade conseguimos safá-lo. Lentamente, arranhando-se nas pedras, ele soltou e ficou a nado. A água invadira-o todo. Subi sem dificuldade por seu bordo e com um balde procurei aliviá-lo. Mestre Vavá e seus companheiros estenderam-me alguns cabos. Amarrei-os firmemente nos frades de proa. Os três botes, a remo, começaram a rebocá-lo.

Quando o viu, a nado e safo, embora de mastro quebrado, sem os panos, um rombo no casco, com metade nágua — mas mesmo assim, cheio de dignidade — só então lágrimas afloraram nos olhos de Maria.

COLEÇÃO NORDESTE

01. Joaquim. Nabuco: Abolição e República
Prof. Manuel Correia de Andrade
Universidade Federal de Pernambuco — Editora Universitária — UFPE
02. Flor de romances trágicos
Luís da Câmara Cascudo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte — EDUFRN
03. A ciência e os sistemas
Pedro Américo
Universidade Federal da Paraíba — UFPB
04. História da minha infância
Gilberto Amado
Universidade Federal de Sergipe — Editora UFS
05. Cancioneiro geral
Martins Napoleão
Universidade Federal do Piauí — EDUFPI
06. Cartas literárias
Adolfo Caminha
Universidade Federal do Ceará — Edições UFC
07. Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia dos anos JK (1956 -1961)
Maria do Socorro Silva Carvalho
Universidade Federal da Bahia — EDUFAL
08. Canais e lagoas
Octavio Brandão
Universidade Federal de Alagoas — EDUFAL
09. Cordéis
Patativa do Assaré
Universidade Federal do Ceará — Edições UFC
10. Frei Caneca: Acusação e defesa
Socorro Ferraz (organizadora)
Universidade Federal de Pernambuco — Editora Universitária — UFPE

11. Zé Limeira: O poeta do absurdo
Orlando Tejo
Universidade Federal da Paraíba — Editora Universitária — UFPB
12. Gregório de Mattos: Um códice setecentista inédito
Fernando da Rocha Peres e Sílvia Ia Regina (organizadores)
Universidade Federal da Bahia — EDUFBA
13. Os índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguai, seu destino após o descobrimento
Moacyr Soares Pereira
Universidade Federal de Alagoas — EDUFAL
14. Macau
Aurélio Pinheiro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte — EDUFRN
15. Os portugueses no Brasil
Felisbello Freire
Universidade Federal do Piauí — EDUFPI
16. Cancioneiro Geral — Volume 2
Martins Napoleão
Universidade Federal do Piauí — EDUFPI
17. O conto em vinte e cinco baianos
Cyrro de Mattos
Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus, Bahia) — EDITUS
18. Antecipações
Gilberto Freire
Universidade de Pernambuco — EDUPE